

REVISTA DA SEMANA

N.º 26

CR. \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

28-6-47





Num palácio dourado, seiscentos anos antes da era cristã, aconteceu isto certa noite a uma rainha, fascinada por amor proibido de que foi alvo um filósofo...cuja idade ninguém podia adivinhar.



WALTER WANGER Representa

**MERLE OBERON
TURHAN BEY** em



"Uma NOITE no PARAISO"

("Night in Paradise")

com

THOMAS GOMEZ • GALE SONDERGAARD • RAY COLLINS
ERNEST TRUOX • GEORGE DOLENZ • JEROME COWAN

Direção de ARTHUR LUBIN • Produção de WALTER WANGER

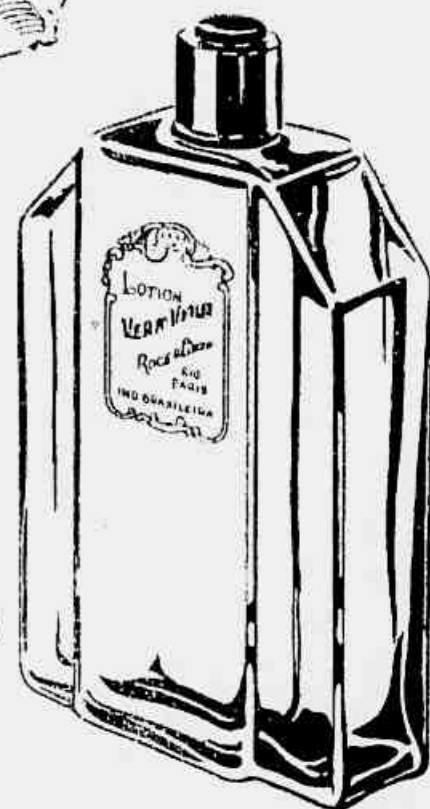
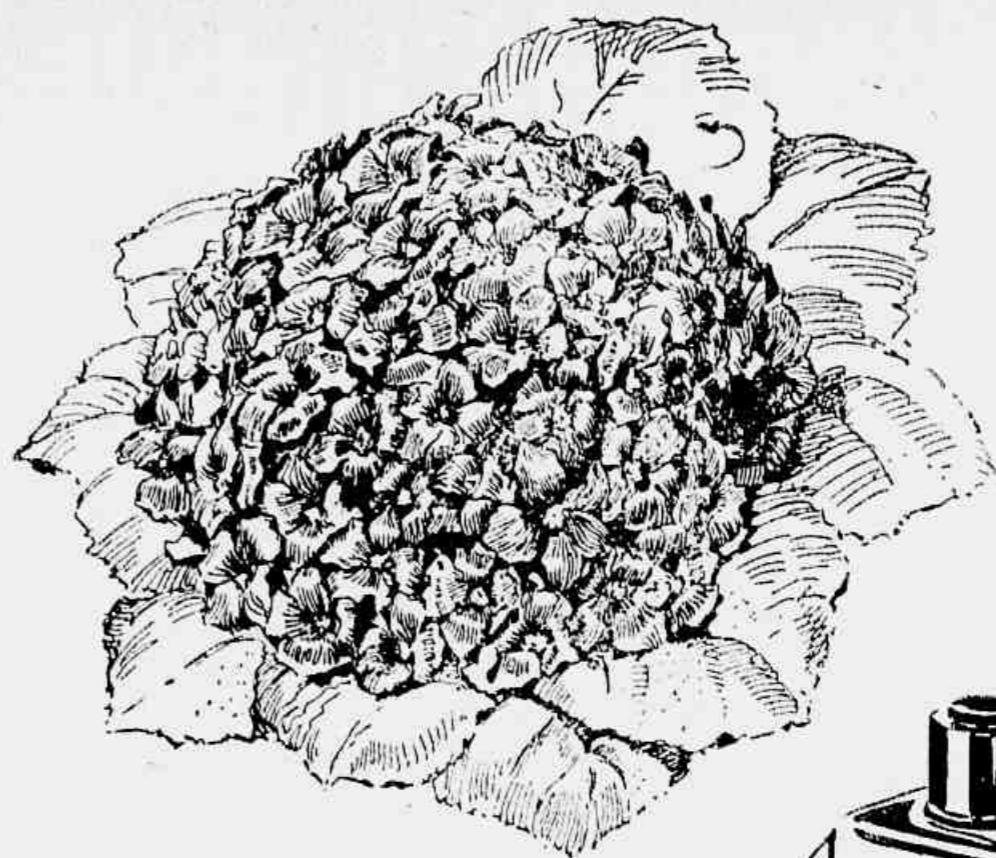


em **TECNICOLOR**





E MPOSSADO no cargo, o novo prefeito, general Mendes de Moraes, escolheu um secretariado menos político e mais técnico do que se esperava. — e algumas das escolhas foram na verdade ótimas. Por exemplo: a do professor Clovis Monteiro, educador de real merecimento, para secretário da Educação. Também repercutiu muito bem o seu ato, nomeando diretor de Difusão Cultural o professor Maciel Pinheiro, antigo diretor da Rádio Roquette Pinto. O novo prefeito tem visita-do, de surpresa, vários serviços públicos, entre os quais o Pronto Socorro, bem como as feiras livres, surpreendendo falhas e irregularidades que tem procurado remediar sem perda de tempo. Mas a verdade é que a primeira crise do seu governo já surgiu, com a renúncia do coronel Gilberto Marinho do cargo de secretário geral da Prefeitura. Para o Banco da Prefeitura, foi nomeado, como diretor, o ex-deputado, ex-prefeito e ex-embaixador Henrique Dodsworth. O Sr. Hildebrando de Góes deixou o cargo largando nas mãos do seu sucessor uma bomba de retardamento, — a indicação da Câmara Municipal no sentido de ser dado à Avenida Getúlio Vargas o nome de Avenida Castro Alves. Sendo o general Mendes de Moraes um dos militares que depuseram o ex-ditador, ainda agora apontado pelos generais Canrobert e Zenóbio da Costa como envolvido numa conspiração de sargentos, vamos ver em que dará aquela indicação... Fez-se grande alarde da presença do ator cômico Bob Hope na Câmara Municipal, tudo isso porque o vereador Carlos de Lacerda foi acusado de ter confraternizado com o ilustre bufão cinematográfico, durante uma viagem de lancha através da Guanabara, no momento em que era discutido, em sua ausência, um projeto de sua autoria. Carlos de Lacerda negou que estivesse bancando o "fun" de Bob Hope e declarou que estava, isso sim, tentando arranjar plasma de sangue para um hospital municipal. Per falar nisso: o general Mendes de Moraes precisa ver em que triste estado está a maioria desses hospitais... Teve a mais deplorável repercussão no meio teatral carioca e insolita e injusta agressão do autor de chanchadas Paulo de Magalhães ao empresário e diretor de cena Chianca de Góes, que tanto tem feito para elevar o nível do nosso teatro musicado. A agressão, que não passou sem protestos, foi feita em desastrado discurso proferido no palco do Recreio, durante uma homenagem ao autor Freire Júnior. Mas este, que é um homem sensato, se apressou a telefonar aos jornais, dizendo que, em absoluto, não se solidarizava com as expressões do infeliz orador... Inventaram que o Gran Circo Americano estava dando gatos e cães às suas feras, o que quase levantou a Sociedade Protetora dos Animais contra o pavilhão gigantesco, armado em frente ao Ministério da Fazenda. A direção do Gran Circo contestou a notícia. O que ninguém disse foi que o Gran Circo não é americano. Deve ser, no máximo, sulamericano. Se fosse coisa vinda dos Estados Unidos, como nos tentaram fazer crer, seria quando menos o "Big American Circus", em vez de Gran Circo, que cheira a coisa espanhola... E alarmante, na verdade, a situação do ensino secundário no Brasil. Num discurso no Senado, o senador baiano Afonso de Carvalho Filho revelou que, em 1971, inscreveram-se na Escola Naval 400 candidatos a admissão, só passando, no entanto, 10 no exame vestibular. Na Escola Militar, a coisa foi ainda pior. Inscreveram-se 200 e só passaram 30... Também, com tantas reformas de ensino e tantas exigências burocráticas a preencher, a maioria não sabe o que estudar, nem como estudar... Tristíssimo, aquele caso de Niterói, onde ficou provado que a própria polícia matou um comerciante, isento de qualquer culpa grave, para se apoderar de doze mil cruzeiros que o desgraçado tinha em seu poder... Um matutino da capital mineense declarou que o governador tora o mandante de tão brutal espancamento, ou melhor, de tão estúpido homicídio, — e o governador resolveu processar o jornal, pelo crime de calúnia. Mas não se esqueça o governador Macedo Soares de que a melhor maneira de provar que nada tem que ver com o caso e punido os culpados exemplarmente e expurgando a polícia mineense de elementos sem idoneidade. Sob o título de "Letras e problemas universais", o Sr. Alceu Amoroso Lima (Anísio de Azevedo) iniciou sua colaboração regular no suplemento do "Diário de Notícias", que, assim, ganhou um excelente colaborador. O mestre publicista catonco está, segundo ouvimos, na lista negra de um outro matutino, a que, no passado, deu lustre e prestígio... "A Fala pelo seu comandante" e o título do livro do marechal Mascarenhas de Moraes (e de alguns colaboradores do mestre militar), publicado pela Ipe, de São Paulo, mas impresso na Argentina, em razão do congestionamento das nossas oficinas gráficas. Em Akron, no Estado de Ohio, casou-se Maria Fátima Frestone, neto do milionário Harvey E. Frestone, com William Clay Ford, neto do milionário Henry Ford. Com esse casamento, os automóveis Ford certamente vão calçar, ainda mais frequentemente, os pneus Frestone... Em Paris, houve uma greve de comerciantes, em seguida a dos bancários, da qual resultou o fechamento de lojas internacionalmente famosas, como as "Garenas Lafayette", "Au Bon Marche" e outras... Harry Point, secretário do Partido Comunista Inglês, foi proibido de entrar nos Estados Unidos, para assistir a um congresso partidário marcado para 4 de junho. Chegou ao Rio, como hóspede de honra do nosso governo, o general norte-americano Carl Spaatz, chefe das Forças Aéreas dos Estados Unidos. Nesta mesma semana, nospedaremos o presidente do Chile, Sr. Gabriel Videla. Foi durante nove horas e cinquenta e dois minutos, na Câmara dos Estados Unidos, o deputado republicano Wayne Morse, que combatu o veto do presidente Harry Truman a uma lei de controle das atividades sindicais. Se o deputado republicano não tinha boas razões, ao menos ninguém poderá negar que ele tinha bom folego... "Vossa excelência é um estúpido e coisa ainda pior do que isto!", foi a frase com que o ministro Eamon De Valera, chefe do gabinete da Irlanda, agrediu o deputado James Dillon, no Parlamento, quando esse deputado o acusou de ser um mero testa-de-ferro dos ingleses e afirmou que, nas suas relações internacionais, a independência da Irlanda não passava de "uma mentira viva". Os impostos sobre radios, cartas de jogar, perfumes, fumos e bilhetes de loteria vão ser aumentados, por iniciativa do deputado Jandui Carneiro, destinando-se o aumento à constituição do Fundo Nacional de Proteção à Infância. Não deixa de ser simpática a ideia de que cada vez que metermos um enaruto na boca estaremos também metendo uma manada na boca de uma criança abandonada... Foi hoje chegada... Até sábado, — quer dizer, até ao número de aniversário da REVISTA DA SEMANA, com muita colaboração interessante e vinte páginas de modas, número que será vendido a cinco cruzeiros em todo o Brasil...



Loção
VERA VIOLETTA

UMA CREAÇÃO INIMITAVEL DE
ROGER & GALLET
RIO · PARIS

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rólha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO
OFICINA DE 1.º ORDEM AVIAM-SE RECEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO
OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28
Joalheria
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO
JOIAS, RELÓCIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES



Famílias Inglesas evacuadas da Palestina chegam a Dover, na Inglaterra, à procura de abrigo seguro.

ODIO, SANGUE E MORTE NA TERRA SANTA

O TERRORISMO NA PALESTINA — QUE PODERÃO FAZER OS INGLESES CONTRA OS TERRORISTAS? CEM MIL SOLDADOS PARA VIGIAR DOIS MILHÕES DE TURBULENTOS

★

Por **PIERRE FREDERIX**

Da **FRANCE PRESSE**, especial para **REVISTA DA SEMANA**

Sir Alan Cunnigham, o "homem forte" da Inglaterra, Alto Comissário Britânico na Palestina.

OS Ingleses têm cerca de mil soldados na Palestina. Cem mil soldados para vigiarem 1.200.000 arabes, que por enquanto não se mexem, e 600.000 judeus, cuja maioria foi e desejaria voltar a ser amiga da Inglaterra. Desses 600.000 judeus, um grupo pequeno, somente, passou, com alma e corpo, para o terrorismo; uns mil ou dois mil, talvez, combatem, de armas na mão. Digamos que esses dois mil são dez mil. A desproporção seria ainda esmagadora.

E si se não tratasse sinão de efetivos... Os terroristas têm revólveres, metralhadoras, granadas, explosivos. Têm mesmo alguns morteiros, ao que se diz. Os ingleses dispõem de armamentos, de munições, de carros de combate, de tudo quanto faz um exército moderno. Têm um estado-maior competente, tropas disciplinadas, uma polícia que certamente não se ressentem de falta de experiência. Dispõem de um orçamento — o do governo palestino — do qual mais de 30 por cen-



to são consagrados à manutenção da ordem, e de um arsenal legislativo que é, praticamente, o do estado de sítio. Revistam as pessoas nas ruas e fazem buscar nas casas, de dia ou de noite, à hora que lhes convem. Teriam, mesmo, o direito, em teoria, de condenar qualquer pessoa à morte, simplesmente pelo porte ilegal de armas. Têm o direito de prender suspeitos, de os manter nos "Campos", na Palestina, de os deportar para a África, sem julgamento, por tempo ilimitado, tão apenas como medida de precaução administrativa.

Não estou, presentemente, criticando. Estou apenas constatando. Todas as nações europeias de história colonial foram levadas (e muitas vezes ainda o são) a tomar medida análogas. O fato da Palestina não ser uma colônia, mas um território sob mandato, e no qual o Mandatário foi, ao princípio, muito bem recebido, em nada simplifica, hoje, o trabalho dos ingleses.

7

A enormidade dos meios de que dispõem-
teria, pelo menos, lhes servido?

Vendo-se os resultados, poder-se-ia du-
vidar.

Eles não conseguiram nem interromper
a série de atentados, nem suprimir sequer
um jornal clandestino. A rádio-emissora
do Grupo Stern foi surpreendida. Poucos
meses depois, estava restabelecida. Os
salvo-condutos, as carteiras de identida-
de? Tudo se limita... Os boletins? Não
se podem fiscalizar todas as cisternas de
gasolina; não se podem fiscalizar todos os
cestos de provisões que penetram numa
zona reservada.

E as prisões? Entra dinamite em cestos
de laranjas e, à véspera de sua execução,
o scondenados fazem a prisão ir pelos
ares...

Prendem-se terroristas, por acaso, nas
"canoas"; são presos quando estão feridos...

Árbitro versus combatentes

Outra potência, a não ser a Inglaterra,
teria tido êxito na Palestina?

Absolutamente, não creio.

O fracasso, no entanto, é tão notável
que provoca suspeitas.

— Os ingleses? — diziam já os judeus,
no tempo das agitações arábicas de antes
da guerra. — Si quisessem acabar com
o terrorismo árabe, não levariam oito
dias...

— Os ingleses? — diziam, agora os mes-
mos árabes — Si quisessem acabar com
o terrorismo judeu, não levariam sequer
uma semana.

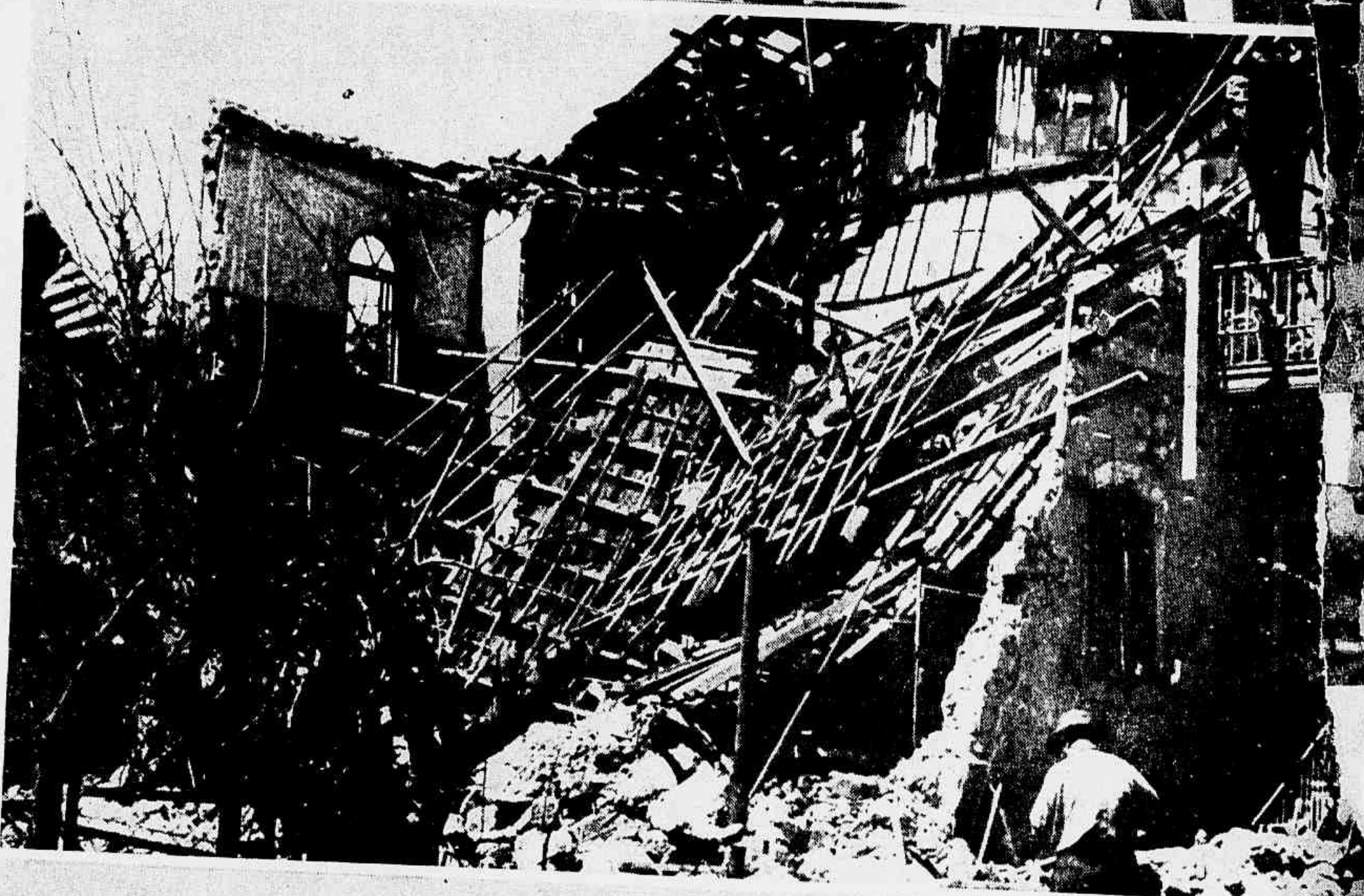
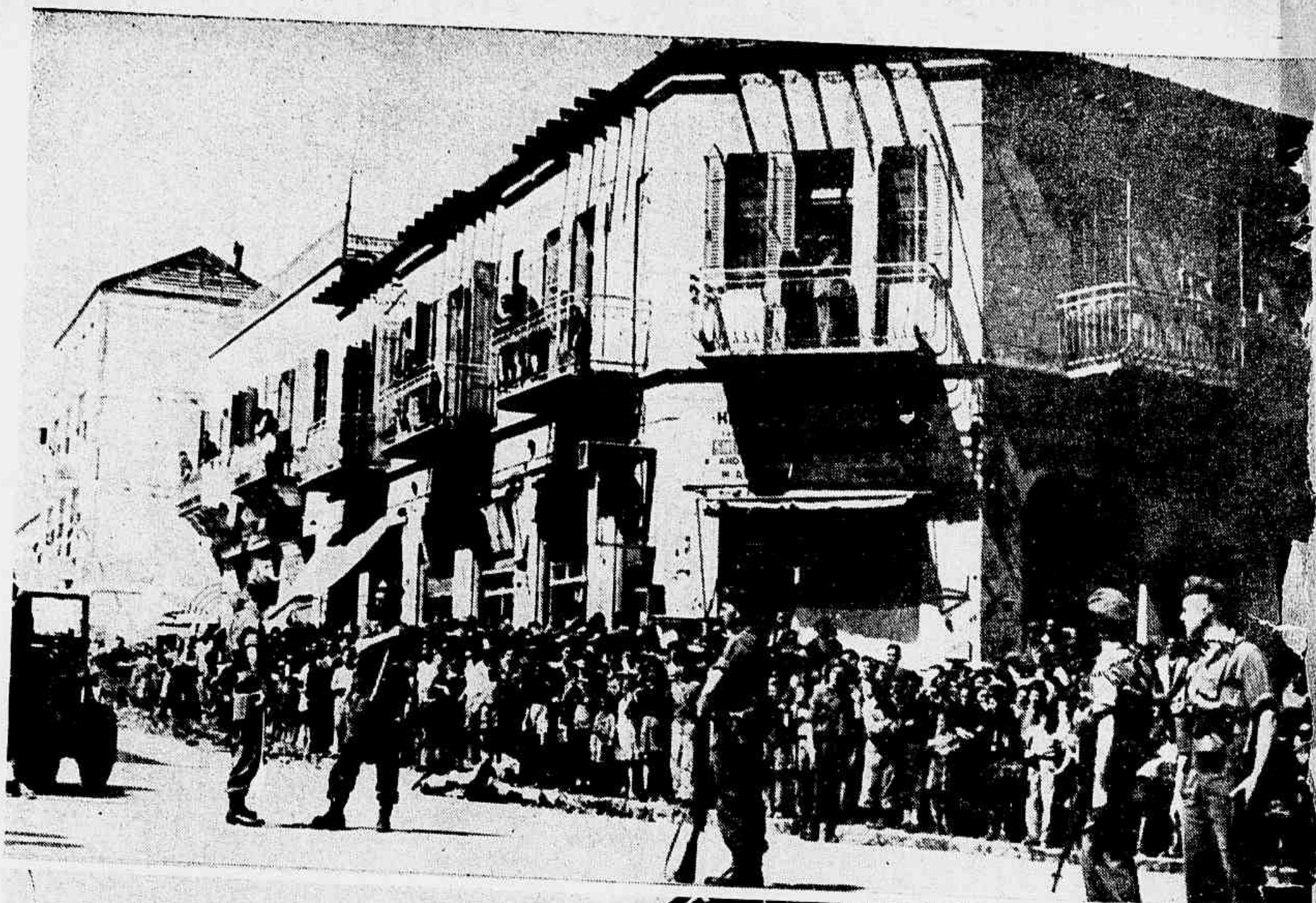
Seguem-se exemplos concretos e um
"coro":

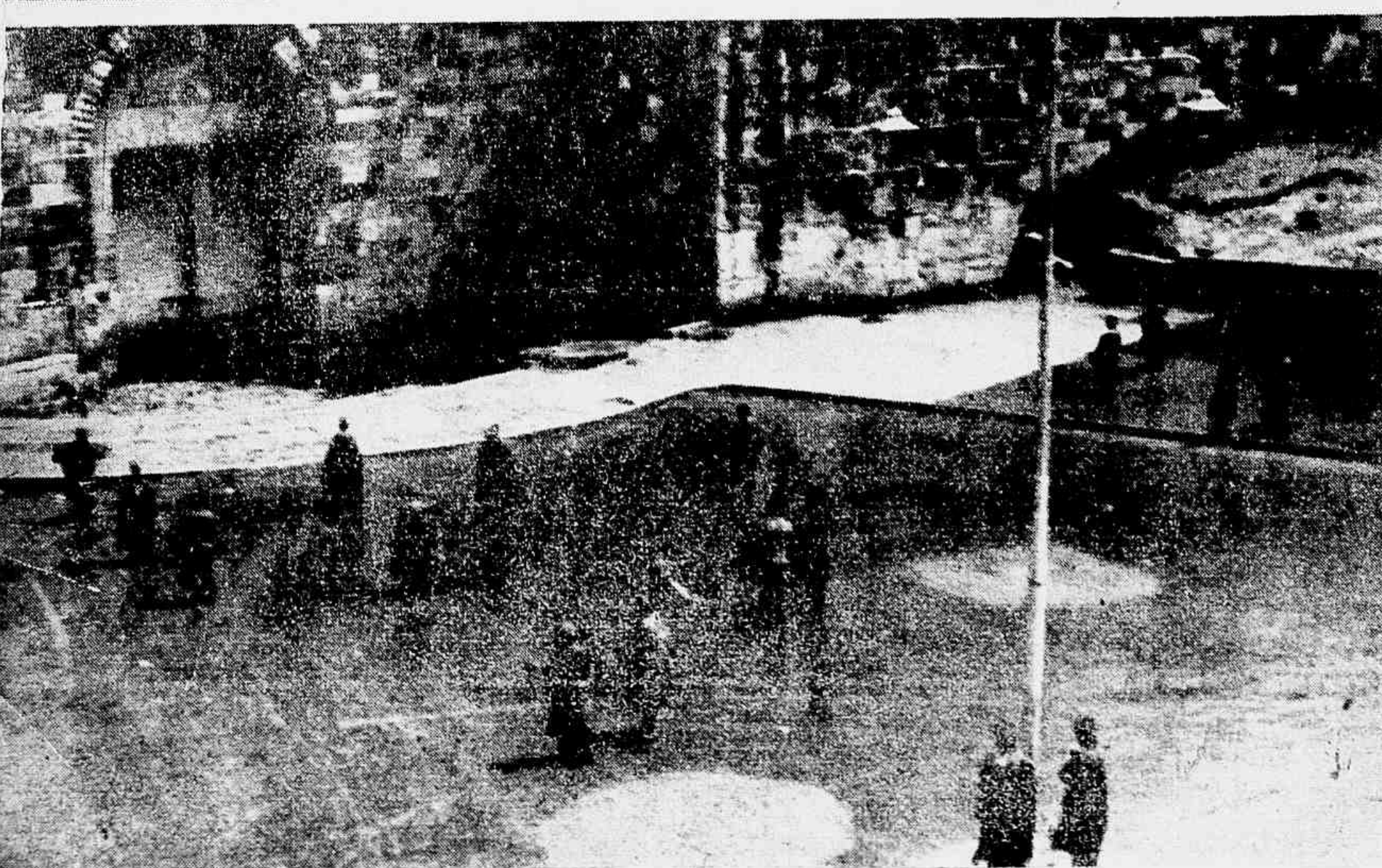
— Mas os ingleses não querem acabar
com isso. Sentem-se muito satisfeitos com
o fato de um pouquinho de terrorismo
proporcionar pretexto para consoli-
darem suas bases militares no Oriente-
Próximo.

Essa opinião tem muitos defensores,
sabe-se, fora da Palestina. Correndo o
risco de parecer ingenuo demais, e sem
falar do "contentamento" dos cem mil
ingleses que, desde o soldado Smith até
o General Sir Alan Cuninghame, vivem
na Palestina, atrás das barricadas, um
pouco assim ao feitio dos "caçadores" —
de antigamente entre os Sioux — aposta-
ria que uma tal concepção, si pudesse ser
a do governo britânico, seria mais prove-
niente do acaso que do maquiavelismo.

A Inglaterra tem interesses estratégicos
importantes no Oriente Próximo. O pe-
tróleo a atrai, a URSS a atemoriza... De

De cima para baixo: Bairro judeu em Je-
rusalém sob a lei marcial. O escritório do
Oficial de Informações Britânico de Tel
Aviv foi pelos ares... Numa praia pale-
stina, perto de Haifa. Um navio de emi-
grantes judeus "ilegais" foi "apanhado"
por um cruzador britânico. Os emigrantes
são desembarcados sob escolta de soldados
ingleses. Daqui a alguns dias serão man-
dados para Chipre.





acordo. A Inglaterra está em vias de evacuar, com muita pena de sua parte, o Egito. Mas se apegar, com unhas e dentes, no Iraque, na Transjordânia, na Palestina... De acordo. O terrorismo palestino lhe é de vantagem? Não. Como também não lhe dá vantagem a hostilidade árabe, quando se manifesta. Porque um e outro arriscam levá-lo para uma guerra aberta, que é muito precisamente o que ela faz mais questão de evitar.

Mais ou menos em 1937, a Grã Bretanha sonhara um belo sonho: reinar, como árbitro, toda poderosa, sobre uma Palestina árabe e judaica. Com o tempo, teve que constatar que os árabes e os judeus, fortalecidos com as promessas que tinham (ou acreditavam ter) recebido, consideravam-se como lesados. Trinta anos mais tarde, si na realidade defende sua posição, quase que já usou inteiramente seu crédito.

Do lado dos judeus, suas dificuldades, são ainda de duas espécies. Técnicas no sentido de não saber ela como combater organizações fluidas, cujos serviços de informações parecem superiores aos seus. Morais, porque a suspensão da emigração judaica na Palestina contribui para o escândalo dos "campos de pessoas deslocadas" na Europa.

Do lado árabe, trata-se sobretudo de não abrir questão com as populações dos países de petróleo...

Desde 1.º de agosto de 1945, os ingleses anunciam terem proferido 28 condenações à morte contra judeus palestinos. Vinte e duas dessas condenações foram comutadas. Dois condenados suicidaram-se. Quatro foram enforcados. Seis "mortes legais" — acrescentadas a cerca de 60 outras mortes em combate, é relativamente pouco, si se considera que durante o mesmo período os atentados terroristas custaram a vida de mais de 120 militares, policiais ou civis britânicos. É muito, si os ingleses quisessem evitar que o ressentimento os judeus palestinos não se estendesse mais.

Todavia, como fazer?

Contentar os judeus? Os árabes se revoltariam. Esmagar os árabes? Seria, de fato, cousa fácil para os ingleses. Tão fácil como deixar de cair em Caribbe para cair em Sila...

Não estamos mais em uma época em que os nacionalismos exasperados se tratam a tiros de canhão. Os tiros dos canhões ingleses contra os nacionalistas irlandeses levaram à evacuação da Irlanda pelos ingleses. Os tiros dos canhões franceses contra os sírios levaram à evacuação da Síria pelos franceses.

Os britânicos não querem dar tiros de canhão no Oriente Próximo. Excluída essa hipótese, a margem de ação que lhes

De cima para baixo: Nos terrenos da "Government House", residência do Alto Comissário Britânico na Palestina, ingleses da Polícia Palestina fazem exercícios desportivos com arco. No fundo, Jerusalém. No terraço superior da "Government House", residência do Alto-Comissário, Sir Alan Cunningham. No fundo, Grão Rabino vem visitar o Alto Comissário Britânico, perto de Jerusalém. O a Colina de Sião, na Velha Jerusalém. Durante uma manifestação árabe anti-judaica, no interior da Cidade Velha de Jerusalém, os ingleses se contentam de fechar todas as portas do baluarte... E os vigiando na banda de fora, na Porta de Damasco. "O Mundo Árabe é como uma Caixa de Pandora". Que sairá dela? A Guerra Santa? Ou simplesmente vento?



Manifestação árabe anti-judaica no interior da Cidade Velha de Jerusalém. No meio dos manifestantes, Djelmal Hussein, presidente do Partido Árabe da Palestina, primo e braço-direito do Grão Mufti de Jerusalém.

resta entre os árabes e os judeus da Palestina se tornou muito pequena. Quase nula.

Os ingleses procuram manter-se "in loco", no abrigo precário de seus campos entrincheirados, evitando brigas.

Quanto tempo durará isto?

Nem eles o sabem...

As organizações terroristas

As duas principais organizações terroristas da Palestina — O Grupo Stern e o Irgun — contam, respectivamente, ao que se diz, de mil a dois mil e de quatro a seis mil filiados, isto, compreendendo os menores, que fazem o papel de "agentes de ligação", de "observadores", etc. No total talvez não haja mais de mil ou 500 participantes das operações ativas. Mas esses mil ou esses quinhentos bastam para forçar 100.000 britânicos a se constituírem como se fossem um "país dentro do país", vivendo isoladamente, dentro de rigoroso estado de sítio.

É, na realidade, um fato bem extraordinário e que merece que a gente se demore no seu exame.

Entre 600.000 israelitas, nenhum delator

Explica-se, inicialmente, pela imensa extensão da cumplicidade, isto é pelo enorme número de cúmplices ou simpatizantes.

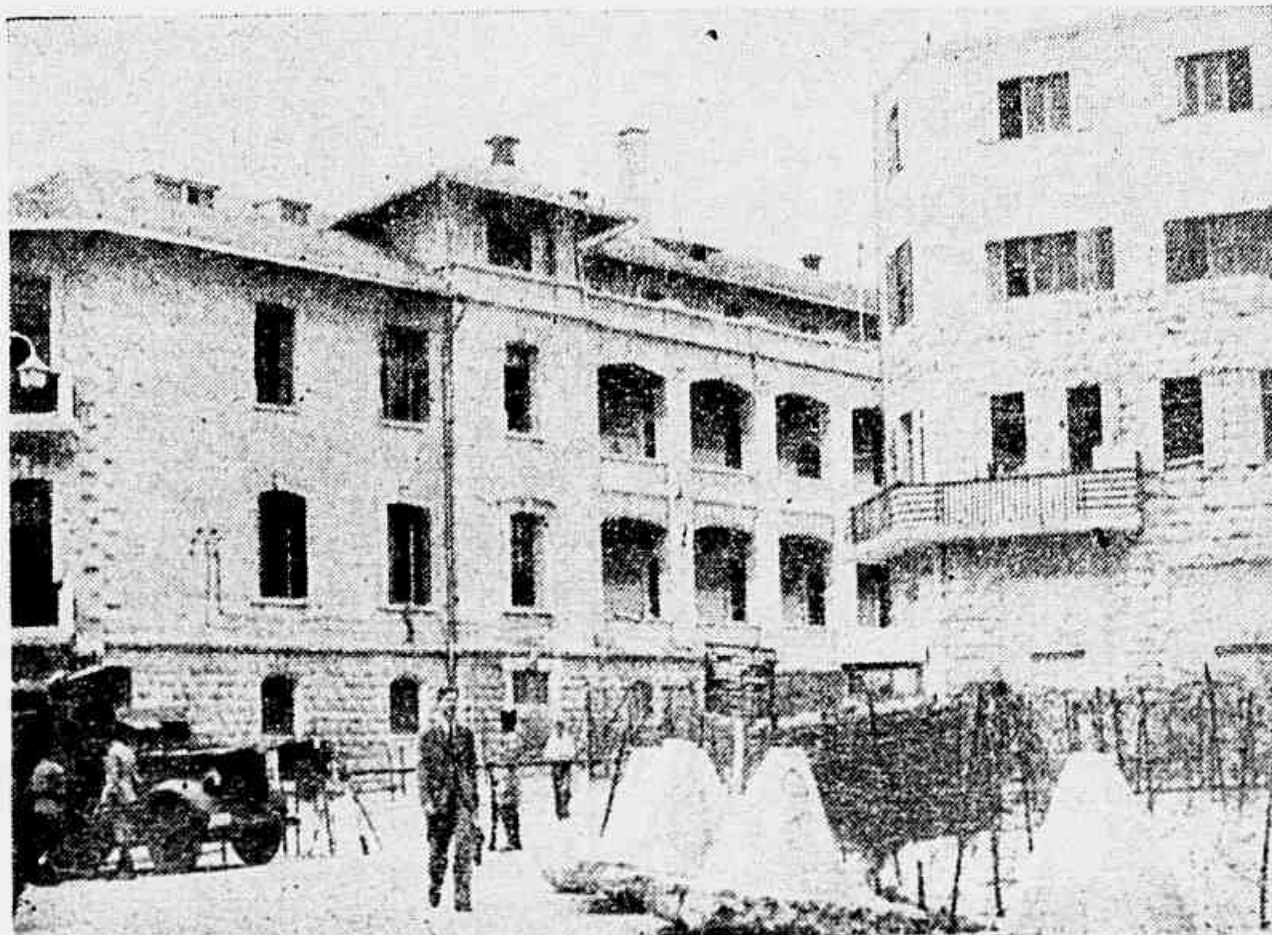
Expliquemos. O burguês judeu da Palestina que se queixa: "Esses terroristas são uns loucos. Eles nos envenenam a existência quase tanto quanto envenenam a dos ingleses". Esse burguês é sincero. E não é menos sincero o dirigente da Agência Judaica, que declara: "Mediante a violência a que recorrem, os terroristas, longe de obterem qualquer coisa dos ingleses, lhes fornecem um pretexto para se incrustarem na Palestina. Dessa maneira prejudicam, ao invés de servir, a

causa da independência". É sincero igualmente o membro do Haganah (policia-auxiliar judaica) que bate com o punho na mesa e grita: "Cessem os ingleses de proibir a imigração. Livrem-nos de sua presença. E o terrorismo, imediatamente e rapidamente ficará liquidado".

Mas os terroristas agem, e se tornam "heróis nacionais".

Enquanto isso, recompensas enormes são oferecidas a quem fornecer meios que permitam a prisão dos dirigentes

Cena de Jerusalém, onde "dentes de dragão" foram juntados às cercas de arame farpado. Os "dentes de dragão" são blocos de concreto armado, para impedir o tráfego de "jeeps" ou carros blindados.



terroristas. Beigin, por exemplo, chefe do Irgun, "vale" 2.000 libras. Dezenas, centenas de judeus palestinos devem saber onde esses dirigentes se acham.

E nunca se ouviu falar de uma denúncia...

Disfarces e golpes

Os extremistas palestinos dispõem de outros triunfos no seu jogo.

Um bom número deles vêm de países de população na maioria árabe, onde o anti-semitismo impera ainda mais violentamente que na Palestina: o Yemem, a Síria, o Iraque, por exemplo. Muitos deles falam o árabe perfeitamente. E, portanto, para esses, coisa muito fácil disfarçarem-se em árabes.

Em última análise, o fato é que os árabes também são semitas. Mas semitas que, por enquanto pelo menos, não atacam aos ingleses.

Operações combinadas, emboscadas, trens que descarrilam, ataques bruscos contra postos britânicos isolados, em toda a Palestina. É este o aparelhamento romanesco e assassino de uma luta sem expiação em que o assaltante é levado a matar — conjuntamente com o inglês, objeto de seu ódio — árabes, judeus, todo mundo...

Enquanto isso, os terroristas publicam jornais clandestinos e revistas, em hebraico, inglês e francês. Em um país me-



Em cima: Jerusalém. No telhado da Young Men Christian Association (Associação Cristã de Moços). No interior da zona reservada B. Esses dois oficiais olham, para o centro da cidade moderna, onde lhes é proibido ir, a não ser em "comboio armado". Em baixo: Buscas e controle em uma das entradas da zona B. Dois soldados ingleses e um policial palestino em ação.

nor que a Bélgica e cuja parte meridional é quase deserta, conseguem manter duas emissoras-rádios moveis, a despeito dos autos de rádio-detenção britânicos que andam por toda a parte. A imprensa legal recebe, com antecipação, o texto das emissões clandestinas, e, depois de cada atentado, os comunicados dos terroristas... Mensalmente, estes afixam, em lugares públicos, a lista de suas operações, com o número de vítimas.

Por vezes, os ingleses cercam um bloco de casas, para buscas...

De sua parte, os terroristas procedem a algumas sondagens. Ainda há poucos dias, invadiram um hotel de Tel Aviv, onde a Orquestra Palestina preparava um pequeno jantar-dansante em homenagem a Charles Munch. — "Mãos ao alto! Seus papeis..." E' que eles procuram os ingleses, como quem caça coelhos... Não encontraram, porém, sinão um... Foi um bravo agente comercial de uma fábrica

da zona rural londrina, que chegara naquele mesmo dia do Cairo, em avião, e que devia prosseguir a viagem, no dia seguinte, cedo, do Líbano para Londres. O honrado agente comercial foi levado, de olhos vendados, para o campo. Mas teve a sorte de convencer seus raptores de que era inglês — é verdade — mas de origem judaica... Era também judeu. Os raptores o reconduziram, são e salvo, para o hotel...

— Não queremos matar judeus ingleses — declararam — Nem também jornalistas. Porque os jornalistas, aqui, não são agentes ingleses, são correspondentes de guerra...

Mas, que guerra engraçada...

Quem são os terroristas?

Sobre minha mesa está uma meia-folha de papel, que há meia hora fôra posta

em uma caixa do correio por uma garota.

Sobre esta meia-folha, logo após a data, duas linhas batidas à máquina de escrever: "O ataque de hoje contra o posto de polícia de R... foi executado pelos FFI". Essas duas linhas são redigidas em inglês. As letras FFI significam "Fighters for the Freedom of Israel" (Lutadores pela liberdade de Israel). Em outras palavras: o Grupo Stern, que é uma das organizações terroristas, e o Irgun. São as duas hostes dos lutadores pela liberdade de Israel.

"Terrorista"... Confesso que não emprego esta palavra sem certa falta de jeito. Recordo essa palavra muita coisa aos que viveram na França sob a ocupação. Os "Sternistas", aliás, sabem muito bem disto. As vezes escrevem, em francês: "Antigos" "maquisards", somos também a Resistência contra o ocupante estrangeiro"... Não interessa absolutamente aos FFI palestinos que de fato os ingleses se tenham estabelecido na Palestina, após a Primeira Grande Guerra, não como invasores mas em virtude de um mandato regularíssimo da Sociedade das Nações, com a aprovação, e quase mesmo a pedido do Cionismo Internacional.

Mas não é conveniente estarmos a discutir vocábulos. Os ingleses e os árabes empregam o termo "terrorista". Três quarta partes dos judeus dizem, também "terroristas". Nem estou certo de que o termo desagrade aos judeus que, ao invés de empregá-lo, usam os de "dissidentes" ou "patriotas", nem aos próprios FFI da Palestina"... "Muito bem — dizem — queremos na verdade aterrorizar os ingleses. Empregamos o terrorismo, porque tudo mais — diplomacia, súplica, negociações — é completamente inútil".

Tais são as opiniões que os FFI proclamam. Os FFI e outros Irgunistas palestinos. Si seu diagnóstico fosse verdadeiro (e na minha opinião, não o é) sua posição, do ponto de vista do "patriotismo puro", seria inatacável. Si suas opiniões são produto de um desregramento de espírito, como chegaram a tal ponto?

Tanto quanto político, o problema é humano.



Mil novecentos e trinta a mil novecentos e trinta e nove... Ataque árabe à mão armada contra as colônias judaicas da Palestina e contra os ingleses; estes aceitam a aliança do "Haganah" espécie de polícia auxiliar judaica encarregada da defesa das colônias judaicas e do oleoduto britânico.

Maio de 1939: para "apaziguar" os árabes, Londres publica um "Livro Branco" que põe praticamente fim à imigração judaica na Palestina. Param os distúrbios e protestos árabes; começam os distúrbios e protestos judeus...

Tal é, reduzido a seus termos mais simples, a gênese de toda a história.

Junho de 1946: Bevin declara que não quer nem mesmo os 100.000 imigrantes dos quais a entrada na Palestina é recomendada pelos Estados Unidos.

Julho do mesmo ano: o Hotel Rei David vai pelos ares, em Jerusalém.

A 16 de Abril de 1947: quatro "terroristas" judeus são executados pelos ingleses.

Dêsde então, todos os britânicos estão sob o risco de serem "executados" pelos judeus, em represália.

Olho por olho, dente por dente. Os ingleses nada têm a esperar dos extremistas, porque os extremistas nada deles esperam em favor da Palestina.

Discutir?

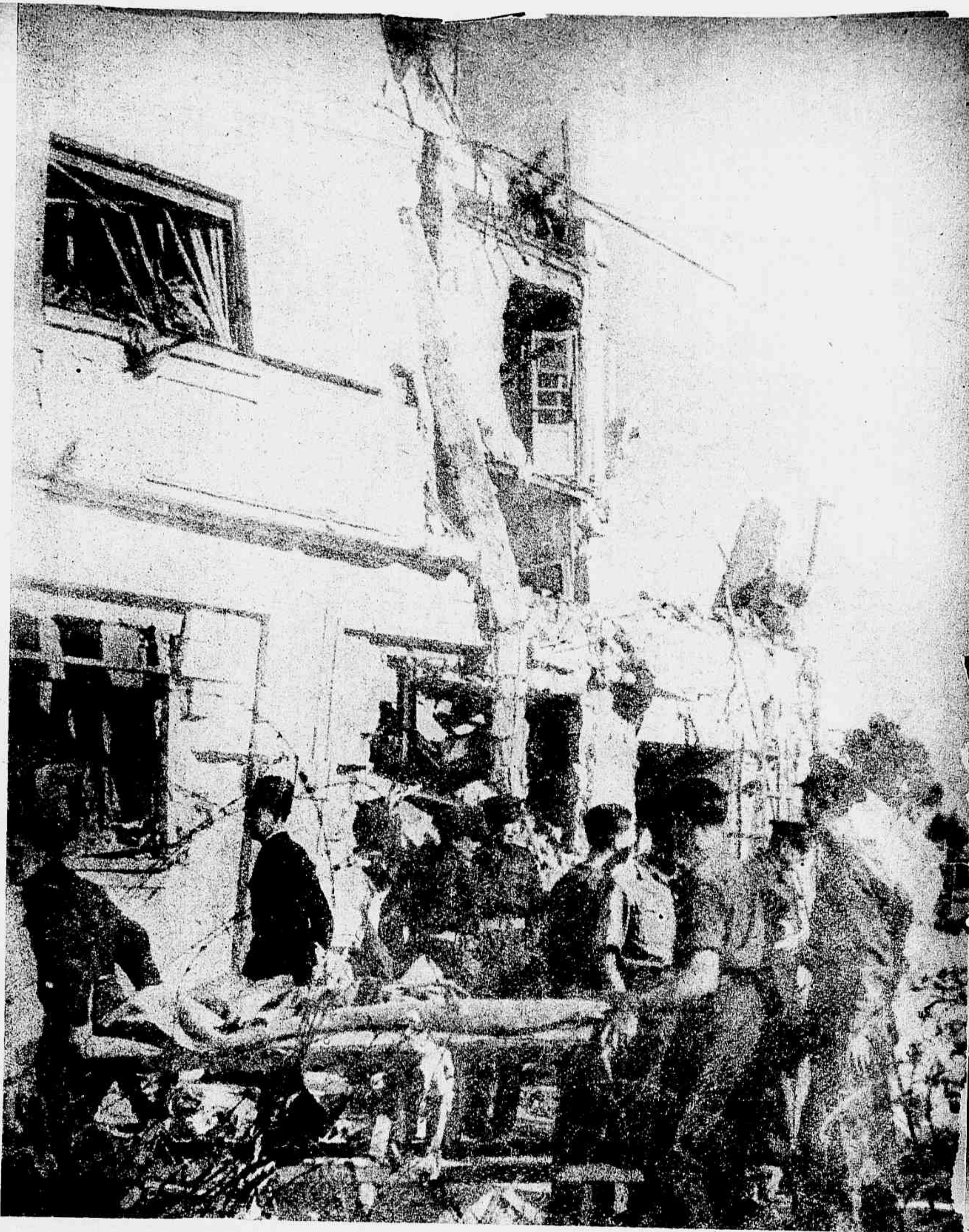
Para que?

A "lei" da bomba contra a "lei" das baionetas.

Supernacionalismo

Monahom e Beigin, o chefe do Irgun, Yellin Fridmann, o chefe do Grupo Stern, e a metade, pelo menos, dos dirigentes terroristas são nascidos na Polónia; alguns outros na Hungria, na Jugoslavia e nos países do Oriente Próximo que não a Palestina.

Poder-se-ia acreditar que essas origens variadas dão ao extremismo judaico algo de internacional. De modo nenhum. São os séculos da "Diaspora" (da Dispersão do povo de Israel), que internacionalizam a tribo de Israel. No momento, po-



Em cima: Jerusalém: Os terroristas palestinos acabam de fazer ir pelos ares Golsmith House (refeitório militar nos limites da zona Reservada B). — Os ingleses retiram seus cadáveres. Em baixo: Tropas inglesas transportam judeus em um carro de transportar peças de artilharia. Esses foram apanhados por violação da lei marcial.



rém, trata-se do contrário: trata-se de criar de novo uma Nação. Todas as aventuras que os chefes terroristas têm vivido fóra da Palestina, o massacre de suas famílias, a atrocidade de suas provas, de tudo quanto sofreram, os fizeram ster-se à mesma idéia: só um Estado independente poderá salvar os remanescentes judaicos. Ou esse Estado ou a morte. São os "desesperados" do Nacionalismo.

A que ponto esse nacionalismo chegou, suas declarações — da mesma forma que seus atos — permitirão julgar.

— Não nos falem mais de aumentar o número de autorizações para imigração — dizem eles. Só estas palavras "autorizações para imigração mostram o escândalo da ocupação estrangeira.

O crime essencial dos ingleses é sua presença na Palestina. Recurso à ONU? Seja... Si é uma ocasião para que se façam valer as opiniões... Aceitação de seus decretos: Nunca. Nenhuma nação pode permitir a qualquer Tribunal decidir de seu direito de respirar e de ser livre.

Ha um pouco de messianismo no caso dos extremistas palestinos: chegou o dia em que todos os filhos de Israel e de Judá, espalhados pelo Mundo, têm que voltar ao seu lar. Não, porém, do sentido da fé religiosa, como se entendia na Europa do tempo das Cruzadas ou das guerras de religião. Quanto às suas concepções sociais — no interior do nacionalismo integral — parecem ser elas, "a grosso modo", as que poderiam ter os intelectuais da esquerda. E é ainda necessário precisar: embora desejando o apoio da URSS contra os ingleses, da mesma outro apoio, os extremistas judeus não parecem dispostos a se curvar ao ortodoxismo comunista. O Beigin, o chefe do Irgun, antes de ser libertado, como polonês, pelos russos (1943) havia sido duas vezes preso por eles (em 1940) por motivo de suas atividades sionistas e revisionistas polonesas, e condenado mesmo a oito anos de trabalho forçados e enviado para a Sibéria.

Um problema...

NÚPCIAS

ROSALIA HIPÓLITO MALLET

TÉRCIO SOARES DE SOUZA

A crônica social carioca registrou recentemente o enlace matrimonial da senhorinha Rosália Hipólito Mallet (filha do conhecido e conceituado industrial, sr. Miguel Hipólito Mallet e sua Exma. senhora, com o Sr. Tércio Soares de Souza, filho do saudoso jornalista Dr. Belizário de Souza ex-deputado pelo Estado do Rio, ex-diretor de "O Paiz" e destacada personalidade dos meios literários, e de d. Abigail Soares de Souza.

O ato civil foi paraninfado por parte da noiva, pelo Sr. Armando Blanchard e senhora, e por parte do noivo pelo Sr. Marcia Moreira e senhora Miguel Soares de Souza.

Na solenidade religiosa realizada às 17 horas na Igreja de N. S. da Paz em Ipanema, a qual se achava profusamente ornamentada, compareceu um grande número de pessoas destacadas da sociedade carioca revestindo-se o ato de rara expressão e brilho. Nessa cerimônia serviram de padrinhos da noiva o casal Miguel Hipólito Mallet e do noivo, o Sr. Vitor Oscar Santana e Sra. Anita Junqueira.



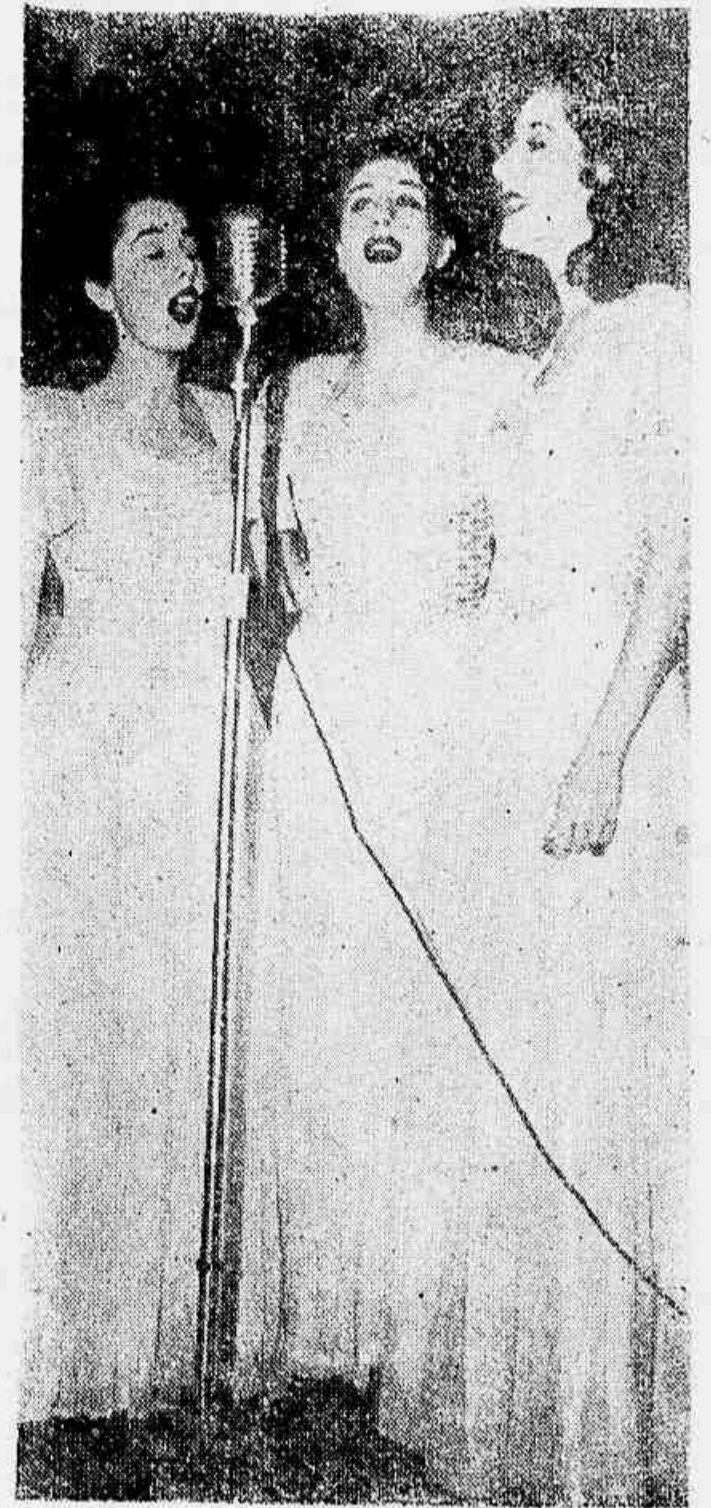
Ao alto: Flagrante colhido na ocasião em que a senhorinha Rosália assinava o compromisso nupcial

Em baixo: A noiva, ao entrar na Igreja, conduzida por seu pai, Sr. Miguel Hipólito Mallet.



BOITE MOURISCA

DO CLUBE GINASTICO PORTUGUES



Em continuação ao programa de diversões que o Clube Ginástico Português vem apresentando aos seus associados, realizou-se no dia 14 do corrente, na "boite" Mourisca da tradicional e simpática agremiação da Avenida Graça Aranha, um jantar-dança com o concurso de renomada orquestra e de variados e aplaudidos números artísticos, destacando-se a atuação brilhante das Irmãs Meireles e dos bailarinos Sicardi e Blenda. Esse magnífico "show", que proporcionou horas inesquecíveis de prazer à numerosa e seleta assistência, foi patrocinado pelos Diretores da Fábrica de Escovas "Distinsan". A Diretoria do Clube Ginástico, que vem desenvolvendo com notável eficiência e elevado espírito associativo um programa de interesses realizações, artísticas e culturais,

é a seguinte: Presidente, Antonio de Oliveira Brito; Vice-Presidente, Fernando Baulhosa; 1.º Secretário, Jayme P. Gomes da Cruz; 2.º Secretário, Julio Barbosa Nascimento; 1.º Tesoureiro, José A. Marques Monteiro; 2.º Tesoureiro, Candido José de Souza Filho; 1.º Procurador, Leopoldo Pereira de Sá; 2.º Procurador, Severino Augusto; Diretor-Social, Abel Gonçalves; Diretor Geral de Desportos, Carlos A. Galvão Teles; Diretor-Artístico, Antonio Ribeiro Martins Conselho Deliberativo: Presidente, Arthur de Castro; 1.º Secretário, Fausto da Silva Costa; 2.º Secretário, Januario Bordallo. Comissão Fiscal: Efetivos e Suplentes — Virgilio Antunes Fernando Marinho, Artur de Souza Campos, Manoel Pereira Lemos, José Antonio dos Santos, J. Francisco.



Nesta página estampamos quatro fotografias colhidas na "boite" Mourisca por ocasião das festas acima referidas, vendo-se ao alto: à esquerda — aspecto das animadas danças. À direita: as Irmãs Meireles quando executavam um dos seus números. Em baixo: à esquerda — Os bailarinos Sicardi e Blenda. À direita: — Flagrante da numerosa assistência.



Em cima: uma cena de "O homem que volta", comédia de Celestino Silveira e Berliet Júnior, que Jayme Costa mantém presentemente no cartaz. Na cena acima estão Aristóteles Penna e Jaime Costa, na escada, e Heloisa Helena Grace Moema e Lídia Vani, em baixo.



JAYME COSTA é um ator que desfruta real prestígio perante a platéia carioca, prestígio que se acentuou, ainda mais particularmente, quando realizou êle a mais notável criação de sua carreira artística, no papel de D. João VI, em "Carlota Joaquina". Fazendo ora peças sérias, ora obras de

JAYME COSTA

VOLTOU A CENA CARIOCA

CELESTINO SILVEIRA E BERLIET JUNIOR, AUTORES DA PEÇA QUE MARCOU SUA REAPARIÇÃO — COMO A CRÍTICA APRECIOU O MOVIMENTADO ESPETÁCULO

feito eminentemente popular, sua presença, nas temporadas teatrais de inverno, no Rio de Janeiro, já constitui uma tradição do nosso teatro. Este ano, entretanto, cerca de dez dias após sua estréia no Glória, Jayme Costa se viu forçado a deixar o palco, por motivo de saúde, sendo substituído, durante qua-



duas cenas de "O homem que volta", intervindo em ambas o ator Jayme Costa, que acaba de reaparecer ao público, depois de dois meses de ausência.



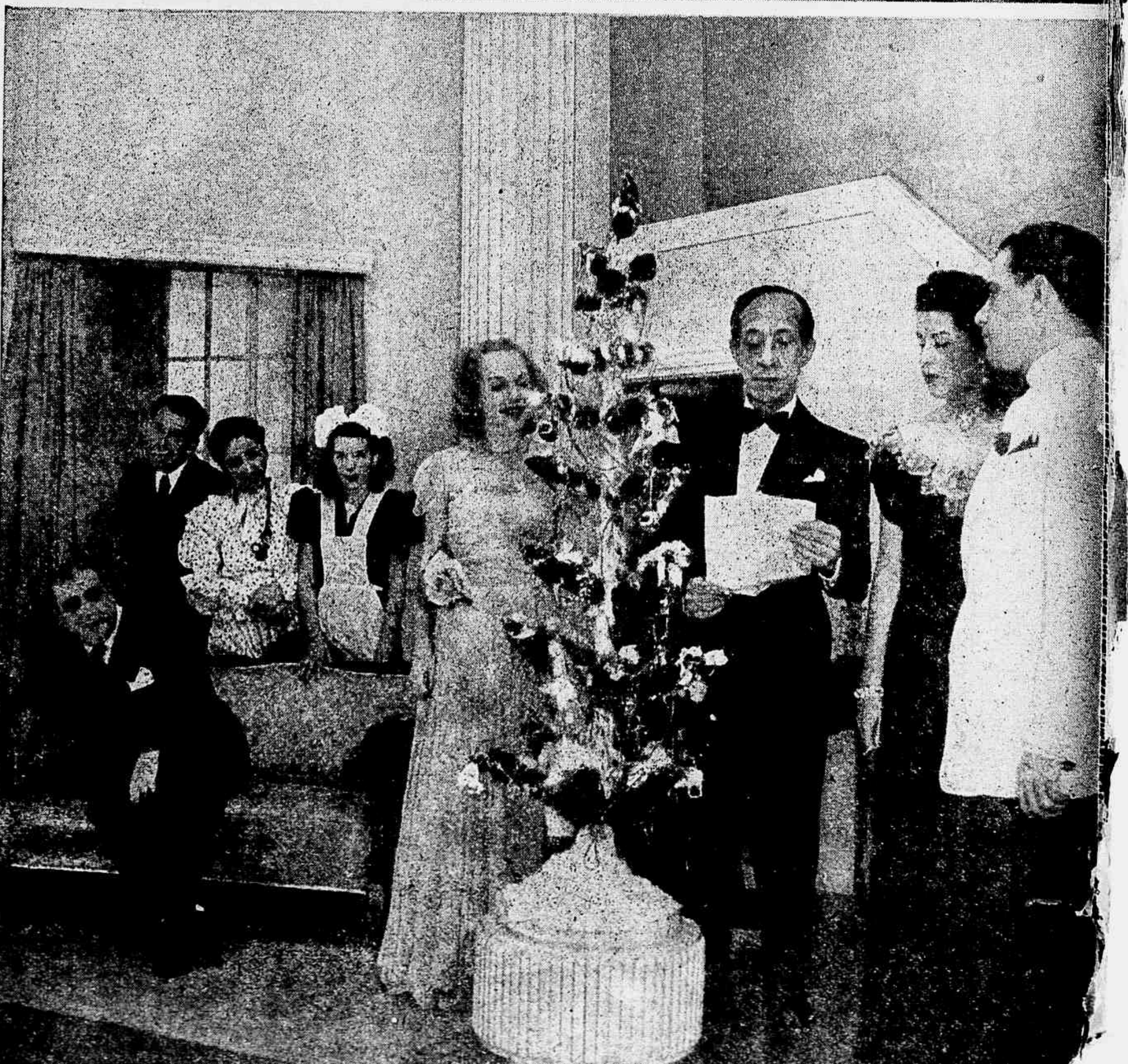
A direita: uma das cenas de mais palpitante interesse de "O homem que volta", com Aristoteles Penna, Arlindo Costa, Moema, Dirce Belmonte, Lídia Vani, Heloisa Helena e Jayme Costa.

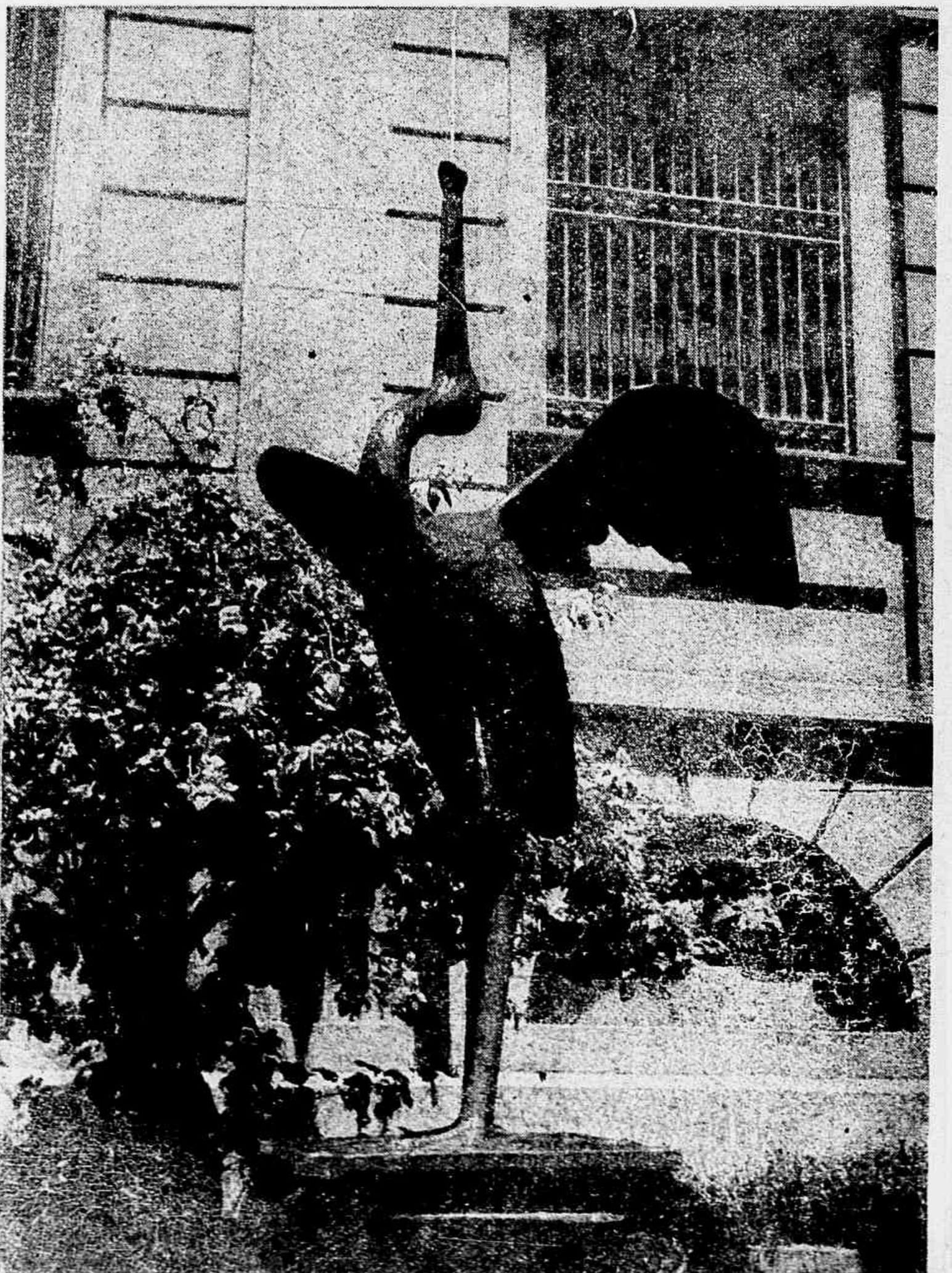
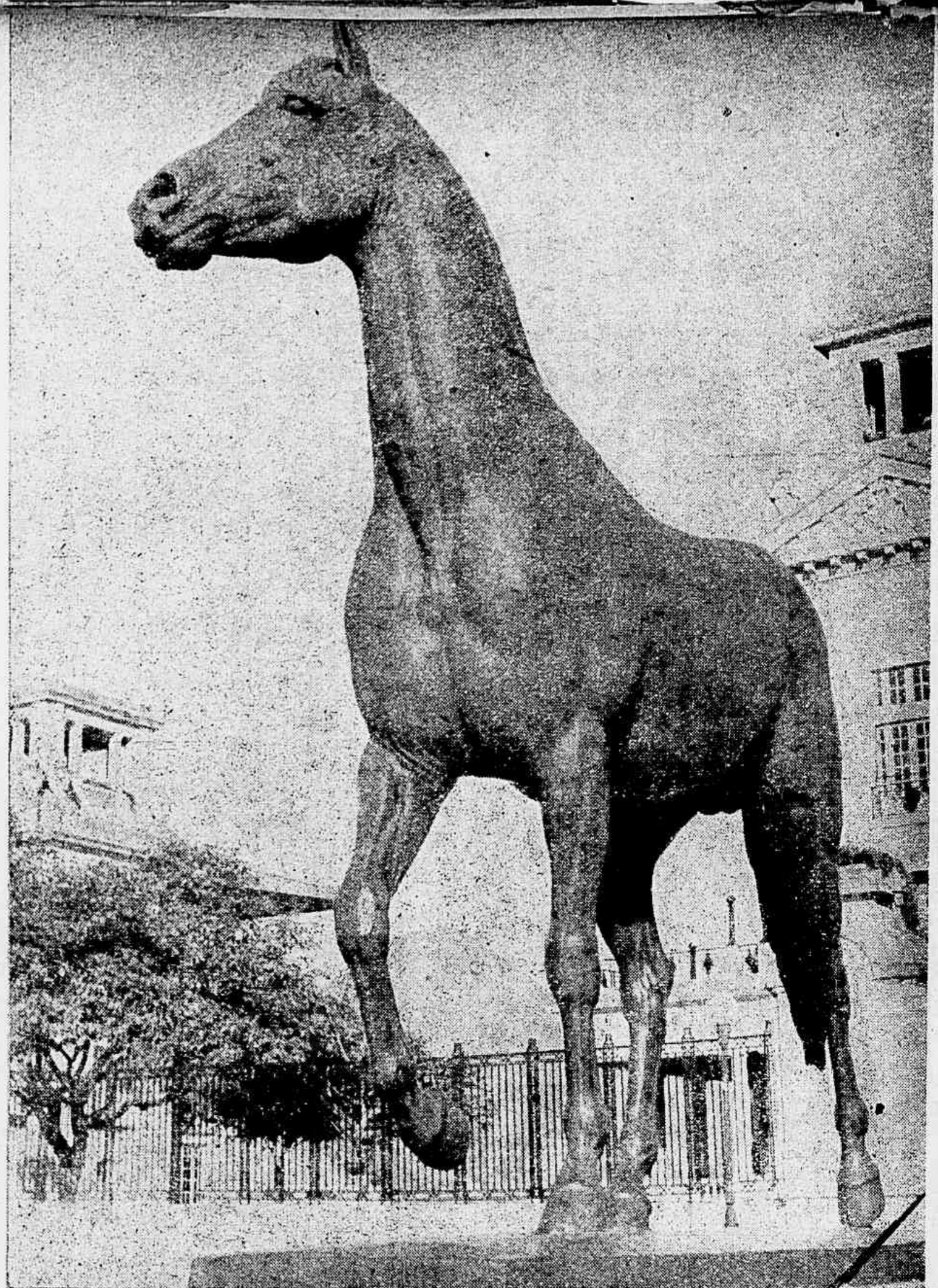


se dois meses, pelo seu colega Palmeirim Silva. Duas outras peças, além da de estréia, "Que marido sou eu?" e "O Bôa Vida", foram representadas, ali, sem que delas participasse Jayme Costa. Ausente, numa estação de águas, coroamento de um rigoroso tratamento médico, o consagrado comediante obteve, finalmente, permissão de seu clínico para voltar ao palco. Foi assim que, há pouco, Jayme Costa estreou na peça de Celestino Silveira e Berliet Júnior, intitulada "O homem que volta". Comédia bem humorada, com um diálogo cheio de vivacidade e de brilho, com certa pose de originalidade e um fundo espiritualista, "O homem que volta" forneceu a Jayme Costa o ensejo de fazer mais uma das suas aplaudidas criações. Essa nova obra nacional foi unanimemente louvada pela crítica e Paschoal Carlos Magno, no "Correio da Manhã", declarou que se orgulharia de ter escrito obra tão interessante. Ao lado de Jayme Costa, apareceram nessa peça, — a quarta de sua temporada, mas apenas a segunda em que ele está presente, — as atrizes Heloisa Helena, Lídia Vani, Grace Moema e os atores Aristóteles Pena, Adólar Costa, Arlindo Costa e Henrique Marques Fernandes, além de outros elementos. Ao mesmo tempo que trabalha no palco, em "O homem que volta", peça que se pode considerar o ponto mais alto de sua temporada de 1947, Jayme Costa volta também a atuar no cinema, como o principal interprete de "O homem que chutou a consciência", nova película da Cinematográfica Imperial, extraída da peça teatral de Ruy Costa, por ele próprio criada na Cinelândia. Os admiradores de Jayme Costa, receberam com alegria a volta do veterano ator à cena em que tem colhido tantos triunfos.



A direita: uma festa de Natal, durante um dos atos de "O homem que volta", de Celestino Silveira e Berliet Júnior, com a presença de quase todo o elenco que participa das interpretações da peça.







Um detalhe dos velhos leões que encimam as escadarias do Palácio Monroe, o Senado Federal. Um animal ultimamente em foco e que não mereceu ainda o barro dos escultores é o temível "tubarão".

UM JARDIM ZOOLOGICO INANIMADO

A cidade tem dois "zoos". Um de animais vivos, que dão grandes despesas e atraem a atenção dos visitantes, concentrados, em suas jaulas e gaiolas, na Quinta da Boa Vista. O outro "zoo" é um "zoo" inanimado, — de pedra e de bronze, — disperso pelos quatro cantos da cidade, decorando trechos da paisagem urbana. E' esse "zoo", inanimado o objeto desta reportagem.

OS JARDINS DO RIO

Os jardins do Rio estão em foco. Dêles se têm ocupado, ultimamente, homens de letras e figuras das artes, como Celso Kelly e Peregrino Júnior. As vozes que se fazem ouvir pela imprensa são unânimes em protestar contra o abandono dos nossos parques pela municipalidade. O desmazelo dos poderes competentes, aliado à má educação de grande parte do público, está dando cabo dos nossos jardins. A Prefeitura defende-se, argumentando que seus cofres não comportam aumento do número de jardineiros e tratadores. Sabe-se, aliás, que, de acordo com uma estatística oficial, recém-publicada, sessenta por cento da receita da municipalidade é absorvida pelo seu quadro de funcionários. Mas isso quer dizer também que, se faltam operários para determinados serviços, há milhares de outros empregados municipais que ficam de braços cruzados durante as horas do expediente. Tivemos a idéia de fazer uma reportagem sobre os nossos parques e jardins. Mas, para não bater na mesma tecla, fazendo cópia contra a ausência

OS BICHOS NA DECORAÇÃO DA PAISAGEM URBANA — VISITANDO RUAS, PRAÇAS E JARDINS CARIOCAS — DO MONUMENTO AO CAVALO DE CORRIDA AO DO MAIOR AMIGO DO HOMEM.

Reportagem de NEY MACHADO
Especial para REVISTA DA SEMANA

da conservação e mesmo dos jardins, enveredámos por um setor mais pitoresco. Levantámos uma estatística do zoo de pedra e metal existente nas praças públicas da cidade. E' um jardim zoológico respeitável, que só passa despercebido ao carloca por tão bem se integrar na paisagem ou na arquitetura da cidade

OS JACARÉS HISTÓRICOS DO PASSEIO PÚBLICO

A primeira escultura esculpida e fundida por artista brasileiro foi a de uns jacarés. A "Fonte dos Jacarés", do Passeio Público, marca o início da escultura genuinamente nacional. Com o aprimoramento da toréutica indígena, nasceu a nossa escultura propriamente dita. Os labores caprichosos dos entalhadores, principalmente na arte religiosa, transformavam-se pouco a pouco em obras de maior vulto e no fim do século XVIII apareceram os nossos primeiros mestres da escultura. Nossos dois primeiros mestres, contemporâneos um do outro e co-estaduanos, foram, primitivamente, entalhadores. Aleijadinho, em Minas, e

Mestre Valentim, no Rio, marcaram brilhantemente o nascimento dessa arte, ainda no vice-reinado. Cabe, entretanto, a Valentim a glória de primeiro ter uma escultura fundida no Brasil, que foi a fonte já mencionada. Entre as muitas obras do Mestre Valentim deve ser mencionado as do Passeio Público. Quando esse foi aberto ao povo, no ano de 1873, continha, enfeitando os seus repuxos, portões e lagos, inúmeras aves e pássaros de ferro, modelados por Valentim. Com o correr do tempo e o abandono a que muitas vezes foi relegado o Passeio, essas figuras foram desaparecendo. Acreditamos que hoje restam apenas os jacarés, de todos os bichos fundidos por Mestre Valentim para o Passeio Público.

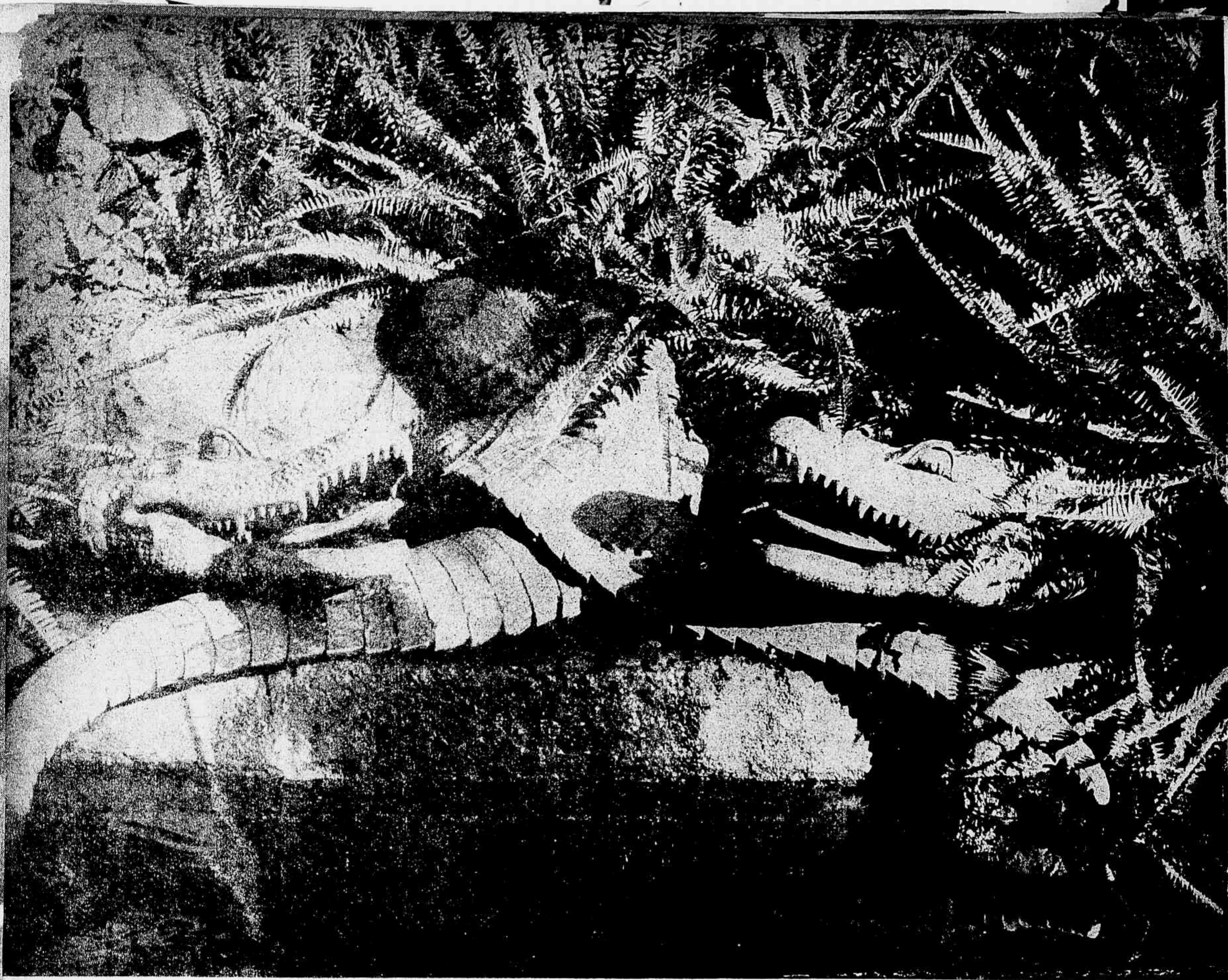
O iniciador da nossa escultura tão rapidamente progrediu no seu ofício e suas obras de orivesaria foram tão superiores às dos ourives e entalhadores do Rio, que a inveja e despeito dos seus colegas de além mar chegou ao ponto de exigir um absurdo decreto protecionista — carta régia de 30 de Outubro de 1766 — ordenando o fechamento de todas as lojas de ourives do Rio, sequestro dos instrumen-

tos da arte e proibição terminante desse ofício no Rio de Janeiro. Anos depois o decreto real foi revogado pela intercessão, do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos, grande impulsionador das artes, a quem devemos a inauguração do Passeio Público. Mestre Valentim, apesar da amizade que lhe dedicava o vice-rei D. Luiz de Vasconcelos e de ter feito um grande número de trabalho de talha e de escultura, morreu pobre, numa casa da Rua do Sabão, posteriormente, rua General Câmara.

O DISCUTIDO "PROMETEU LIBERTO"

Em contraposição ao histórico monumento do Passeio Público temos a moderna e discutidíssima escultura do Ministério da Educação, colocada na parte exterior do edificio, do lado da rua Araujo Porto Alegre. Embora não pareça aos não iniciados nos mistérios da arte moderna, existe naquele bloco de bronze um homem, Prometeu, e um animal, um abutre. A arquitetura geral do prédio é de um estilo moderno compreensível e prático e teve em todos os frêscos, pinturas e esculturas que o adornam e completam o mesmo traço escolástico do desenho arquitetural. Para movimentar um painel gigantesco a parede recurva de frente da Associação Cristã de Moços contrataram com o artista Jacques Lipchitz, exilado nos Estados Unidos, essa discutida escultura, batizada pelo autor como "Prometeu liberto". Quando da sua inauguração houve entre os nossos críticos e artistas, das escolas clássica e mo-

Na página ao lado, em cima, da esquerda para à direita: Como os nossos jardins da avenida Belra Mar foram desenhados no estilo gaulês, quase todas as suas figuras ornamentais são cópias de outras que existem em Paris. A bela estátua equina em frente ao Jockey Clube Brasileiro, glorificando os campeões que por ali passaram: Mossoró, Sargento, Miron e tantos outros. Em baixo na mesma ordem: O tamanduá foi pela primeira vez usado em nossa escultura no moderno monumento em frente ao Conselho Municipal, monumento que o povo irreverentemente apelidou de "Tomara que chova". A lendária cegonha, portadora dos bebês, protetora dos telhados contra a caída dos raios — como acreditavam no século passado, anda perdendo o "cartaz", talvez, por culpa dos aviões a jato que cortam os céus nos dias de hoje.



Os jacarés fundidos por Mestre Valentim, o nosso primeiro escultor. São históricos e datam do tempo em que foi construído o Passeio Público pelo Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos.

derna, os mais ardorosos debates intelectuais sobre o valor do monumento como expressão de arte. Entretanto, aquele conjunto tem significação, segundo explica o seu autor, Jacques Lipchitz. Diz êle: — "Prometeu representa uma dança mística e ambos (Prometeu e o abutre) parecem ter cumprido um rito sacro. "As duas criaturas sobrenaturais não

"opõem propriamente as suas forças. "Seus membros se unem num vôo harmonioso acima do solo. Prometeu ven- "ceu, o abutre está dominado, os grilhões "quebrados e uma nova era iniciada".

Com essa explicação de Mr. Lipchitz fica desvendado o segredo da escultura do Ministério da Educação. Outro detalhe: esta é, sem dúvida, uma das esculturas

mais caras do Rio. O Ministro Capanema pagou nada menos de duzentos e cinquenta mil cruzeiros ao escultor.

AS MARRECAS ANDAM VOANDO

Outra obra histórica, já parcialmente inexistente, é o chafariz colocado pelo vice-rei Lutz de Vasconcelos na rua Ferveristo da Veiga, bem defronte à rua das Marrecas. O nome atual dessa última rua provêlo desse chafariz, no qual cinco marrecas de ferro fundido despejavam água num tanque de pedra. O logradouro que se chamava outrora rua das Belas Noites ficou apelidado, então, de rua das Marrecas, nome depois oficializado e que ficou até hoje, embora há muito tempo chafariz e marrecas tenham deixado de existir naquele local. Com a demolição do bebedouro as marrecas foram levadas para ornamentar o pátio do convento da Ajuda que se erguia no local onde mais tarde Francisco Serrador levantou os arranha-céus da Cinelândia. Com a demolição do convento as aves de ferro ficaram durante muitos anos esquecidas, guardadas pela Prefeitura. Agora voltarão novamente à luz do dia. Vão ornamentar o prolongamento do Jardim de Allah, em Ipanema. Não há dúvida que as marrecas esculpidas pelo Mestre Valentim já conhecem boa parte da cidade.

LEÕES, TIGRES E AGUIAS QUE NAO SÃO DE BRIGA

Na peregrinação pelo reino do "zoo" inanimado notamos que certas espécies de animais têm tido preferência na or-

namentação dos nossos parques e jardins. Nos jardins da Praça Paris, no Campo de Santana, na Quinta da Boa Vista e nos edifícios do Senado, Escola de Agronomia, Escola de Educação Física, Casa da Moeda e em muitos outros, o rei dos animais dá sempre o ar de sua graça (ou da sua ferocidade). Os tigres e as águias, estas empoeiradas no Catete, não lhe ficam atrás em popularidade. Hoje em dia os nossos artistas estão renovando a sua fauna de pedra e bronze, procurando animais diversos para ornamentação e símbolos. E' o caso, por exemplo, dos azulejos que cobrem as paredes do andar térreo do Ministério da Educação. Os desenhos foram feitos por Candido Portinari que procurou nos peixes e moluscos das nossas águas inspiração para aqueles azulejos.

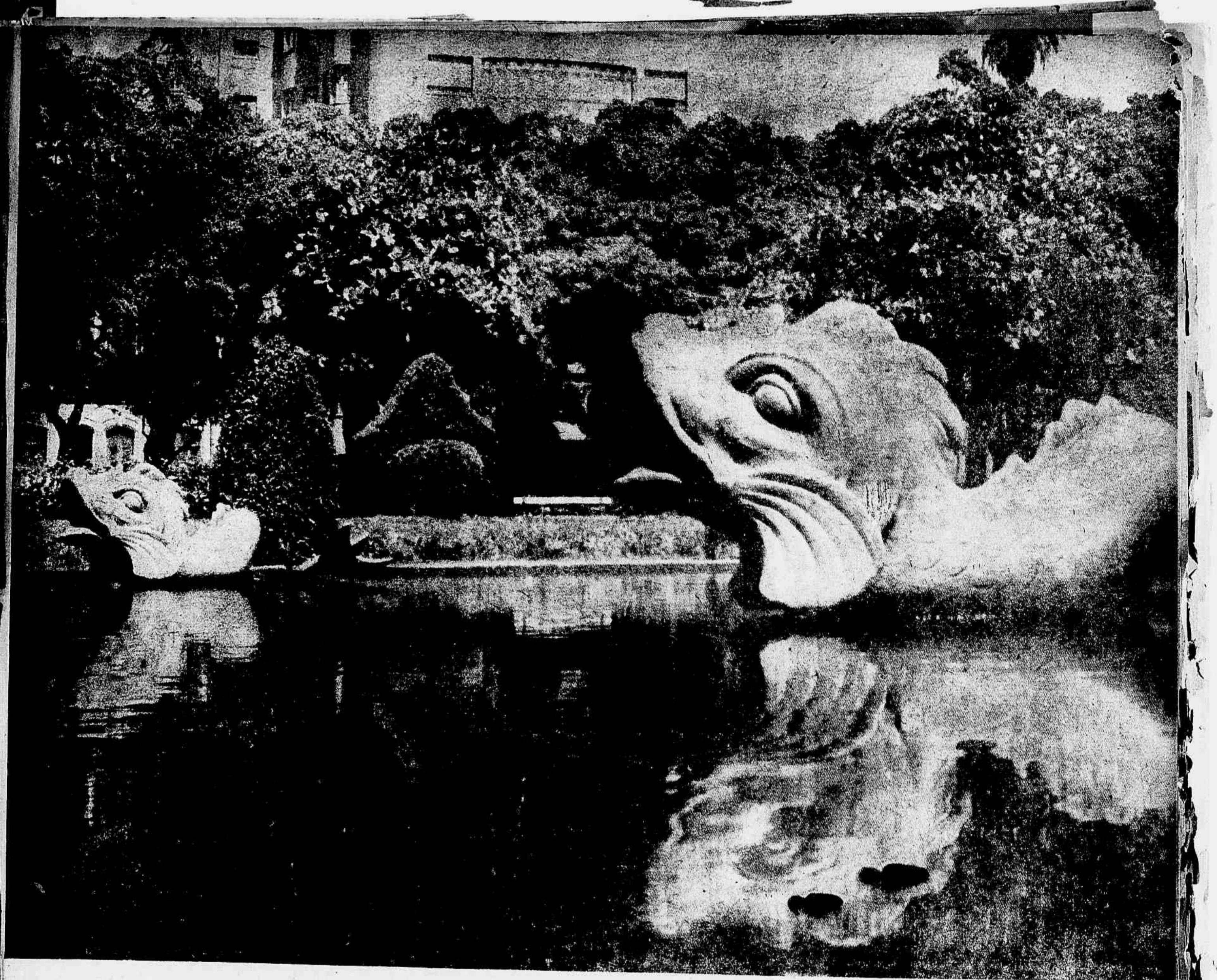
O TAMANDUA E O CAO

No monumento erguido na Av Rio Branco, em frente à Biblioteca Nacional, foram usados no pedestal, à guisa de ornamento, as figuras em bronze de quatro tamanduás. O tamanduá é típico da América do Sul e existe mesmo uma espécie que só se encontra na bacia amazônica, um animalzinho cujo comprimento não ultrapassa de vinte e cinco centímetros. Este monumento da Avenida, chamado pelo povo irreverentemente de "Tomara que chova", é o único em que o tamanduá foi aproveitado como motivo ornamental.

Um dos mais estimados animais, conhecido desde tempos remotos, e que tem sido desprezado pelos escultores para

"Prometeu Libertado", a mais discutida das nossas esculturas e uma das mais caras. O Ministro Capanema pagou duzentos e cinquenta mil cruzeiros ao escultor Jacques Lipchitz. Isto há uns cinco anos atrás.





Os golfinhos de pedra colocados próximos aos chafarizes da Praça Paris imitam também os que existem nas fontes do Palácio de Versailles, em França.

monumentos ornamentais, é o cão. Amigo inseparável do homem, tendo merecido de poetas e prosadores páginas bellissimas, não encontrou entre os mestres do buril e do cinzel as honras que merece. Dentre os jardins e monumentos percorridos, somente em um logradouro, no Jardim de Allah, em Ipanema, vimos a figura desse nobre animal que é o símbolo da fidelidade. Embora no cemitério de cães as inscrições das lápides falem eloquentemente do carinho que lhes devotaram os seus amos, a paisagem dos nossos jardins públicos quase nada tem para lembrar esse nosso amigo.

O CAVALO E O BEZERRO DE OURO

Para que o cavalo não ficasse esquecido das gerações futuras, caso desaparecesse repentinamente da terra, bastariam as estátuas equestres existentes às dezenas pela cidade. Caxias, Osório, Deodoro, Pedro I — todos estão bem montados, em soberbos ginetes. Temos ainda, uma bela estátua equina em frente aos portões do Jockey Clube, na Gávea, cópia fiel de um dos parelheiros que correm lá dentro. Nas pernas velozes desses corredores, são jogados, mensalmente, em nossa cidade, nada menos de quinze mil cruzeiros. Outro animal que aparece em muitos dos nossos baixos-relevos é o velho boi. Animal de destino singular, enquanto em certos lugares lhe arrancam couro e cabelo, aproveitando tudo o que tem, em outros países, como ainda hoje na Índia, leva uma vida de nababo, adorado e respeitado, comendo o que lhe apetece e passeando por onde lhe apraz.

O zebú, a maior força financeira do triângulo mineiro, ia, há coisa de ano e meio, ganhar uma bellissima estátua em uma das praças da cidade de Uberaba. De acôrdo com o projeto, escultura e pedestal custariam um milhão de cruzeiros! Isto foi no tempo áureo da inflação, quando um zebú de classe, bom reprodutor, alcançava com facilidade seiscentos mil cruzeiros. O projeto, noticiado amplamente pelos jornais, encontrou fortes críticas e oposições, censurando-se o gasto inútil de um milhão de cruzeiros, quando havia no Brasil tantas instituições de caridade necessitando de donativos. Nesse meio tempo o preço do zebú alcançou o teto, veio a desvalorização e os zebuzeiros, iniciadores do projeto, sentiram o entusiasmo arrefecer e não tocaram mais no assunto. A tentativa do projeto ficou apenas como símbolo de um tempo áureo em que a inflação chegou a fazer do zebú um novo bezerro de ouro.

A CEGONHA DE HOJE E DE ONTEM

Positivamente, a cegonha está perdendo o "cartaz". Há alguns séculos o seu prestígio era universal. Os romanos a respeitavam e a tomaram como símbolo do amor filial, acreditando que as jovens cegonhas se encarregavam da alimentação dos seus pais, quando estes atingiam uma idade que os impedia de voar. Veio da velha Alemanha a crença que tomou conta do Novo Mundo, segundo a qual a cegonha é a encarregada de trazer à terra os bebês recém-nascidos. Esta lenda até há algumas décadas a tábua

de salvação para as mães que tinham de responder as perguntas embaraçosas de garotos curiosos em excesso. A criangada crescia e durante muitos anos continuava acreditando que a cegonha era a responsável pela vinda de seus irmãos-zinhos. Hoje em dia, mesmo entre a gurizada, a cegonha está sem crédito. O garoto que assiste aos jornais de guer-

ra, admirando a rapidez dos aviões a jato, dos foguetes voadores e outros inventos modernos, tem dificuldade em acreditar que nesses céus turvados por máquinas zunindo a 1.200 quilômetros a hora, possa passar, serenamente, uma cegonha com um "baby" pendurado pelo bico. E' por



Grande parte das figuras de animais que adorna a nossa Praça Paris foi copiada de modelos idênticos existentes nos famosos jardins de Versailles, em França.

Até a vinda do Príncipe Regente D. João ao Brasil, no ano marcante de 1808, a instrução superior, para brasileiros, dependia da Universidade de Coimbra, a ensinar leis, matemática, filosofia, medicina e teologia, em de *rebus pluribus*.

Desejosos de ultrapassar ensino secundário, bastantes brasileiros iam a Coimbra pedir-lhe luzes. Viam também um pouco Europa e nela usos e costumes diversos dos de seu continente americano quase todo em período colonial, a desabir-se de metrópoles, os Estados Unidos a abrirem exemplo e desejos de imitação.

Com frequência estudantes brasileiros do século XVIII, em seu fim, partiam para Lisboa, daí alcançando Coimbra.

Encurtada a distancia oceânica entre o Maranhão e Portugal, dava-se o caso de viajarem muitos estudantes-nossos tomarem caminho directo de São Luís para Lisboa. Ocorria igualmente o caso de muitos estudantes formarem-se em Coimbra e regressando ao Maranhão nele ficarem sem jamais conhecer o Rio de Janeiro. Sem maior curiosidade contentavam-se uns tantos com a viagem de ida e volta, frequente para negociantes de São Luís do Maranhão.

Para estudantes de permanência em Coimbra, até de férias, havia não só necessidade de aclimação como de adaptação à vida de nova terra, na qual a propria lingua portugueza soava mais aspera e sincopada a ouvidos brasileiros, habituados a pronuncia mais doce de idioma comum a duas patrias.

De 1772 a 1872, os livros de matricula da Universidade de Coimbra registam os nomes de 1242 estudantes brasileiros nas aulas maiores universitarias. São cem anos de vidas nossas na existencia de Portugal e seus Algarves, dos quais a coroa lusitana fez sempre praça por lhe lembrarem os descobrimentos maritimos partidos de Sagres e do seu promontorio sagrado.

Vindos de pontos diversos do Brasil, estudantes iam ouvir lições em Coimbra. O Maranhão, Pernambuco, Bahia, o Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e mais do Brasil, forneciam discentes às cathedras e ao *magister dixit* dos docentes da Universidade lusitana.

Coimbra, quando simples povoação, foi de importancia militar, do alto de colina opondo-se a invasão romana, alana e sarracena, precioso o espaço na eminença defensora belica. Assim na Coimbra antiga, segundo Perestrello da Camera, se explicava a existencia de ruas estreitas e sinuosas, de praças irregulares, de ingressos calçadas.

Tudo isto por muito tempo ficou à vista dos estudantes brasileiros em Coimbra, compensados aqueles por paisagem risorha, por passeios em pitorescos sitios e sobretudo pela grande alegria esturdia da juventude, cujos dias tentas saudades depois inspiram a quantos na mocidade foram felizes desfrutando vigor inteiro e illusão completa de esperanças realizáveis.

Certos estudantes brasileiros em Coimbra não era licito folgar como demais colegas. Eclesiasticos tinham de guardar compostura, honrando batina entre capas de condiscipulos seculares.

A lista dos estudantes brasileiros em Coimbra de 1772 até a época do Primeiro Reinado no Brasil fornece uma série de nomes notabilizdos em nossa história.

Alguns nomes vão exemplificar, principie-se pelo nome de um estudante de direito e matematica, filho de arquitecto portuguez e de senhora baiana, o estudante nascido na cidade do Salvador.

Chamava-se o moço de vinte e tres anos, José da Silva Lisboa, destinado a visconde de Cayrú. Nada mais é preciso dizer.

Colega de Silva Lisboa em Coimbra foi Antonio de Moraes e Silva, o carioca, formado em Direito para

ESTUDANTES BRASILEIROS EM COIMBRA

ESCRAGNOLLE DORIA

se tornar o dicionarista até agora consultado por quantos desejam pureza vernacula.

Dois futuros cronistas de cousas brasileiras estudaram em Coimbra. Um foi monsenhor Pizarro, descrevendo o Rio de Janeiro natal em *Memorias Históricas*; O outro cronista Baltazar da Silva Lisboa legou *Anais* à cidade do Rio de Janeiro de tanta história memoravel

Em 1786, bacharelava Coimbra, em Direito, Luís José de Carvalho e Mello, fadado a ser um dos redatores da Constituição do Imperio do Brasil em 1824, de tal carta magna colaborador outro universitario de Coimbra. Tinha nome de Mariano José Pereira da Fonseca, que nem por sombras pensava nas maximas do marquês de Maricá. Ao formar-se andava Mariano da Fonseca em vinte anos, idade na qual ninguem pensa em escrever maximas, frutos de experiencia em misto de amarga filosofia.

Bacharelado em Matematica, para depois formar-se em Medicina passou por Coimbra o doutor sobre excêntrico cronista Antonio Ferreira França, abrilhantador de familia da qual, há pouco, valiosamente, o Snr. Mario França deu noticia para proveito de estudiosos.

Não muito depois de Ferreira França, o estudante brasileiro Miguel Leal recebendo o grau de doutor em leis saiu fóra da lei provocando escandalo publico na Universidade. Tomado grau, o novo doutor desmandou-se em palavras e gestos arrogantes. Tudo porque um *R* apparecera na urna de votação sob fóra de bóla preta no julgamento de exame privado.

Em 1803, um voto de reprovação doia fundo, até a pais e familia, causando reparo geral.

Insultada quando lhe devia agradecer o colerico doutor abespinhado pelo *R*, a Congregação da Universidade reagiu. Um decreto anulou o grau recebido, o termo do doutoramento trancado e riscado, o ex-doutor condemnado dentro de trêz dias a pôr-se fóra de Coimbra e a nunca mais lá voltar, desabafando longe.

E a vida universitaria prosseguiu para ir graduando em varios conhecimentos humanos. Continuaram estudos e pediram grau, estudantes brasileiros quais Domingos Borges de Barros, o futuro visconde de Pedra Branca, Leandro Ferreira da Silva que trocava este nome do seculo pelo de frei Leandro do Sacramento, o botanico.

Caso raro, em 1808 só um brasileiro, Caetano Carlos da Silva e Gusmão, natural de Campos de Goitacazes, pediu matricula à Univeridade de Coimbra, isto quando o Príncipe Regente D. João já se achava no Rio de Janeiro.

A' pressão da invasão franceza de Junot, Portugal conheceu tempos de agitação e guerra, tudo a reflectir na vida universitaria de Coimbra. Nela permaneceram estudantes brasileiros. Um deles Pedro de Araujo Lima,

UM ASPECTO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

o doutor em direito de 1819 para regente do Imperio de um Brasil que D. João VI estava então a preparar no Rio de Janeiro.

Na época de Araujo Lima, em 1814, formara-se em Direito outro futuro regente do Imperio, João Bráulio Muniz, o maranhense.

Outros estudantes brasileiros foram passando pelas aulas e bancos da Universidade até chegar a esta a noticia da remigração bragantina a Lisboa e dentro em pouco a nova do brado do Ipiranga e da sua cavalgada historica.

Por ele esperaram formatura em Coimbra, entre outros, Miguel Calmon, Araujo Viana, diplomados em 1821.

A Independencia do Brasil não tolheu estudos de academicos brasileiros, em Coimbra, entretanto podendo frequenta-los na patria onde criados os Cursos Juridicos de Olinda e São Paulo. Uma boa quantidade de matriculas de brasileiros em Coimbra o comprova.

Imiscuiram-se os academicos brasileiros de Coimbra na luta contra o miguelismo absoluto em Portugal. Formaram batalhão de voluntarios em defesa de ideias liberaes representadas no movimento constitucionalista da causa de D. Maria II sustentada pelo pai, D. Pedro IV e I no Brasil.

Os participantes do batalhão academico foram mandado riscar dos registos da Universidade, atingidos pela ordem do absolutismo estudantes brasileiros que viriam a ser glorias de sua patria. Assim José Joaquim Fernandes Torres, depois ministro, senador do Imperio lente de Direito em São Paulo. Nomeie-se outro, Francisco Gonçalves Martins, o futuro visconde de São Lourenço, ornamento da Bahia, seja lembrado Manoel Vieira Tosta, que veio concluir estudos juridicos em São Paulo, para ser o energico repressor da ultima guerra civil do Imperio, a *Praia* pernambucana, dela a repressão um dos serviços de Tosta a ordem publica no Brasil.

Com Vieira Tosta, o vindouro marquês de Muritiba, outros componentes do batalhão universidade coimbrão, tiveram de deixar Portugal, vindo nobilitarem-se no Brasil, onde, em 1831, a minoridade de D. Pedro II, pela successão de Regencias, deu ensaio de governo republicano eletivo.

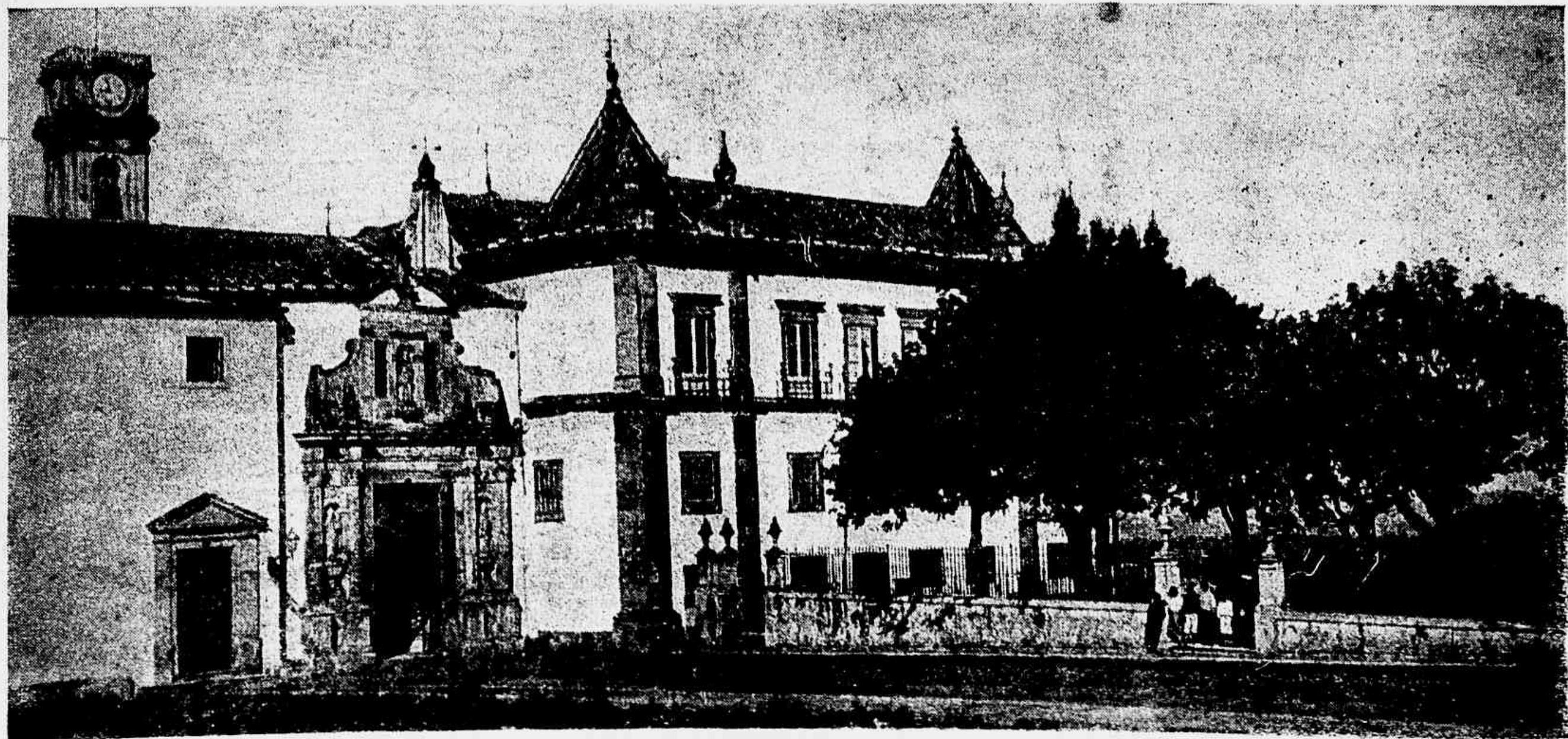
A ultima regência do Imperio apresentou ao Brasil dois antigos estudantes de Coimbra, Araujo Lima e Bernardo de Vasconcellos.

No decurso do Segundo Reinado, á testa de governo, administração e politica continuaria o Brasil a conhecer ex-alunos das aulas de Coimbra. Nela Cremones estudara, alcunhado de Trinca Fortes quem havia de escrever epopeia ao pé da qual empalidecem todas as epopeias da literatura universal.

A' grande sombra do epopeizador dos feitos de sua raça, a Universidade de Coimbra foi vendo, no correr dos tempos, outros poetas, alguns poetas naturais do Brasil onde de obrigação a mocos a composição de versos de pé inteiro ou quebrado, de rimas ricas ou pobres, que a poesia tem opulencia e indigencia.

Entre os poetas que Coimbra abrigou no seculo último está um matriculado primeiro anista de Direito em 1840, Antonio Gonçalves Dias. Para que lhe encaecer mais do que o nome?

Dezesseis anos depois da formatura de Gonçalves Dias, a Universidade de Coimbra graduava, também em Direito, outro poeta, Gonçalves Crespo, nascido no Rio de Janeiro. Neste teve Crespo infancia e adolescencia, para ir viver e morrer em Portugal, ficando a obra do poeta entre a literatura portugueza e a brasileira, a existencia em Portugal a dar cunho à parte da obra de Crespo, a saudade do Brasil a inspirar a outra parte.



A VIDA DE AUGUSTO

(63 A. C. - 14 D. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

HÁ dois mil anos, era o senado a cidadela da liberdade na República Romana. Seus inimigos conspiravam para derrubá-lo, assumir o poder e dominar a cidade, destruindo o grande experimento romano de auto-governo. Um dos senadores, o dissoluto Catilina, organizou uma "Frente Radical" — um bando de celerados, de homens sem trabalho e patriotas iludidos. Um adversário seu, o grisalho orador Cícero, reuniu as provas necessárias e apresentou a acusação contra êle, desmascarando-o diante do senado e da nação. Foi um dos casos mais sensacionais da história da república. O senado andava repleto. Um dia, lá para o fim do julgamento, um velho senador chegou tarde. Fôra detido por um incidente doméstico. Sua mulher acabava de dar à luz um filho.

Entrou precipitadamente na Sala da Liberdade, incapaz de guardar para si a grande nova que trazia. — Um filho, minha mulher teve um filho — segredou aos vizinhos de assento. — Parabens à liberdade — respondeu um dos senadores. E "parabens à liberdade" foi a expressão que passou de grupo em grupo. Os senadores agitavam-se nas cadeiras e alizavam as dobras das túnicas. Um homem alto e magro, que estivera escutando atentamente as acusações de Cícero contra Catilina, retirou a mão que tinha posto em concha ao redor do ouvido. Voltou-se para o senador recém-chegado. — Então, Otávio, tens um filho. E teu cunhado, Júlio César, tem um sobrinho. — Sorriu, e o seu sorriso era cheio de significação. Fixou o olhar em Cícero; êste discorria sobre os tempos e a moral que permitiam à conspiração de Catilina desenvolver-se livremente. Exigia que os senadores, de acôrdo com o seu testemunho, declarassem Catilina inimigo do Estado. O legislador que, momentos antes, sorria significativamente, voltou-se para um colega baixo e gordo que estava ao seu lado. — De que serve todo êsse alarido e tôda essa inquietação pela nossa liberdade? Vamos supor que nos desembaraçamos de Catilina; que o executamos, e a tôda a sua gente; que banimos todos os inimigos do Estado, conhecidos e suspeitos; mesmo assim, Roma terá de curvar-se diante dum amo. Se Júlio César morre... há outro César, seu sobrinho... o filho de Otávio, nascido hoje.

II

Corriam estranhas lendas sobre o filho de Caio Otávio. Não era uma criança comum. Muito depois do seu nascimento, o povo ainda recordava essas lendas, ou antes, refundia-as ao sabor da imaginação. Um dia, quando tinha três anos — diziam — a ama deixou-o por um instante e, ao voltar, viu o berço vazio. Foi encontrar o menino — assim conta a lenda — deitado no alto duma torre, com a face voltada para o sol. Aos cinco anos, achando-se na herdade do pai, ordenou às rãs que deixassem de coaxar, porque o molestavam quando queria dormir. E as rãs — afirmavam os fazedores de mitos de Roma — obedeceram e calaram-se. Um garôto muito prometedor, na verdade! Baixo, delgado, olhar frio, sobranceiras finas e delicadas, pés pequenos. Quando tinha doze anos morreu-lhe a mãe, e êle pronunciou a oração fúnebre diante do cadáver. Sua voz era nasal, penetrante, eficiente, sem emoção. Nas veias do pequeno patricio não corria sangue, mas apenas água colorida. Esperto, capaz de dirigir-se por si, tinha aos doze anos boa figura, fisico desenvolvido e um ar encantador de madureza. A vida sorria-lhe. Júlio César chamava-o o seu sobrinho predileto. Aos dezesseis anos vestiu a toga e tornou-se homem. Mas tinha a ambição, a astúcia e o cinismo dum adulto muito antes que o mundo o considerasse como tal. Ainda em criança, quando parecia ocupado com os seus brinquedos, olhava o mundo com olhos audazes e calculadores. Silencioso, sempre em último plano, sentado nos joelhos da mãe ou deixando-se ficar a um canto, enquanto outros dominavam a cena, sabia avaliar as situações e definir as cousas com um cinismo de que outras crianças da sua idade seriam inteiramente incapazes.

Sempre achara meio de colocar-se no lugar adequado no momento oportuno. Sabia despertar a atenção daqueles a quem convinha interessar. Fazia-se notar com finura e discreção. Estava sempre disposto a lisonjear os mais velhos, a alimentar-lhes a vaidade com o magnífico estímulo da fervorosa admiração infantil. Tirava partido da sua aparente ingenuidade juvenil para ganhar a confiança das pessoas de mais idade. Era quase feminino na compreensão intuitiva da psicologia masculina, muito antes de perceber o que essa sua facilidade implicava. Tinha uma inteligência viva, dotada de notável capacidade para apreender as emoções e os pensamentos daqueles que desejava influenciar. De linguagem e maneiras irrepreensíveis, frio como uma estátua, parecendo indiferente ao meio em que vivia, tranquilo no pequeno mundo da sua infância astuta e sagaz, foi introduzido aos dezesseis anos no mundo mais vasto da política de seu tio. "Lembra-te de que és um César", disse-lhe êste. E foi coisa que o moço nunca esqueceu.

Acompanhou o tio na expedição á Espanha. Marchou a seu lado no desfile triunfal, de volta a Roma. César tinha dado caça a Pompeu, o homem que ousara disputar-lhe a supremacia no Estado. E agora ei-lo passando sob o arco de triunfo, acompanhado de uma banda de músicos que com seus acordes marciais punham em alvoroço os corações dos

espectadores. Que quadro glorioso! Aqui vem o vencedor no seu carro, coroado de louros, empunhando o cetro da vitória, com as feições, magras e crestadas pelo sol, abertas num sorriso. E aqui, marchando ao lado do carro, vem o jovem sobrinho, silencioso, aparentemente alheado ao que se passa, tomando parte nas festividades em respeitosa homenagem ao tio; nenhuma expressão perceptível no rosto; suas mãos movem-se num ritmo maquinal — mãos delicadas, nunca eloquentes, raramente ocupadas em apontar alguém ou em fazer gestos; cabeça erguida com firmeza; olhos, mais ousados do que parecem, fitos no espaço, inescrutáveis, um moço refinado, sério, retraído e cheio de confiança em si.

III

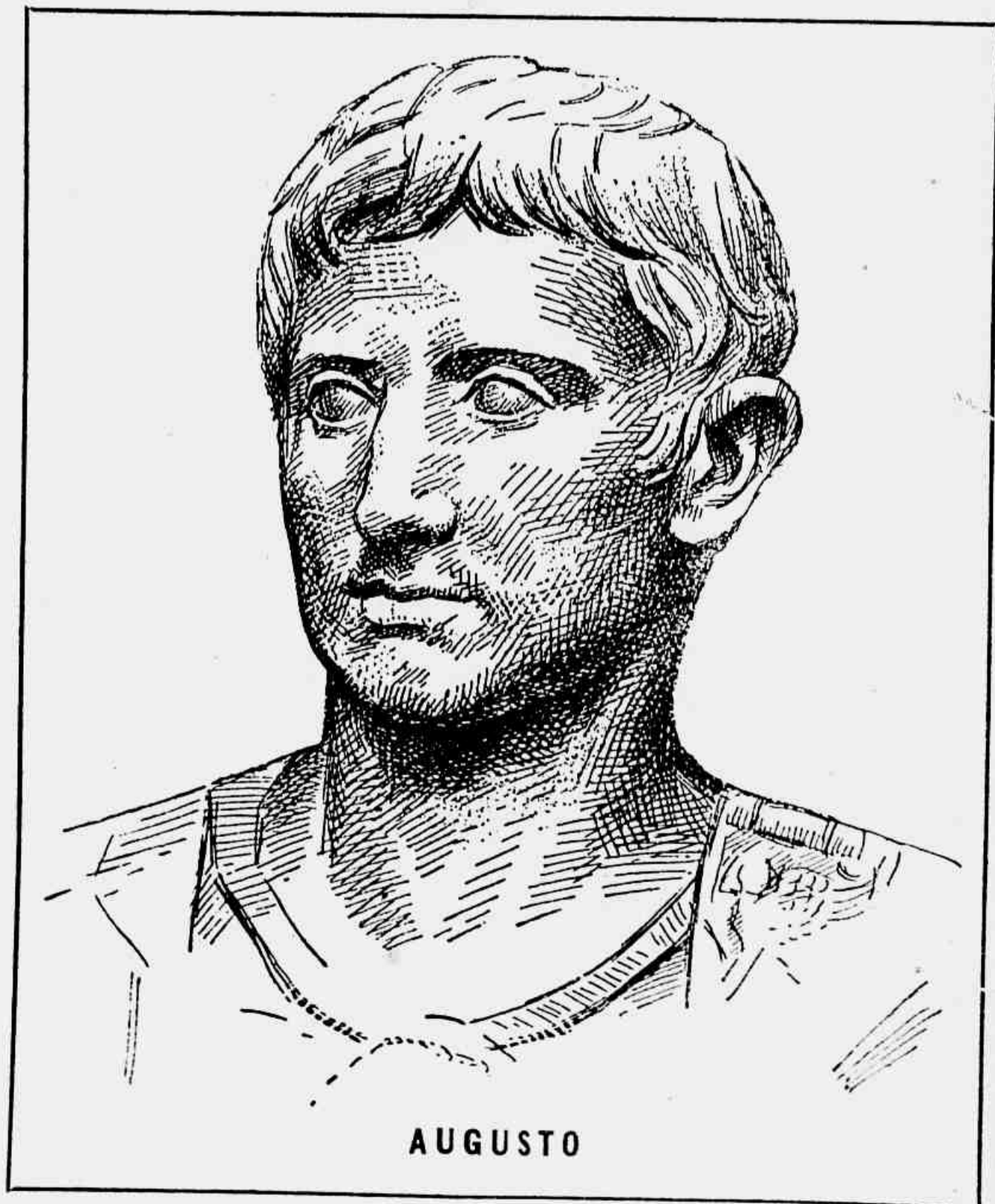
Não muito tempo depois do triunfo, César foi assassinado e o jovem Otávio tomou as rédeas do governo, juntamente com dois companheiros.

Marco Antônio e Lépido eram os outros membros dêste novo triunvirato de pilhagem e vingança. Quando um guerreiro forte e sem escrúpulos procura apossar-se do poder com a ajuda do exército e um punhado de homens livres e intrépidos lhe cravam um punhal nas costas, lançando o Estado em confusão, a força militar é a única ainda capaz de assegurar a unidade. O senado é demasiado fraco para proteger a ordem civil; a lei marcial é decretada, na emergência: os que têm o apoio do exército, vitoriosos e implacáveis, põem-se ao leme e suprimem a liberdade muito mais eficazmente do que o poderia ter feito o aventureiro Catilina. Os três membros do Segundo Triunvirato eram todos amigos do César assassinado, e todos aventureiros. Dois dêles, Otávio e Antônio, eram bandidos provecetos, mas Lépido era um velho tolo e inofensivo que, por estranha decisão do destino, herdara a terça parte dos despojos do conquistador. Foi-lhe dado o governo das províncias romanas da África. Lá naqueles climas quentes, esperavam os outros dois conspiradores, havia de perder tôda a energia necessária para cuidar de seus interesses em Roma.

Tendo afastado Lépido, Otávio e Antônio organizaram uma lista dos inimigos a serem executados — cada um rogando aos céus que lhe permitissem em breve incluir o outro na lista. O mundo era pequeno demais para os dois ambiciosos romanos. Um deles tinha de morrer. Antônio era um homem sólido, sorridente, de constituição rija, ar enérgico e decidido. Era um animal forte, admiravelmente bem dotado para sobreviver com os mais aptos; um romano rude, viril, espirituoso, bulhento e jactancioso, com um robusto apetite tanto para os prazeres como para as satisfações mais sólidas da vida. Era um bom camarada, um "bamba", grande bebedor, grande amante e grande soldado. Otávio, pequeno, doentio e silencioso, parecia uma planta mirrada diante daquele sol resplandecente. Olhavam-se por cima da mesa, os dois símbolos da sêde de poder — o homem forte condenado a ser vencido pela sua própria força, e o homem fraco destinado a vencer pela sua própria fraqueza. Estudavam o mapa do mundo — do mundo romano — desde as ilhas Britânicas até o Império Persa. Tudo isso os exércitos romanos tinham anexado à que antes fôra uma insignificante república das margens do Tibre.

E ali estavam êles — Marco Antônio, o moço de mais de quarenta anos, e Otávio, o velho de vinte e poucos — trinchando o mundo como uma tentadora iguaria para a sua voraz ambição, e cada um planejando desembaraçar-se do outro. Nesse momento, segundo contam,

(Continua na pag. 55)



AUGUSTO

O Eclipse

QUANDO comecei a tomar conhecimento das coisas, o mundo estava cheio de misérias. O povo ia deixando de falar da Grande Guerra, mas apareceu a gripe espanhola, verdadeiro horror pelas vidas que dizimava. O ano de 19 trouxe outra calamidade — a seca! Finalmente, o eclipse coroava de apreensões aquela época tormentosa.

Não contava 9 anos ainda, pois nasci exatamente em 1910, mais conhecido pelo ano do cometa. Desde muito pequeno me contavam que o cometa de Halley ameaçava fulminar a terra com a sua formidável cauda.

Por isso ou aquilo, o fato é que cresci com medo de certos fenômenos meteorológicos e sísmicos. Na minha ingenuidade, confundia-os com coisas sobrenaturais, com os mistérios de Deus e as maquinações do Diabo.

O que estivesse lá por cima, e fora da mais chã compreensão, me infundia respeito e pavor. Uma estrela cadente que corria, uma chuva copiosa, de trovoadas, até mesmo uma noite escura era motivo de angustiosos pensamentos. E que medo de aparições, do inferno, do próprio demônio em pessoa!...

Desde que li a história do SEGUNDO LIVRO DE LEITURA, fiquei temendo Mefistófeles: "Espanca o teu pai e tua mãe, mata a tua irmã, ou te entrega ao vício da embriaguez". E o pobre rapaz (como o "vejo" ainda agora, na sugestiva gravura!) resolvendo optar pela embriaguez, acabou espancando os pais e matando a irmã.

Só me sentia bem nas noites de luar e nos dias de sol tinindo, a vadiar despreocupado com os meninos. Bricávamos de *foot-ball* na grande praça defronte. De noite, travava-se briga entre o batalhão de meu primo Tasso e o dos meninos do Curral, outro bairro da minha pequena cidade. Ou se inventava brincadeira de cabra-céga, boca-de-forno, manja...

— Manja, manja, manja-lé
— Toca a caixa, Rafaé
— Quem tiver seu pé ligeiro, chegue na manja mais primeiro...

A's vezes, os meninos se enfileiravam para brincar o "grilo":

— Cadê o grilo?

— Tá lá atrás...

O de trás tinha corrido para não ser alcançado. Quando chegava minha vez, o coração disparava. Os outros deviam ser como eu. Quem queria ser pegado? Sempre correndo, correndo, como na vida afora, a gente procura livrar-se do perigo...

(Onde andarão aqueles meninos? Deixem-me ver: O Bessa morreu de tifo aos 12 anos. Primo Zé morreu tuberculoso. Ulisses também. Tonio casou-se com uma mulata, que o abandonou depois. Dondó está morfético, num hospital. Zemaria matou um homem e está preso no Piauí. Eu fui pro Seminário e saí pra ser pintor de cartaz, soldado, e agora barbeiro — um vagabundo que enxovalha a família... Onde andam os outros? Négo Saul, Umbelino, Zezinho, das canelas feridas... Onde andam eles? O grilo da vida vai pegando, matando...)

○

Possuía eu duas espécies de primos — os ricos e os pobres. Eram éstos os que eu mais admirava. Tinha inveja dos seus brinquedos, do seu modo de viver ás soltas. Sabiam tudo os meus primos Tasso e Zé, engenhosos que eram, inexcedíveis, no julgamento ingênuo dos meus oito anos. Nas vésperas de São João, fabricavam fogos de variadas espécies. E eu, ao lado deles, sentado no chão, auxiliava-os dias e dias na sua grande arte pirotécnica, besuntando de grude os dedos, impregnando a roupa dum cheiro ativo de enxofre e pólvora...

Ninguém melhor que eles sabia fazer pão, papagaio, gaiolas, bés-tas, espingardinhas. Fizeram até um *carroussel*, com seis lugares para se rodar. Pontificavam entre a meninada de nosso bairro, contando anedotas, histórias de Trancoso, de reis, bandidos e assombrações. Verdadeiras personagens eram os meus primos, dignos de um Mark Twain ou de um Dickens...

Os ricos pertenciam a outro mundo. Não podiam viver livremente com os outros meninos, levando sol, chuva, tomando banho ao meio-dia, nem comendo frutas verdes e quentes. Meu tio, proprietário do bilhar, quando me via perto deles, me dirigia um olhar, o bastante para me intenciar da separação que devia existir entre nós.

Os meus quatro primos viviam metidos naquelas paredes e por trás do balcão da mercearia. Quando iam apanhar as bolas do bilhar ou da bagatela, jogavam uns minutinhos, ás escondidas. A' noitinha, botavam água e carbureto nos acetilenos e os acendiam...

Pelas manhãs faziam exercícios de caligrafia, numa letra caprichada, com pernas de "mm" e "nn" numa simetria invejável. Eu ficava apreciando, em redor das bancas, e ao chegar á casa

ia á gavêta tirar o tinteiro e papel, procurando imitar a caligrafia apumada. Gostavam também de se mostrar, citando bonitos nomes geográficos e históricos — ou de falar francês: *Bonjour, bon soir, monsieur...*

Eu voltava para casa com aquelas palavras na cabeça, com os talhos de letras nos olhos, doidinho de inveja, pensando: "Meu Deus, quando poderei aprender tanta coisa!" — Até esquecia o que tinha ido fazer, como uma vez em que trazia, apoiado nos braços, a garrafa de querosene — e ela escorregou, espatifando-se nas pedras. Por isso, minha mãe que compreendia o meu gênio introvertido, advertia-me sempre:

— Vai, Lauro, comprar isso, mas — cuidado! daí volta tanto e não vá deixar cair nada pelo caminho...

Quando ia ao mercado, dei para ficar ouvindo as conversas. Debruçava-me sobre os balcões, peruava as rodas no bilhar e ia mesmo até a cadeia, ali perto, para ouvir os presos. Falava-se de tudo, da seca daquele ano, mas o que mais me interessava era o eclipse.

Nas noites de abril e maio, meu pai sentava-se na calçada e ficava triste a olhar o céu impassível, sem núvens. Os dias eram quentes, a soalheira comburindo os restos de grama amarela, um céu azul-turquesa, dilatado. Mas as noites eram frias, o vento furioso levava de roldão os papéis, as folhas secas, a poeira das ruas.

Meu pai certificava-se da desgraça baixando outra vez sobre o Ceará, calava-se pensativo, coçando a cabeça até a nuca, e dizia por fim:

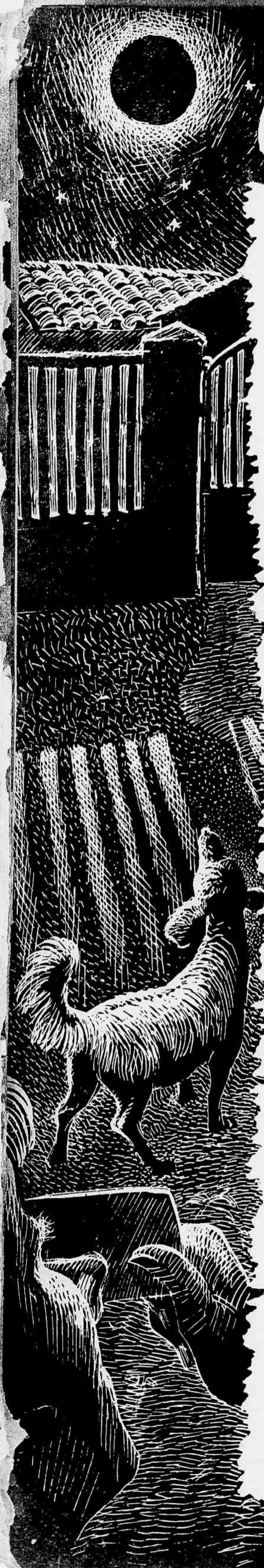
— Vai ser uma seca danada! Ainda mais êsse eclipse... dizem que é a causa da mudança do tempo...

Eu imaginava que o eclipse fôsse que nem uma entidade maléfica, — pudesse com a chuva, com o céu, o sol. Os jornais o noticiavam com pormenores e estardalhaço. A minha impressão era que o sol ia passeando calmamente e a luz, de intrometida, vinha tomar-lhe o lugar.

As profecias abundavam pelos jornais. O perigo seria grande. Capaz de o mundo pegar fogo, acabar-se de vez, como rezavam as escrituras. Viria um facho de fogo lá das alturas, lambendo tudo na terra, tomando os quatro cantos, incendiando-a...

○

Os astrônomos da América tinham vindo sentar os telescópios em Sobral, porque era de todo



Conto de **F. MAGALHÃES MARTINS**

Ilustração de **ARMANDO PACHECO**

o glôbo o lugar em que seria mais visível o eclipse. O povo maldava que os astrônomos fôssem o anti-cristo das escrituras, e citava-se a profecia de Frei Vidal da Penha. E pegava-se com o Padre-Cícero, com almas milagrosas, dando-se curso a superstições. Faziam-se promessas, rezas fortes e legendas de papel para serem pregadas às portas: — "Oh! Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorreremos a vós".

Essa atmosfera de credices influia nos meus nêrvos de menino pensativo. Por isso, corria a todas as fontes que me pareciam douradas. Uma delas era a mãe Teresa, negra velha de quase cem anos, que contava histórias das secas de 77 e dos três oitos, dos tempos da cólera e da escravatura.

Os pais de todos os meninos, ela os tinha visto nascer. Nós a chamávamos de "mãe", porque os nossos pais já a chamavam. Era uma negra esquisita, de carapinha esbranquecida. Nas mãos um bastão, que se confundia com as pernas finas, de cambito; nos ombros, com a ponta envolvendo o pescoço, um manto marron-escuro, de extremidades desfiadas — o chale.

O eterno cachimbo de canudo de pau, ela o retirava de vez em quando da bôca desdentada, para resmungar palavras embrulhadas ou uma cantiga dolente, que nem sei, ainda hoje, se era lundú.

"Eu vi Iaiá chorando... ando...
"Se lastimando na cadeira do piano... ano..."

Quando mãe Teresa falava com a gente, — que sotaque diferente, que voz macia e enigmática! Ao passar, suas vestes exalavam um cheiro de fumaça. Então eu pensava, porque sempre a via á beira do fogo, junto ás trempes da sua cozinha, que aquilo vinha da fumaça dos seus catimbós.

■ Explicava todas as coisas, sem nada explicar na verdade, mas com um modo de rosnar algumas palavras, rindo, a bôca engelhada, as gengivas roxas. Contava histórias de macumbas, almas penadas, mulas sem cabeça, cai-poras, lobishomens que corriam 7 provincias nas noites de 5.^a para 6.^a feira.

Ao tempo do eclipse, estávamos meio intrigados, porque andei atirando pedras em cima de seu

casebre, que ficava na rua de baixo. E a velha, adivinha, viera enredar á minha mãe, que me fez os maiores mêdos:

— Olha que ela te põe mandinga de cururú e tú vais ficar doente.

Eu temia era ficar como o Zé-zinho, com as pernas cobertas de perebas e um cordão em volta dos tornozelos, sinal da reza para sarar. Porém só sararia (disse-me êle) se achassem o cururú do cabogo.

Afinal, em fins de maio, chegou o grande dia... Eu acordara com a idéia fixa do eclipse na cabeça. Vim ver logo o tempo e notei que as coisas corriam normalmente. O sol pompeava num céu aberto. Em frente, o pátio amplo, vermelho, varrido pelos ventos noturnos. Lá adiante, o mercado com a cadeia ao lado e o bilhar do meu tio.

Gente pelas calçadas e pelas ruas caminhava calmamente. Botadeiras d'água com potes equilibrados — cabeça, lavadeiras com trouxas de roupas, rumo á fonte. — "Ah! era mentira!" — disse comigo. Cheguei a desconfiar de que não haveria eclipse — e até tive desejo de ver o fenômeno, como pintavam, de ver o mundo se acabando, lambido pelas labaredas...

Minha mãe ordenou-me, mais tarde, que fôsse fazer as compras. Ao voltar, corri á casa de meus primos e lá os encontrei com pedaços de vidro á luz de lamparinas, esfumaçando-os, para se ver o olho do sol e a evolução do eclipse. E tinham uns ares de serenidade que me decepcionaram.

Depois de 8 horas, o disco do sol começou a ser interceptado pela lua. Pedaços de vidro aos olhos, a pouco e pouco a gente via a lua ir tomando a frente do astro-rei. Aquilo durou. De vez em quando eu retirava a vista do alto e descansava na paisagem em volta. Tudo estava como dantes. Entretanto, o eclipse era um fato.

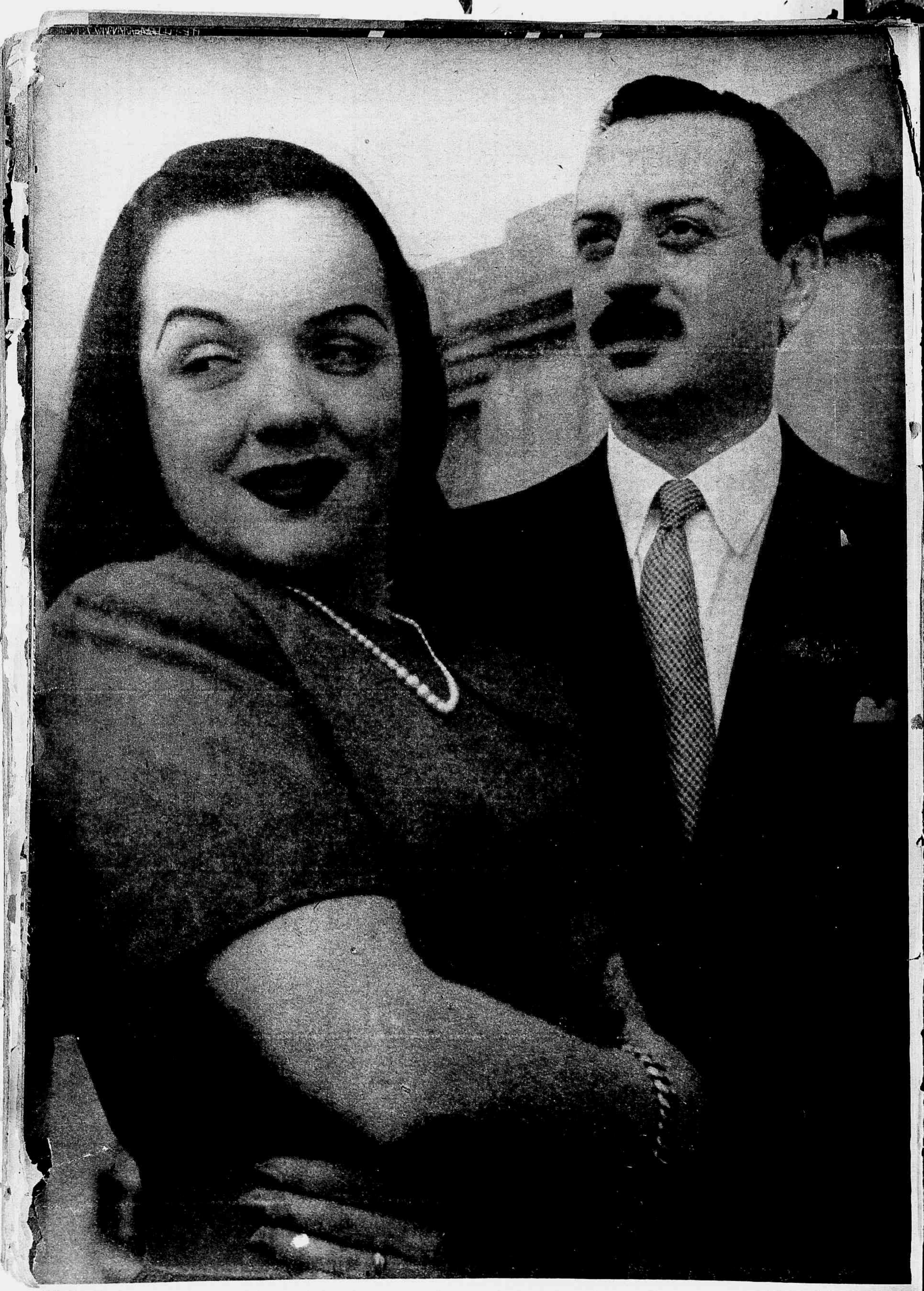
Ao cabo de algum tempo, via-se o sol em meia lua, através do vidro enegrecido. Aos poucos foi correndo uma cortina escura sobre as coisas. A gente se entreolhava reccosa. O sol ia desaparecendo

(Continua na pág. 52)

Selecionado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA



A. PACHECO





Em cima, à direita: Beatriz Costa e seu marido, Edmundo Gregorian, posando para a REVISTA DA SEMANA. A esquerda: Beatriz Costa, enquanto a fotografávamos, falava pelo telefone com a redação de um jornal que lhe perguntava "se era verdade que estava casada"; Em baixo: os recém-casados, na "terrace" do Pax Hotel.

BEATRIZ COSTA DIZ ADEUS À SUA CARREIRA ARTÍSTICA!

BEATRIZ COSTA tem um grande nome artístico, tanto no Brasil como em Portugal. Mal se iniciou a febre dos filmes falados e das versões em várias línguas, ela foi contratada pelo estúdio da Paramount, em Paris, filmando com Leopoldo Fróes o filme "minha noite de núpcias", que foi o canto de cisne do grande ator brasileiro. Filmou, com Procópio Ferreira, o filme "O trevo de quatro fôlhas", e apareceu, ainda, em "Aldeia da Roupa Branca", além de filmes outros, com Vasco Santana, Estevão Amarante e outros atores. "Estréla" do teatro musicado, em Portugal, veio ao Rio com uma grande companhia de revistas, deixando-se ficar, desde então, entre nós. Aqui, brilhou no rádio, através de longa atuação na Nacional, e fez uma temporada prolongada no extinto Cassino da Urca, de onde se transferiu a outros "night-clubs", e organizou uma companhia teatral, de sociedade com Oscarito, obtendo o mais completo êxito, tanto no Rio como em São Paulo. Nunca lhe faltaram contratos vantajosos e até mesmo de Hollywood lhe acenaram, algumas vezes, com propostas que desprezou em benefício de seus

CASADA COM O PAULISTA EDMUNDO GREGORIAN, PARTIU PARA O ORIENTE PRÓXIMO, EM VIAGEM DE NÚPCIAS.



próprios negócios e interesses. Mas, desde que dissolveu a companhia que tinha com Oscarito, após dois anos de sucesso no Rio e em São Paulo, Beatriz Costa anunciou que não voltaria a trabalhar. Por que? Estava casada, havia grandes dificuldades no negócio teatral, o material estava caríssimo, os transportes igualmente e, — além de tudo isso, — estava pensando em casar-se. Muita gente pensou que Beatriz Costa estava elaborando planos em segredo, para uma reaparição sensacional, tendo dado o pretexto do casamento apenas como uma cortina de fumaça. Mas,

de repente, quando menos se esperava, surgiu nos jornais de São Paulo a notícia de que Beatriz Costa acabava de se casar com o advogado e fazendeiro Edmundo Gregorian, muito conhecido nos círculos intelectuais de São Paulo, por ser, igualmente, um beletrista. Uma vez casada, Beatriz Costa veio ao Rio, afim de seguir, daqui, para o Egito e a Palestina, em viagem de núpcias, passando antes porém, em Portugal, afim de rever os seus. Hospedando-se no Hotel Pax, à espera de que houvesse vaga na linha aérea Brasil-Portugal-Egito, Beatriz Costa e seu marido, Edmundo Gregorian, posaram para o nosso fotógrafo e a famosa artista portuguesa nos confirmou, em termos categóricos, sua disposição de não volver ao rádio, ao teatro ou ao cinema, para passar a ser apenas uma boa dona de casa.

— No teatro e nas atividades artísticas em geral, — declarou Beatriz Costa, — saber sair é, às vezes, mais difícil do que saber entrar. Graças a Deus, fui muito afor-

(Continúa na pág. 58)



Voe por Clipper ... é mais fácil!



★ "Depois que V. tiver desfrutado as vantagens e os inúmeros serviços que lhe são prestados a bordo de um Clipper da Pan American World Airways, então compreenderá por que gosto tanto de "pôr o passageiro à vontade... como se estivesse em casa!"



★ "Por exemplo: Noutro dia ouvi um homem de negócios exclamar: "Ah! isto é que é vida!" Assim dizendo, recostou-se nas almofadas e falou com verdadeiro encantamento: "Imagine... quasi sete quilômetros por minuto e, ainda assim, eu garanto que não estaria mais confortável em minha própria sala!"



★ "E imagine o orgulho que senti ao ouvir dizer: "Viajar com crianças por *Clipper* é muito mais cómodo. Alimentação especial — cuidado especial — atenção especial... Pois é! A aero-moça do Clipper até carregou o Joãozinho no cólo como se fosse seu próprio filho!"



★ "Sim, peça a opinião de qualquer pessoa que tenha viajado pela Pan American e eles também lhe dirão: "Voe por Clipper — é mais fácil!" Para eles, Clipper é muito mais que uma simples palavra... é o símbolo do que há de melhor em transportes aéreos."

Voe pela PAA... experiência sem PAR!

O serviço excepcional que é a tradição da PAA não se limita apenas ao conforto que proporciona aos seus passageiros; em colaboração com os governos dos países servidos por sua rede, a PAA também está levando avante a expansão e melhoramento das facilidades *de terra* — outro exemplo da liderança PAA — outra razão por que um número cada vez maior de pessoas exclama: "Voe por Clipper... é mais fácil!"

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS



PAA

A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antigua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica — Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao — Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway — Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia — Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana — República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam — Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.



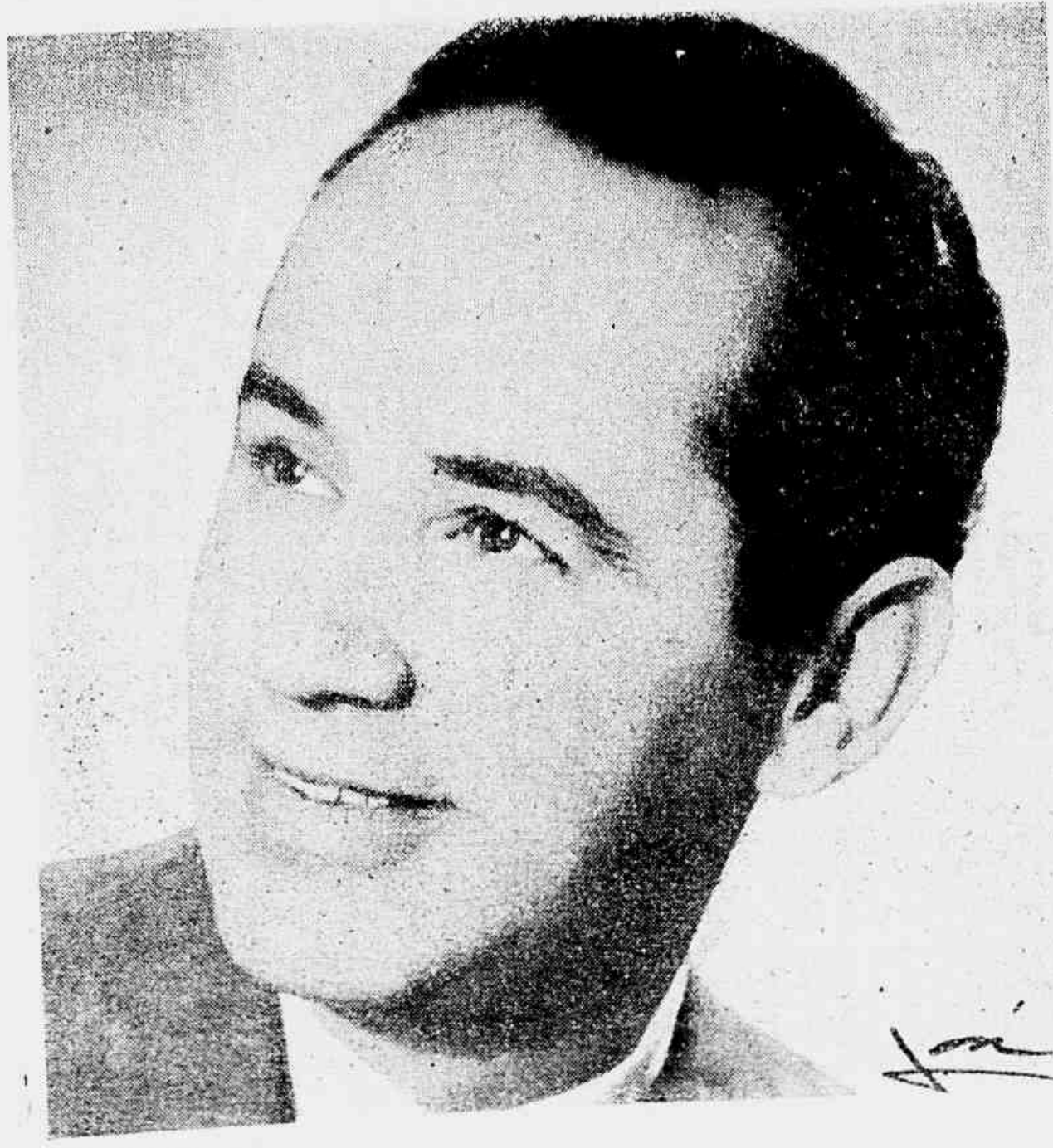
A CANÇÃO brejeira, gênero pouco explorado entre nós, tornou-se obrigatória no repertório de Ronaldo Lupo, jovem artista que o Brasil inteiro já teve oportunidade de aplaudir. Nascido e criado em São Paulo, cedo demonstrou predileção pela música, dedicando-se ao gênero romântico. Dêse modo veio a ser galã de uma companhia de revistas, estreando na peça "Entra na faixa", ao lado de Aracy Côrtes e Oscarito. A seguir, firmou contrato com a Companhia de Comédias de Suzana Negri, indo parar na capital paulista. Tanto bastou para seu ingresso na Rádio Difusora, intervindo nas audições do programa "Alegrias no ar" que, por sinal, era animado pelo conhecido comico Augusto Anibal. Sua voz agradável aliada a seu porte elegante fez com que as "boites" se interessassem pelo seu concurso, passando ele a animar os "shows" de diversos cassinos, inclusive o Atlântico. Com o término do jogo e fechamento das casas que o exploravam, Ronaldo Lupo voltou ao rádio, após vitoriosa excursão ao nordeste brasileiro. Entrou, então, em contato com o público carioca através do microfone PRA-3, onde apresentou, com enorme aceitação, um alegre "show" revista. Encerrado o contrato com a Rádio Club do Brasil, voltou a viajar, indo até o Amazonas. Agora, de volta ao Rio, Ronaldo Lupo firmou contrato com a Rádio Tupi, cantando num programa dominical, que vai ac ar às 19,30 horas. Além de cantor, o festejado artista é compositor de sucesso, sendo de sua autoria o famoso "Samba da saudade" feito, aliás, de parceria com Saint-Clair Sena.

C LEIA BARROS, insinuante figura de nosso meio artístico que o clima londrino nos acaba de devolver, bem cedo revelou inclinação para a arte, pois aos cinco anos de idade pisava o palco para viver importante papel na peça regional "Rancho fundo". A essa auspiciosa estréia seguiu-se um intervalo de oito anos, quando então voltou a atuar, e já agora como cantora, na Rádio Difusora de Porto Alegre, percebendo o salário de cento e cinquenta cruzeiros mensais. O desejo de subir sempre, na carreira que abraçara, fê-la embarcar para S. Paulo, onde ingressou no "cast" da Tupi para uma temporada de quatro meses. Fina esta, a estrelinha gaúcha veio para o Rio, aqui estreando ao microfone da Rádio "Jornal do Brasil", como intérprete de música ligeira. Da PRF-4 passou para a PRG-3, prefixo que trocou pela Mayrink Veiga. Nesta estação, além de cantora, Cléia Barros trabalhava como rádio-atriz, tomando parte nos espetáculos do "Teatro pelos ares" e nas novelas. Fora do rádio, pertenceu ao elenco de Duleina de Moraes, vivendo um dos personagens de "Rainha Vitória", no Teatro Municipal. No cinema, começou como estréla de "Jardim do Pecado", percebendo ordenado compensador. Filmou ainda em "No trampolim da vida", produção da Cinematográfica Imperial. Contratada pela "Production Facilities Films", Cléia Barros não teve oportunidade de exibir seu talento artístico aos ingleses, em razão de ter adoecido. Regressando ao seu país, a querida artista iniciará imediato tratamento, porque os seus contratantes desejam vê-la numa película britânica.

GENTE DE RADIO DE QUATRO EM QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA Por ARMANDO MIGUEIS

J ANUARIO de Oliveira, possui, desde garoto, o "virus" da comicidade. Explorando um gênero ingrato, qual seja o de fazer rir aos outros, conseguiu absorver o interesse do público, para sua pessoa, quer interpretando composições brejeiras, quer dizendo gozadíssimos monólogos. Artista de palco, isso não o impediu de vencer no rádio, uma vez que suas qualidades vocais causam inveja a certos tenores que existem por aí. Companheiro de Inácio Guimarães, Julio Salema e Jesy Barbosa, contribuiu para o êxito dos programas que a Veterana Rádio Sociedade apresentava, logo no começo de sua existência. Levado pelo saudoso Sinhô, Januário de Oliveira tomou parte num espetáculo realizado no Teatro Municipal, em homenagem ao Sr. Julio Prestes. Por essa ocasião, assinou exclusividade com a Fábrica Colúmbia, gravando a sério composições de Hecker Tavares, Ary Barroso e vários outros. Também trabalhou na Rádio Record e na Difusora, onde iniciou a primeira fase do "Programa da Saudade". Excursionou com Carlo Butti até Porto Alegre, onde atuou ao microfone da Farrroupilha. Acompanhou Joel e Gaúcho numa "tourné" pelo interior de São Paulo e, ao regressar, firmou contrato com a Rádio Nacional, tomando parte em "Rapsódia de risos" e em "Caricaturas". Foi uma das grandes atrações dos "shows" do extinto Cassino Atlântico e no cinema apareceu em "Fazendo fita". É carioca de nascimento e já trabalhou no comércio de fazendas. No teatro, foi corista da Companhia Zulmira Miranda e da Companhia Vicente Celestino.

D teatro cego tem revelado valores novos para o "broadcasting" carioca, independente de abrir as portas da popularidade para os que, realmente, possuem qualidades para vencer. Nair Barros é uma prova. Experimentada na arte de dizer, revelou-se, de imediato, um elemento capaz de fazer boa figura, nos programas, a ponto de Amaral Gurgel incluí-la nas novelas que a Rádio Globo transmite diariamente. Muito jovem ainda, pois não atingiu a casa dos vinte anos, andou à procura de oportunidade, lutando contra a má vontade de uns e a indiferença de outros. E que acima dos obstáculos estava o desejo de triunfar no "broadcasting", tão capaz se sentia de competir com os veteranos. E quando a "chance" lhe foi dada, Nair Barros entusiasmou a todos, pela firmeza com que desempenhou o papel que lhe confiaram. Até mesmo as mais destacadas figuras do "cast" da PRE-3 a cumprimentaram calorosamente pela sua "performance". Nascida no Distrito Federal, concluiu seus estudos secundários num dos principais educandários cariocas. Já nesse período, sua tendência para a carreira artística era patente, tal o desembaraço com que tomava parte nos espetáculos do grêmio estudantil. Hoje, como exclusivo da Rádio Globo, sua atuação se faz notar em "Novela semanal", "Grande teatro" e nas diversas novelas. Também participa de programas de estúdio, fazendo diálogos com seus companheiros de teatro-cégo, entre os quais os de "No mundo da carochinha".



JULIETA fugiu COM O LEITEIRO

A manhã está ensolarada e alegre. Banhistas e homens apressados misturam-se nas calçadas. Um avião passa rente às árvores da praia, enchendo a rua de ruídos. Automoveis deslizam rápidos no asfalto. Mais perto da amurada, barcos esparsos enchem a paisagem de sombras.

No pátio da pensão, seu Inácio lê jornal. D. Zulmira, sempre solícita, corre de um lado para outro. A porta da cozinha, D. Maria dos Anjos conversa, atrapalhando a criada. O holandês, cujo nome ignora, virou tenor de banheiro. No apartamento vizinho, o rádio funciona desde cedo e madame Merli, mexendo os olhos e as ancas, acompanha o ritmo da toada melancólica, de onde transbordam todas as torturas de uma das três raças tristes. Em toda parte há sol, luz, calor e vida. Falta-me, porém, paz interna. Cheio de inquietações, acendo um cigarro, jogo o palito de fósforo no corredor e fico imaginando coisas ao vê-lo cair na lata de plantas, lá em baixo.

Escorraçado pelo sol que começa a lambem-me os braços, deito-me na cama, olho o teto e continuo a pensar nos fatos misteriosos da vida, no que me aconteceu na noite passada. Quando voltava da praia, a pensão estava vazia, às escuras. Uma vez no quarto, encostei a porta, vesti o pijama e quando comeci a ler, ouvi aquela voz torcida pelos instintos pedir licença. Era Zilá. Quis levantar-me, compor-me, mas a cena foi tão rápida, tão fulminante que perdi o controle e fiquei

imovel, estupidamente parado, incapaz de tomar qualquer atitude. Zilá foi chegando, chegando, ponta de pé, sorrindo, sorrindo, pedindo silêncio, implorando compreensão. Apertou o botão da luz e achatando o nariz com a ponta do dedo, sentou-se na cama, acariçou-me os cabelos, apertou as minhas mãos abobeadas e depois consumou seu plano diabolicamente arquitetado. E como se eu fosse um simples joguete, beijou-me várias vezes, abriu a luz, pôs o livro nas minhas mãos e saíu como entrou, deixando-me com o passado, quando a minha avó costumava dizer, expressando todo seu ódio à mulher de nossos dias: — "Hoje, minha gente, em vez de cachorro correr atrás do osso, é o osso que sai voando atrás de cachorro..."

O amor de Zilá me fez bem aos nervos. Contudo, não levarei essa miséria para a frente. Ela tem um filho de oito anos e diz que é senhora absoluta do seu nariz. Fala em voz alta, para quem quiser ouvir, que ninguém lhe põe rédeas no coração. Nem o pamonha do Marinho. Não me importa a liberdade de Zilá, a sua coragem, a sua disposição, o seu amor. Ainda me recorro do mal que me causou a primeira aventura amorosa. Oh! quanto sofri por causa de Julieta. Também era casada. Morava ao lado de minha casa e os nossos quintais eram separados por uma cerca de arame. No meio da cerca, pequena cancela facilitava a comunicação entre as duas casas.



Todas as tardes, em vez de sair, ficava no fundo do quintal, ora lendo, ora fingindo que lia. Certa vez, sem querer, peguei a vizinha em flagrante, olhando-me com insistência. Dias depois ouvi Julieta dizer qualquer coisa para a empregada de casa a meu respeito. Achava-me um rapaz triste, diferente dos outros que conhecia. E o namoro continuou, sem nenhum recato, no quintal ou à janela, até que, numa noite, quando me dirigia ao banheiro, fugindo ao calor, fui abordado na cancela pela sombra de Julieta, pelos braços de Julieta, pela boca de Julieta...

Esse amor durou dois meses. No início, senti arrepios de medo e vi fantasmas nas roupas brancas estendidas no arame e até cheguei a desconfiar do silêncio. Depois, analisando tudo, cheguei à conclusão de que eu não passava de um miserável, de um réles traidor. Passei, em consequência, a evitar o marido de Julieta. Nunca mais entrei na venda de seu Abdala, nunca mais tive coragem de enfrentar o comerciante amigo. Qualquer barulho, à noite, depois do nosso encontro, na casa lado, deixava-me sobressaltado, sem poder conciliar o sono.

E até hoje os remorsos me

roem a consciência. Se me encontrasse, agora, com seu Abdala, confessar-lhe-ia tudo, pedir-lhe-ia perdão. Tolice! Seu Abdala ficou louco, logo depois da fuga da mulher. Gostava muito dela e Julieta tinha-lhe verdadeira aversão, apesar das três filhas do honesto comerciante.

Que esquisita era Julieta! Esquisita e corajosa! Teve tanta coragem, que na madrugada de um domingo, depois do nosso encontro habitual, surpreendendo a todos, inclusive a mim, meteu o pé no mundo com o leiteiro do major Fidêncio. Horrível! Sofri danadamente por isso. Achava-me responsável, infame, hediondo. Quem sofreu mais, no entanto, foi seu Abdala. Só faltou dar um tiro no ouvido. Não comia, não bebia, não dormia mais, o pobre homem! Só fazia andar de

um lado para outro, blasfemar, xingar Julieta, maltratar as filhas e dizer à minha avó:

— Veja só, vizinha! Aquela peste fugiu com o leiteiro.

Nunca mais me esqueci das cenas que presenciei após a fuga de Julieta. O "bolcheiro" espancava as meninas, deixava a casa abandonada e saía farejando, aqui e ali, a fugitiva. Por fim, vendeu o armazém, distribuiu as meninas entre os amigos compadecidos de sua sorte e sumiu por algum tempo. Depois, voltou. Foi lá em casa. Antes não voltasse. Não era mais o homem alegre de outros tempos, o comerciante feliz que morava ali ao lado de minha casa. Era um trapo humano, esfarrapado, a perambular pelas ruas, falando sozinho, louco varrido.

— Julieta fugiu com o leiteiro!

Dizia isso sacudindo os braços e batendo a cabeça na parede. Depois soltava uma gargalhada e aboletava-se na ponta da calçada, cuspidando.

O sol já invadiu o quarto. Acendo outro cigarro e vou até à janela. A madame do apartamento vizinho mira-se no espelho, experimentando um vestido; em baixo, na área, limpando as unhas, Zilá, de quando em quando, atira um sorriso para mim, fazendo-me sinais de que não deveria esquecer o que me pediu. Deverei telefonar da rua, marcar outro encontro, cometer outro crime? Meus olhos fogem de Zilá, pulam para os transeuntes, deixam-se esmagar pelos automoveis que rolam na paisagem da praia. Depois, grito, chamando:

— Seu Julio!

O dono da pensão não ouviu o meu grito. Torno a chamá-lo e Zilá vai até ele e lhe avisa de que o estou chamando. Perto de mim, perguntam-me o que desejo, o que é que há. Seu Julio é um pobre diabo, infeliz como o marido de Zilá. Digo-lhe apenas:

— Mudo-me agora mesmo...

Ele quer saber porque, se alguém me ofendeu, se a comida não está boa, se me falta alguma coisa...

Sem olhar para o velho, sem dizer mais nada, puxo a maleta empoeirada que está em baixo da cama, e começo a guardar o que é meu, ante os olhos bestificados do dono da "Pensão Estrela" familiar como todas as pensões da rua do Catete...

Conto de MATOS FILHO

Ilustração de ANA ZAGORSKA

0
Revista da Semana
Congratulacoes!
O Lar Gable





Na página à esquerda: Clark Gable, o vitorioso "astro" da tela, numa pose autografada para REVISTA DA SEMANA". O seu próximo filme é "The Hucksters". Ao alto: Clark Gable, Deborah Kerr e Glória Holden ensaiam uma cena de "The Hucksters", antes de o enfrentarem a "câmera".

"FAREI APENAS UM FILME POR ANO!"

É ESSE O PROGRAMA DE CLARK GABLE — "JÁ TRABALHEI MUITO E PRECISO DESCANSAR" — SUA ÚNICA EXIGÊNCIA É... NÃO APARECER EM "ABACAXIS"... — O CASO DE "AVENTURA"

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

HA dezesete anos foi feita em Hollywood uma fita cinematográfica intitulada "A tentação do luxo" ("The easiest way"), com Constance Bennett, Adolphe Menjou e o então novato Bob Montgomery nos principais papéis. Jack Conway foi o diretor da película, lembro-me bem disso. E ainda me lembro, também, de que no mesmo elenco havia um "cara novo" que fazia um pequeno papel. Era o de um chofér. Ninguém prestou atenção a ele, até que lá para o fim do filme o rapaz aparecia numa cena e dialogava com outros figurantes. Todos ficaram maravilhados. Quando a produção cinematográfica da Metro foi distribuída e exibida para o público em geral, a cena que ele fez causou uma forte impressão em todos que viram o filme. Hoje esse desconhecido é um favorito da tela, um dos galãs mais requestados do cinema. E todo e qualquer produtor tem hoje vontade de contratá-lo. Refiro-me a Clark Gable. É interessante notar que dois grandes atores que apareceram em "A tentação do luxo" estão novamente reunidos no elenco de "The Hucksters": Adolphe Menjou e Clark Gable. Jack Conway que dirigiu o primeiro filme citado é também o diretor deste último. Clark Gable é um veterano da Metro. Desde 1930 que está sob contrato nesse estúdio.

Clark Gable não teve sorte quando apareceu em "Aventura", o seu primeiro filme de após guerra.

— Arrependo-me de ter aparecido numa película daquela — confessou-me o popular ator. Mas quando eu vol-

tei dos campos de batalha, depois de três anos de serviço militar ativo, a única história que o estúdio tinha para mim era aquela. Como queria fazer logo o meu reaparecimento, aceitei o papel, aparecendo ao lado de Greer Garson. Outros estúdios filmaram histórias que eu lamento não ter tido a oportunidade de ter feito, como, por exemplo "Foxes of Harrow" e "Miracle of the bells", para não citar muitos.

— Mas por que renovou o seu contrato com a Metro? Você poderia arranjar o papel que desejasse em qualquer outro estúdio. Afinal de contas, o prestígio artístico de seu nome...

— Mas é o diabo! Você sabe, eu já estou tão familiarizado com a turma da Metro. Sinto-me em casa aqui. Todos aqui me conhecem. E eu conheço a todos, aqui. Basta dizer-lhe que durante a minha ausência de Hollywood quase morri de saudades de tudo isto aqui.

— É verdade que você está pleiteando obter parte dos lucros de seus filmes? Que você quer percentagens?

— Não é verdade. O que dizem é boato. Atualmente só estou exigindo do estúdio uma coisa: uma boa história. Pretendo fazer apenas um filme por ano. O resto do meu tempo é para repousar; já trabalhei demais.

Ele possui uma bela propriedade às margens do rio Rogue, no Oregon, e pretende construir lá a sua nova residência. Isso quando os materiais de construção estiverem mais fáceis. Presentemente, a sua vida se arrasta mais ou



À direita: Clark Gable aparece aqui ao lado de Deborah Kerr, sua "leading lady" em "The Hucksters", filme que Arthur Hornblow Jr. produz e Jack Conway dirige para a Metro-Goldwyn-Mayer.



Em seu camarim, Clark Gable ensaia o diálogo de seu novo filme, "The Hucksters", antes de enfrentar a "camera".

menos monotonamente. Quase sempre não sai, quando não está trabalhando. Uma cozinheira e outra empregada tomam conta de sua casa. Um criado trata dos serviços mais grosseiros e do jardim.

Clark Gable nasceu em Cadiz, no Estado de Ohio num dia 1 de Fevereiro. Seu verdadeiro nome é William Clark Gable. Seu pai se chamava William H. Gable e era operário na extração de petróleo. Sua mãe, Adeline Hershelman Gable, morreu quando ele tinha apenas quatro anos de idade. Seu progenitor contraiu segundas núpcias e a família mudou-se para diversos lugares. Quando completou 15 anos de idade, o jovem Clark entendeu que já era tempo de dirigir sozinho o barco de seu destino. Fez as malas e foi para Akron a fim de trabalhar numa fábrica de borracha. Enquanto ali trabalhava, assistiu a uma representação da peça "The bird of Paradise" e, de repente, resolveu tornar-se ator. Procurou o produtor teatral e pediu-lhe um emprego. O homem lhe deu trabalho, mas o empregou apenas para atender a chamados telefônicos e fazer mandados. Aos 19 anos de idade ele se reuniu ao grupo de artistas denominado "Jewell Players", ganhando 10 dólares por semana. A companhia apresentou o primeiro espe-

láculo em Butte, Montana, mas a casa estava completamente vazia naquela noite de 1922. Clark apanhou um trem no dia seguinte e se dirigiu para Hollywood, resolveu lutar para fazer carreira no cinema. Começou a trabalhar no palco, desempenhando um pequeno papel na peça "The great diamond robbery", em 1925. A seguir, apareceu no palco em "Romeu e Julieta" e em "What price glory, incarnando o "Sargento Quirt". Em 1930, fez parte do elenco de "The last mile", o que lhe deu a oportunidade de ser incluído no "cast" do filme "The painted desert", no estúdio da Pathé. Logo depois, no mesmo ano, foi que ele assinou seu memorável primeiro contrato com a MetroGoldwyn-Mayer, tendo sido "A tentação do luxo", como já vimos, o seu primeiro filme para este estúdio. De então para cá a sua ascensão foi rápida. Apareceu em muitos filmes de sucesso. Cobriu-se de glória com o seu trabalho em "E o vento levou" (Gone with the wind).

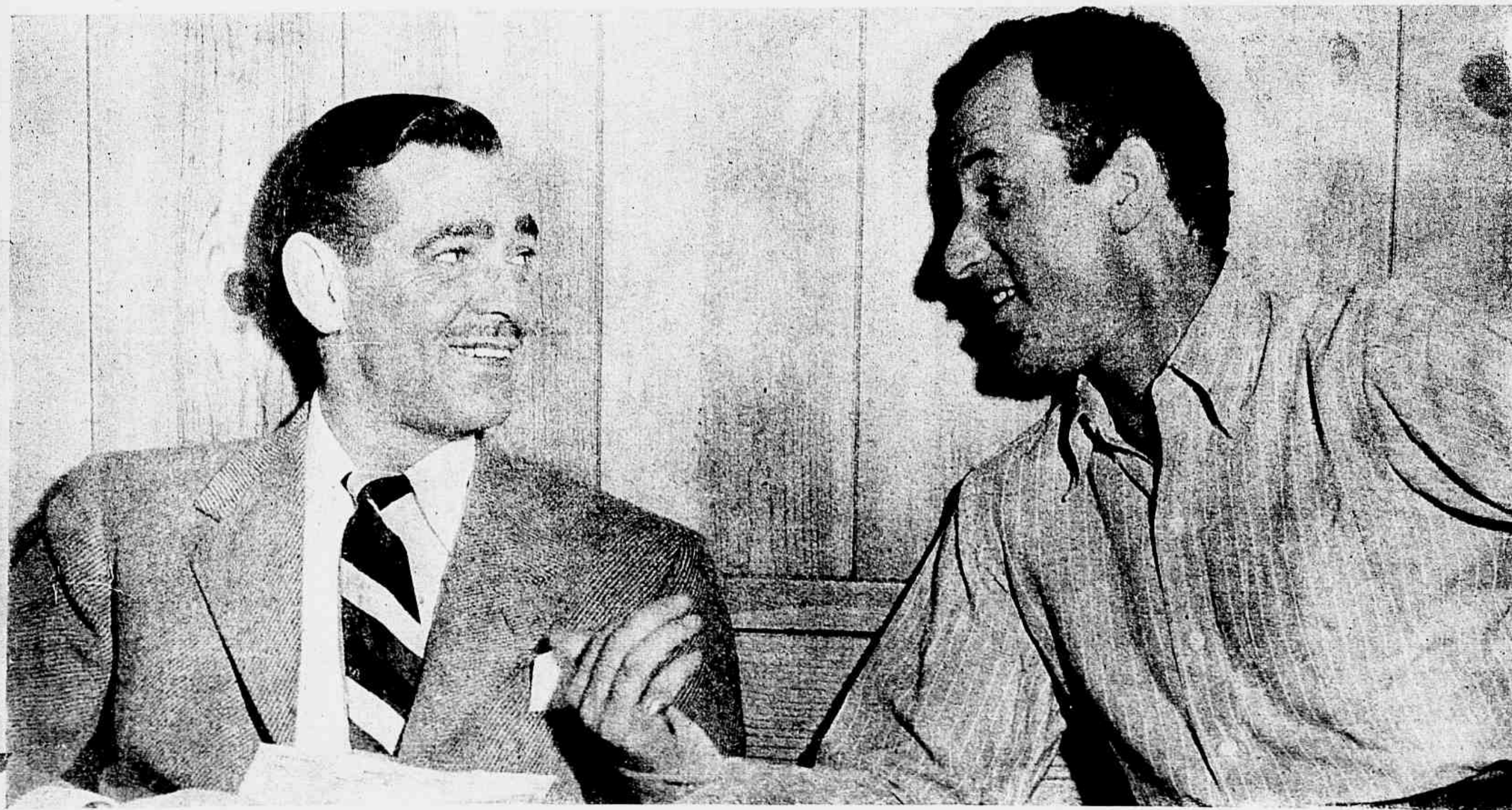
Em 1939 casou-se com a saudosa "estrêla" Carole Lombard. Com ela viveu os dias mais felizes de sua vida. Mas um trágico desastre de aviação roubou-lhe a companheira, no dia 16 de Janeiro de 1942.

Cinco meses depois de haver completado a filmagem

de "Ainda serás minha" (Somewhere I'll find you) é-e se alistou no Army Air Corps e seguiu para Miami, a fim de fazer um curso de treinamento em pilotagem. Comissionado no posto de tenente, foi para a Inglaterra, onde tomou parte em cinco combates aéreos. Distinguiu-se tanto que foi promovido ao posto de major e recebeu a "Medalha da Aviação" por "trabalhos meritórios prestados à causa dos Aliados".

Em outubro de 1943, voltou o brilhante "astro" para os Estados Unidos, onde passou a produzir filmes documentários para o Exército Americano. Desmobilizado, ele voltou às suas atividades profissionais. Regressando ao estúdio da Metro, atuou no filme que lhe causou um grande desgosto profissional: "Aventura" (Adventure). Mas seu segundo filme de após-guerra lhe garantirá um belo sucesso. A história é ótima. "The Hucksters" poderá muito bem fornecer a Clark Gable o ensejo de realizar outra "performance" igual à de "E o vento levou". Sua "leading lady" nesta película é Deborah Kerr, "estrêla" inglesa que faz a sua estréia em Hollywood. Adolphe Menjou, Keenan Wynn, Sydney Greenstreet, Eva Gardner, Edward Arnold e outros completam o "cast".

Clark Gable palestra com Keenan Wynn num intervalo da filmagem de "The Hucksters", película em que os dois aparecem juntos.



O Baú de minha avó

NA casa grande, existia uma peça enorme, que uns chamavam de paiol, outros de despensa. Havia nela uma enorme arca, cheia de café despoldado, saco de milho para as galinhas, achas de lenha empilhadas até a altura de um homem, baús de coisas velhas, jornais, revistas, trapos inúteis, garrafas vazias, — e em cada canto um ninho de palha, em que as galinhas de raça eram postas a chocar e de onde, cada dez dias, pelo menos, saía uma delas, orgulhosamente, puxando uma ninhada de pintos amarelos e pretos. Além de tudo isso, havia também uma coisa que provocava terrivelmente a atenção de todos nós: um grande baú de couro negro, com desenhos a fogo e ornado de taxas douradas. Os outros baús eram baús humildes, ordinários, sem nenhum luxo. Estavam em estado de completo desleixo, com as fechaduras meio despregadas, as linguetas paralizadas, não indo nem para um lado, nem para o outro. Mas aquele, não. Aquela baú grande estava sempre trancado, religiosamente trancado, ferrenhamente trancado. Não se podia mexer nele. As vezes, num assomo incofido de curiosidade, na época das diabruras infantis, eu e meus irmãos tentávamos escancarar o enorme baú, manusear o seu conteúdo, violar os segredos da sua intimidade. Mas não havia meio, porque a fechadura resistia a todas as tentativas. O espeto de assar carne, fino e pontegudo, foi um dia metido sob o nariz da fechadura, mas quebrou-se com a pressão por mim exercida mais ou menos desastrosamente. O mistério daquele baú começara a nos impressionar, naquele ano, quando havíamos voltado das férias do internato. Tínhamos uma série de coisas interessantes para ocupar os nossos ócios de escolares. Armávamos arapucas, com frutos de melão de São Caetano como engodo para as sabiás, nos lugares mais escuros do cafetal, — os recantos preferidos pelas maiores e mais gordas, as de papo amarelo. Levávamos as nossas gaiolas e alcapões para os galhos mais altos dos camunzés, para pegar canários de plumagem dourada e corruções cantadores, de penas multicores. Mas volta e meia o mistério daquele baú voltava a nos obsedar, a mexer conosco, e provocar o nosso interesse. Por que não havíamos notado antes a presença daquele enorme baú no paiol? Não podendo mais conter a minha curiosidade, um dia perguntei:

— Vovó, desde quando aquele baú está no paiol?

— Por que pergunta?

— Não é por nada, não... Só queria saber.

— Deixe de ser abelhudo, menino. É feio ser perguntador. Aquela baú não tem nada de mais. É um baú como os outros. Sempre esteve lá...

— Sempre?

— Sempre.

E calou-se, fechando o rosto, como sempre fazia quando desejava encerrar um assunto... Fiquei a pensar no baú, apesar de tudo. Sempre estivera ali, — e no entanto só agora despertava a minha atenção e a dos meus irmãos. Então, era porque, antes, não tínhamos o dom de fazer distinção entre os baús comuns e os baús especiais, os baús que guardam mistérios. Sempre estivera ali, — fora o que minha avó dissera. Mas não devia ser verdade. Não que ela mentisse, mas se a nossa casa não existira "sempre", pois toda gente sabia que fora edificada em 1885 e que era a primeira de telha e ladrilho construída na cidade, como é que o baú estivera "sempre" naquele paiol? A curiosidade ficou me roendo até que, não podendo mais com aquilo, fui outra vez atucanar a velha:

— Vovó, desde quando aquele baú tem estado "sempre" no paiol?

— Menino impossível! Outra vez com a história do baú...

— A senhora disse "sempre"...

— Está lá desde muito tempo... Muito antes de você nascer.

— Mas quanto tempo, vovó? Quanto tempo antes de eu nascer?

— Chega! O baú está lá desde que seu avô morreu...

O mistério aumentava. Que teria o baú que ver com a morte de meu avô? Será que a ossada dele estava escondida no baú? Será que havia ali alguma coisa "proibida", algum segredo terrível? Que espécie de homem teria sido meu avô? Eu mesmo não saberia dizer, nem tampouco imaginar. Nunca o vira. Sabia apenas que morrera ainda moço, — teria quarenta e quatro anos, se tanto, — numa noite abafada de verão, abanando-se com um leque, de janela escancaradas, e gritando, arquejante: — "Ar! Quero mais ar! Mais ar! Mais ar!" Foram as suas últimas palavras, segundo diziam os mais velhos. Meu pai era ainda um rapazola.

(Continua na pág. 50)

Conto de R. MAGALHÃES JÚNIOR

Especial para REVISTA DA SEMANA





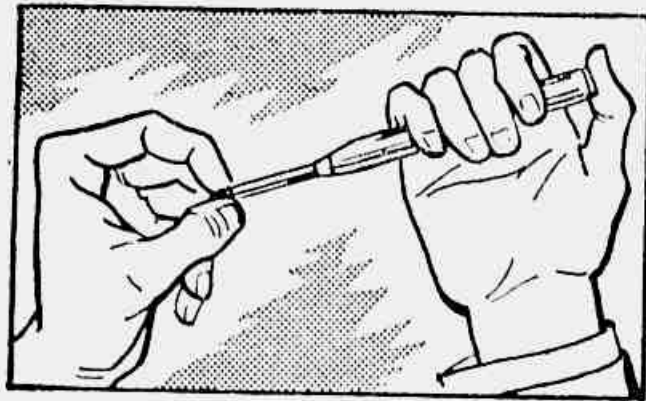
O detalhe que
a consagra
PERFEITA

Uma inovação exclusiva em
todo o mundo!

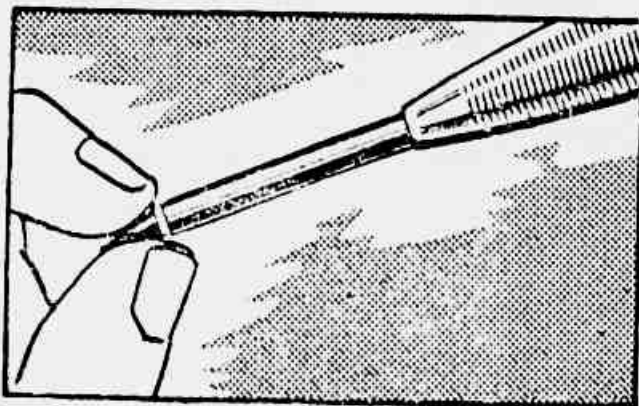
— Agora, V. mesmo poderá recarregar a sua BIROME, numa operação tão fácil que até uma criança pode realizá-la em dois segundos!

ATENÇÃO!: Cada esferográfica com "Tanque Deslizável" tem direito a mais um tanque sobressalente. *Exija-o!*

Como se deve mudar **AGORA** uma carga de tinta:

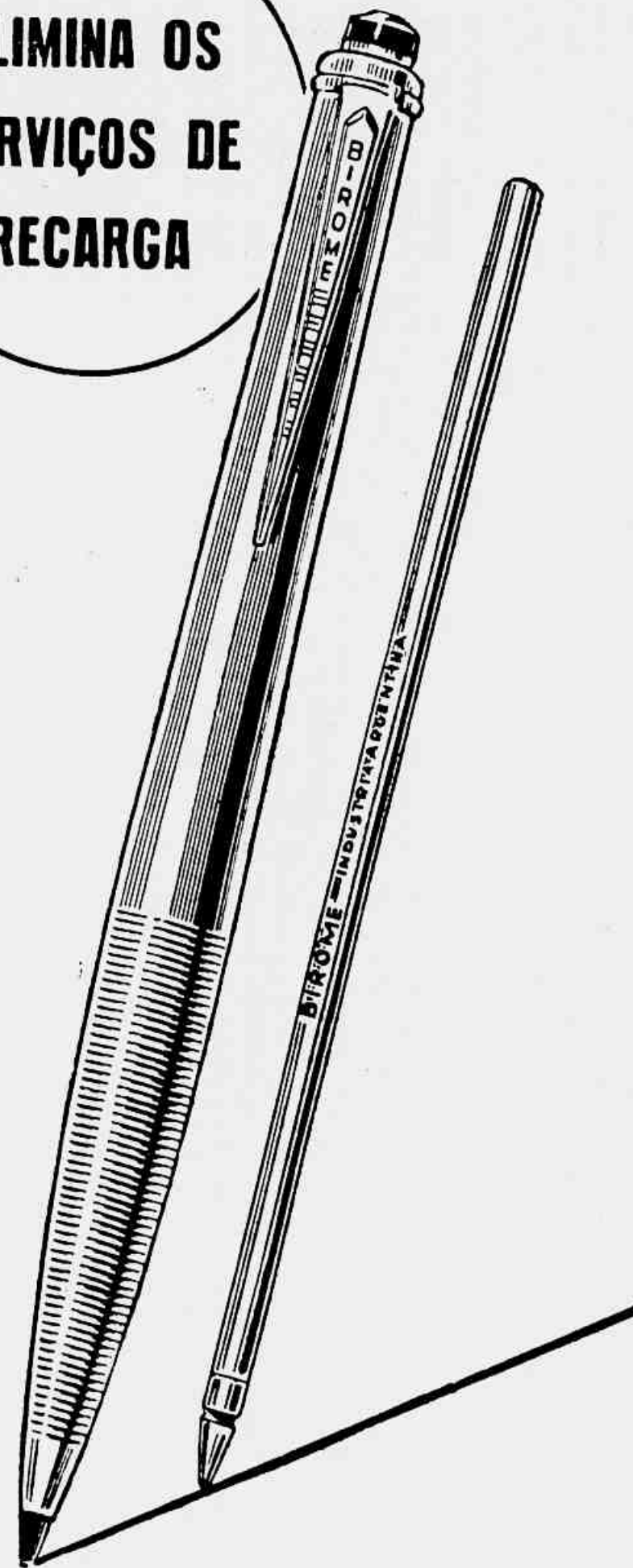


Comprime-se o botão, segura-se a ponta pela ranhura e puxa-se o tanque para fóra.



Para colocá-lo, basta exercer uma leve pressão para que deslize suavemente retornando ao seu lugar.

ELIMINA OS
SERVIÇOS DE
RECARGA



ESFEROGRÁFICA
Birome
RETRÁTIL

Modelos desde
Cr\$ 225,00
a
Cr\$ 2.860,00

O INVENTO QUE CONQUISTOU O MUNDO

BIROME INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.
RUA PEDRO LESSA 35-8.º — TEL. 42-9766

NESTA época em que as nossas jovens procuram imitar em tudo as "estrêias" cinematográficas, quando o ideal de toda adolescente é a emancipação, a liberdade, o dinamismo das suas invejadas irmãs do norte, é interessante ouvir-se a opinião de um homem americano sobre as mulheres de seu país:

"Gosto mais das pequenas européias, diz o nosso herói. E vou dizer porque. Imagine que convido para sair, um garota americana. Procuo um recanto poético onde com ela eu possa conversar sobre cousas agradáveis. Encontro afinal o lugar que procurava: peço um "drink" e... sofro a primeira decepção. Em dois segundos, a minha companheira já ingeriu todo o conteúdo do seu copo! Porque tanta pressa? Uma pequena européia não agiria assim. Para ela, um "drink" é sempre uma celebração, mesmo quando tomado em companhia do marido ou de um inimigo. Um brinde silencioso, um olhar mais profundo, um minuto de compreensão, dois copos que se tocam suavemente, e então a comunhão do gesto. E' por isso que muitos dos nossos jovens voltaram da Europa entusiasmados com as suas moças. "elas fazem-nos sentir que realmente estamos presentes", dizem eles.

E agora, vejamos o que acontece quando se acaba o "drink". A moça americana se levanta, o homem ajuda-a a vestir o casaco e, imediatamente ela sai em direção á porta, apressada, como si tivesse que realizar algo de muito importante. E então, éle paga a despesa, dá a gorjeta ao garçon, apanha o seu chapéu e carrega toda a bagagem que ela deixou: a bolsa, o guarda-chuva, as luvas e... que sei mais? Finalmente éle consegue sair e... lá está ela na porta, parada, flirtando com quem passa ou então esperando negligentemente pelo companheiro. Isto está errado. Si você sai com um homem, fique com éle. Uma pequena européia até o ajudaria a apanhar as suas cousas depois que éle a tivesse ajudado nas suas.

Servidão? Humildade? Submissão ao homem? Nada disso. Apenas uma expressão de consideração e compreensão.

E vejam que estou falando sobre as melhores moças americanas. Porque sobre aquelas que julgam um homem pelo que éle pôde gastar com elas ou as que pedem ao seu "melhor" "boy friend" para telefonar ás 8 horas, e em seguida pedem á um segundo para telefonar uma hora mais tarde, e a um terceiro pedem ainda que telefone meia hora depois.

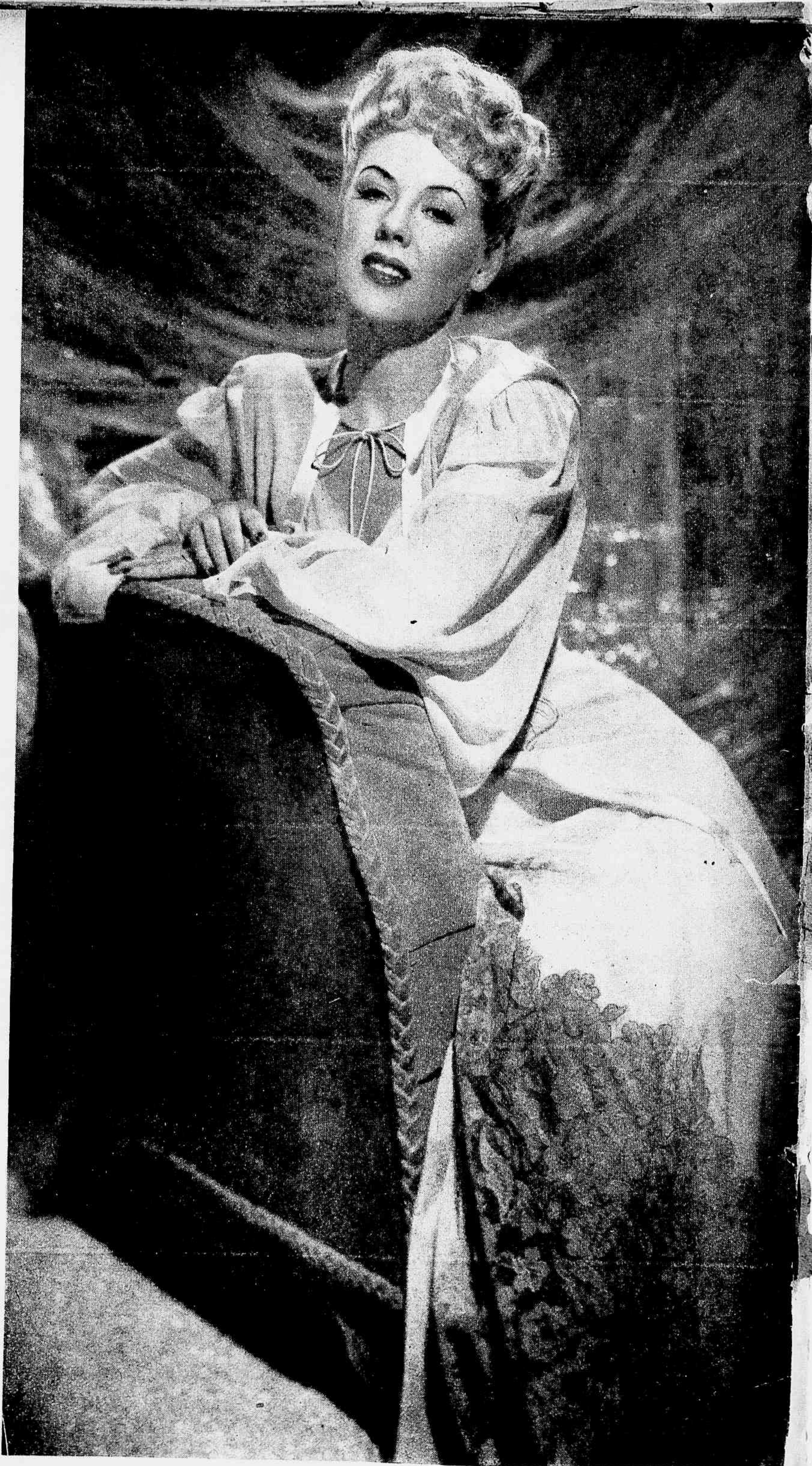
Terminando, diz o nosso amigo, que falta á moça americana toda aquela naturalidade, toda a meiguice e toda a consideração que éle encontrou na moça européia.

Culpa também, parte, o proprio homem americano, inventor da palavra "sophisticated"... Éle o responsável pela "sophistication" das moças de Tio Sam.

E diante disso, brasileirinhas simpáticas, só resta a vocês desistir de copiar as figuras que nos apresentam o cinema pois, muito mais ainda do que o homem americano, o brasileiro detesta a "sophistication".

KITTY

Marie McDonal. (M. G. M.)



NOS PASTIDORES FEMININOS



O gosto fino e ao mesmo tempo discreto é a marca inconfundível dos produtos das indústrias de luxo francesas.

CRÔNICA

O fato é bem conhecido, mas raras vezes se pensa nas razões da perfeição permanente da produção gaulesa. Ela é o resultado natural de uma antiga cultura, de um esforço contínuo, de uma longa aprendizagem e de uma honestidade profissional que nenhuma perturbação social conseguiu diminuir ou destruir.

O artesão francês possui a mentalidade de artista e não de operário. Faz sempre questão de imprimir à sua obra um cunho pessoal. Este individualismo no exercício da profissão só pode existir num país profundamente e sinceramente democrático onde a liberdade estimula a iniciativa, preparando assim o "clima" para uma renovação constante das idéias e das formas. Ao invés do que acontece nos países com a indústria altamente estandardizada, onde o operário é somente um complemento anônimo da máquina, o operário francês não perdeu ainda o sentido da paternidade espiritual em relação ao objeto produzido; daí provém a diversidade e a riqueza dos produtos franceses, especialmente nas indústrias de modas que os assimilam muitas vezes a verdadeiras obras de arte.

Há ainda um outro aspecto do problema. Somente na França existe o intenso intercâmbio entre os artistas e artesãos de diversos ramos, este espírito de conjunto do qual resulta a unidade da produ-

ção das diversas especialidades: modas, decoração, cénarios e arte pura.

As vezes surge uma figura notável que reúne na própria personalidade todos os ramos, tal como Christian Bérard, descendente de uma família de arquitetos, que iniciou sua carreira desenhando figurinos, tornou-se depois um cenarista disputado pelos teatros de Paris, de Londres e de Nova-York e que hoje cogita de deixar tudo isso pela pintura pura.

Falei da "longa aprendizagem". Poderia utilizar-me talvez de uma expressão mais adequada: tradição.

Toda e qualquer inovação na França aproveita-se sempre dos ensinamentos do passado. Não para copiar, mas para com-

"MADE IN



DE RENÉ

preender o espírito que guiava os predecessores e aplicá-lo aos problemas do presente.

Robert Piguet, um dos maiores mestres de costura parisiense de hoje, foi aluno e colaborador do célebre Paul Poiret, renovador da decoração e da moda após a primeira guerra. Aprendeu com ele o arrôjo e a ousadia, moderados pelo bom gosto, que aplica hoje às suas criações sensacionais. Quando o reporter lhe pergunta: "Qual é a época da qual o Senhor tira as suas inspirações?", ele responde: "Parece-me que não há necessidade de procurar reminiscência do passado para criar a moda de hoje. O ritmo da nossa vida é bastante energético, dinâmico, e tor-

te, para impor o seu próprio estilo: precisão das linhas, nitidez dos contornos, mistura requintada das tonalidades e das qualidades dos tecidos. Especialmente no que se refere aos trajes de passeio. Por efeito de contraste, a moda para a noite pode ser mais ousada e mais frívola. Quero utilizar-me de todos os triunfos de sedução os mais audaciosos. A timidez e as meias-medidas não têm mais curso em 1947. Deixem o lugar para o impeto da juventude, certa de seu encanto e de seus direitos".

Assim nos falou o criador dos modelos considerados hoje como o ápice do bom gosto parisiense e alguns dos quais apresentamos nestas páginas.



Da esquerda para a direita, temos: "NOCTURNE" — Vestido de noite de veludo preto, saia de tulle preto com "paillettes" também pretas. "ALGEMAS" — Vestido de lã preta, enfeito enrolado, capa de astrakan preta. "LOLITA" — Vestido de baile de setim "broché", cinza claro e preto. "SIBILA" — Vestido de faille branca, rendas e "jais" pretos, laço e luvas de veludo preto, rosa e amarela. (Fotos G. SAAD)

FRANCE"





SUGESTÕES DE LIZABETH SCOTT

LIZABETH Scott, essa figura exqu岸ita e interessante que "chegou, viu e venceu", oferece às nossas leitoras algumas encantadoras sugestões para esse inverno carioca, tão brilhante e tão... quente... Na página ao lado: Com uma saia de lã muito alegre, de listras em cores vivas, Lizabeth usa uma blusa de jersey de sêda com mangas japonezas e talhe alto. Ao alto à esquerda: Vejam a elegância dêste conjunto composto de saia e bolero quadriculado marron e branco,

com "sweater" de malha branca. Cinto de couro marron. Bolso na saia formando com tiras enviezadas. Também no bolero são aplicadas tiras enviezadas. A direita: Com uma blusa azul marinho de sêda e uma saia de lã cinza, a interessante "estrêla" da Paramount usa um casaco de camurça muito elegante. Em baixo: Edith Head, desenhou para Miss Scott êste modêlo em pesado crêpe bege, com mangas "kimono", bolsos diagonais e botões dourados quadrados.





CHAPÉUS DE MALÚ GÁTICA

A beleza do cinema mexicano, Malú Gatica, apresenta aqui uma coleção de chapéus, cada um para determinada hora e ocasião. Malú Gatica faz parte do "Churubusco Studio" do México e breve será vista nas telas dos nossos cinemas. Ao alto à esquerda: 1) Para sair pela manhã, ela nos apresenta este modelinho simples em palha inglesa, azul marinho, ao redor da copa larga fita de tafetá, dando lugar e caindo para trás. A direita: 2) Para a tarde, acompanhando um elegante "duas-peças", Malú escolheu este modelo em dois tons de lebre, formando aba muito original. O véo é no tom mais escuro. Em baixo na mesma ordem: 3) De uma certa dramaticidade é este modelo em palha brilhante aba larga, tombada na frente, copa alta e grande laço de veludo na frente. 4) Finalmente, para a noite, Malú Gatica usa este admirável modelo em veludo com "tule" drapeado cobrindo a copa.





A esquerda: Observem o "toque" genial da costura franceza... Observem a harmonia que há neste modelo, com o decote originalíssimo, seu drapeado de um só lado, combinando com o drapeado oposto sobre os quadris. A saia, sob o drapeado, é franzida. A direita: Este outro modelo, tem uma saia original e de grande efeito. Uma grande banda passa em diagonal pela frente, torcendo, dando a idéia de um nó. Mangas compridas muito justas. Decote redondo, muito justo ao pescoço.

**DOIS MODELOS
ELEGANTES**

O ETERNO

HOJE apresentamos às nossas leitoras quatro "tailleurs" ingleses autênticos, oferecidos pelo B. N. S., especialmente para a nossa revista.

São elegantíssimos, bem talhados, caindo de maneira impecável. Da esquerda para a direita, temos: 1) Tailleur em lã mustarda, duas carreiras de botões, talhe impecável. A saia curta, tem um "macho"

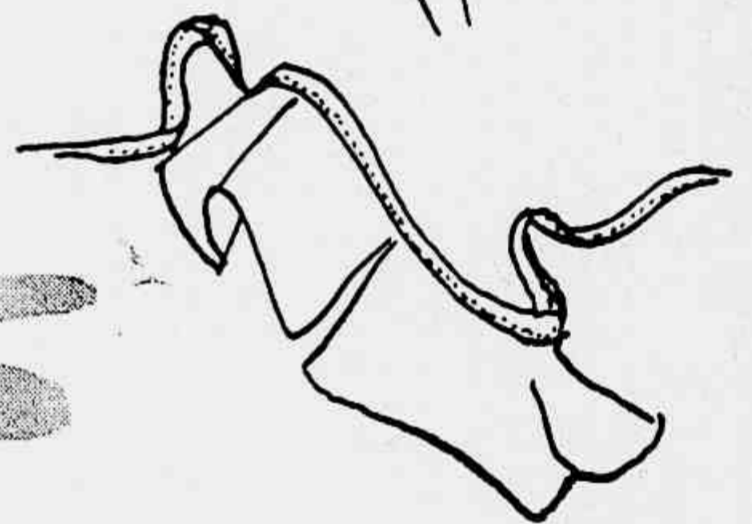
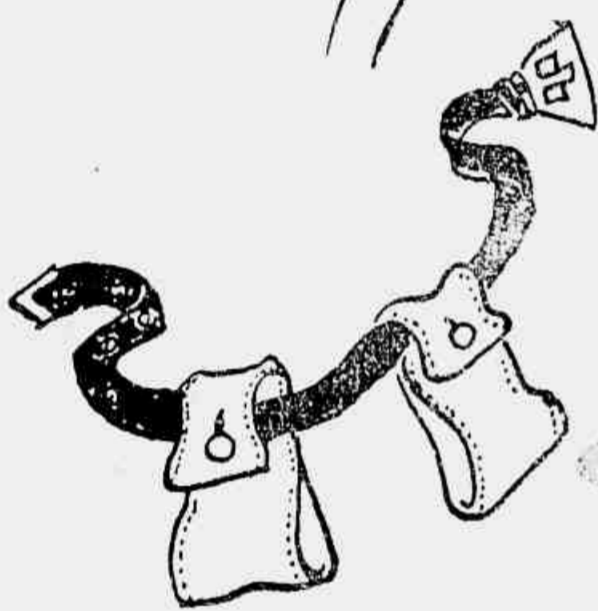
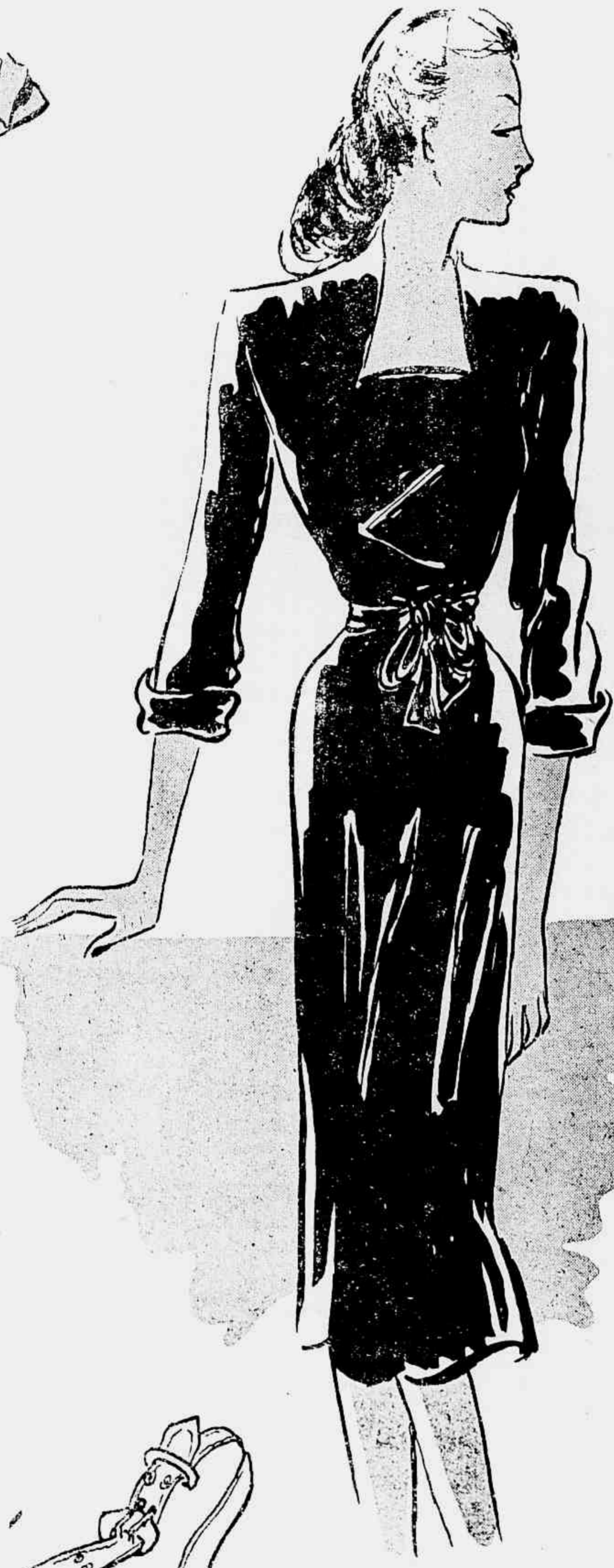
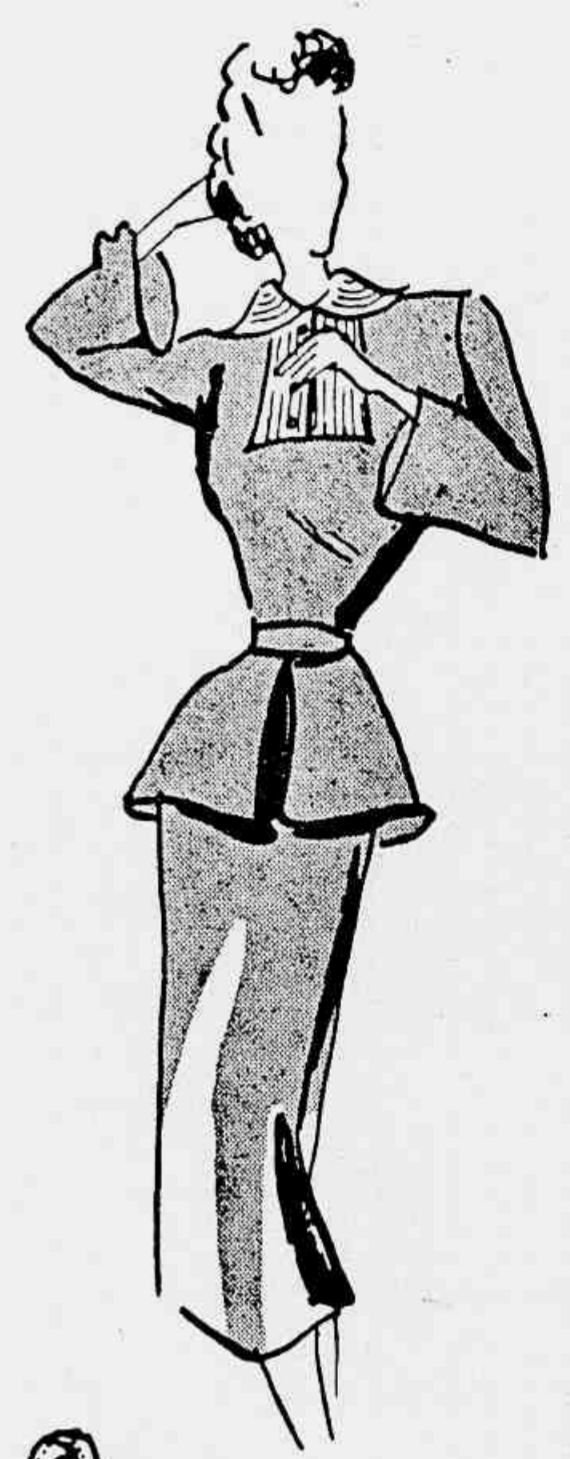
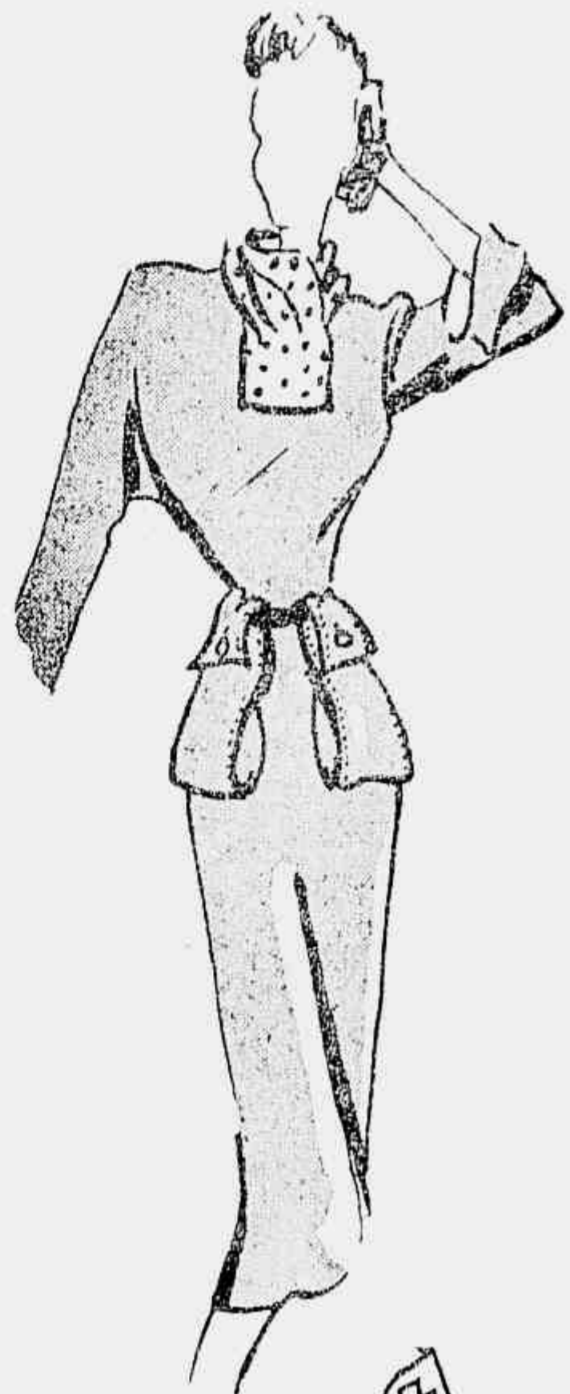


"TAILLEUR"

na frente. 2) Modêlo em lã marinho. Casaco com recortes ao lado. Bolsos originais abotoados. Saia com grupos de pregas laterais. 3) De muita "linha" é este "tailleur" em diagonal, casaco com costura dos lados, bolso embutido, vertical. Saia com machos. 4) Finalmente, "tailleur" cinza escuro, bolsos grandes de feitio original. Saia com "machos" na frente.



CINCO VESTIDOS NUM SÓ...



Com um vestido simples, de lã, podemos obter diversos vestidos com pequenas cousas, ligeiras e praticas. O vestido é cinza. 1) Cinto de couro vermelho, bolsos originais do mesmo tecido do vestido, o decóte é coberto com uma "echarpe" de tecido de "pois". 2) Uma nova gola é aplicada ao lado da blusa. O bordado da pala e da cintura, em verde vivo. 3)

Uma "basque" do mesmo tecido e um "plastron" e gola e tecido listrado. 4) Com uma faixa na cintura e dois "clips no decote, o vestido póde ser usado mesmo á noite.

O VESTIDO E' PRETO. 1) Um "plastron" de tafetá branco "pois" vermelhos. "Basque" do mesmo tecido. Cinto largo também do tec-

do preto e dois botões. 2) Uma "echarpe" de lã escoceza e um bolso também nesse tecido dão ao modêlo um aspecto esportivo. 3) Para a tarde, um babado "godet", mais comprido na frente, com faixa de seda preta. Também nas mangas é aplicado um babado "godet". 4) Para os dias frios, uma pelerine enfeitada com peles. Punhos e chapéu também de peles.





Osom alegre da sineta escolar cortou em duas uma explicação sobre o quadrado da hipotenusa, que escorregava da larga boca matemática do professor Tolosa para os ouvidos de trinta moças atentas, e ele guardou uma das partes para o dia seguinte. Levantou-se, com dignidade. Cumprimentou, cortêsmente, numa curvatura geométrica, e saiu da sala, deixando, atrás de si, um longo rastro de teoremas e de suspiros aliviados. Só então começaram o reboço tagarela, característico dos intervalos, e o vai-e-vem das saias azuis e das blusas brancas cansadas da imobilidade.

Ligia não viera, naquele dia, e eu não lhe podia contar o que foi que Renato me disséra, na véspera. Para matar o tempo, fui para o quadro negro rabiscar, pensando num meio de passar pela frente do escritório de meu namorado, sem que isso desse muito na vista, nem o deixasse convencido demais.

Comecei por traçar um coelhinho, como de costume. Depois, veio uma cara de mocinha. Depois, um perfil qualquer. De repente, o giz raspou por uma pequenina protuberância da madeira, falseou, e acabou deixando no quadro, um largo traço irregular. Resolvi aproveitá-lo também para mais uma careta. Fui pondo, lá, olhos, orelhas (um olho e uma orelha, aliás, porque a figura estava de perfil) e todos os detalhes indispensáveis para uma cara que se préze. Mal tinha acabado de completá-los, quando a exclamação de Coralia, bem atrás de mim, quase me assustou:

— Gente...! Olhe ali o professor Camargo! — disse, apontando para o meu desenho.

Todas se interromperam, para vêr, e eu olhei também, dando, só então, por aquela prodigiosa semelhança. A testa inclinada, o nariz alongado, meio caído sobre a boca e o labio superior saliente eram perfeitos. Mas o que me deixou encantada foi o traço característico do professor Camargo que vi lá, fielmente reproduzido: era o seu queixo quase imperceptível misturando-se com o pescoço flácido e comprido, que lhe costumava emprestar certo ar de galináceo.

Olhei, envaidecida, para a turma toda que se ajuntára à minha volta — sem lhe contar, naturalmente, que o caso não passava de pura coincidência — e, para rematar o retrato, coloquei nele os óculos e o chapéu duro do professor de biologia.

Um uníssono de "ohs" e de "ótimos" coroou a minha obra prima e me inebriu de satisfação.

— Vamos buscar o professor Camargo para vêr o retrato! — lembrou alguém.

— Deus me livre! — disse eu — Ele me expulsaria de sua aula, si visse esta caricatura horrorosa.

Intimamente, eu estava lamentando que aquele milagre não se tivesse produzido sobre, um papel, para poder conservá-lo e exibi-lo, sempre que quizesse.

— Nada disso. Você até o fez mais bonito do que ele é — comentou outra.

Era verdade. A réplica em preto e branco do original, fortemente colorido, do nosso professor — cujo rosto passava por todas as gradações do vermelho, indo do róseo ao escarlate, durante uma explicação de hereditariedade ou de procriação — tirava muito do que a natureza lhe puzera de grotesco.

Era ótima pessoa, sem dúvida. Suas aulas, porém, não podiam ser classificadas como brilhantes, nem, mesmo, como muito eficientes. Além disso, ele costumava martirizar-nos com capítulos sobre capítulos do volumoso "Fontenelle" para as arguições e as provas escritas, o que fazia o desespero de muitas de nós. Ainda na véspera, incluira oito longos pontos na lista, já grande, dos que deviam ser estudados para o próximo exame.

Por outra coincidência singular, eu era uma de suas alunas preferidas. Conquistei-o pelo simples fato de nunca sorrir, quando re atrapalhava numa explicação, ou quando era obrigado a substituir, na lousa, a anotação errada que acabara de escrever, ao descobrir alguém que a mesma não conferia com a do livro aberto sobre a mesa. Conservei sua simpatia graças à minha grande habilidade em não me deixar apanhar, "colando", numa sabatina sua. Essa preferência me fazia sentir um certo remorso, porque, na realidade, eu também troçava dele, interiormente, como as outras, e me deliciava com suas atribulações de homem tímido.

— Está bem — concluí, em voz alta, depois de discutir, comigo mesma, os prós e os contras da sugestão — Mas não quero ir sózinha. Só irei convidá-lo, si algumas de vocês forem comigo.

Todas gritaram "eu vou!" com entusiasmo, menos Yolanda, que, durante todo aquele tempo, estivera sentada no seu lugar, na última carteira, fazendo tricô e mascando "chiclet", como se nada houvesse visto do que se estava passando na sala, o que me espicava um pouco o amor próprio. Ela nunca simpatizara muito comigo e eu lhe retribuía na mesma moeda.

Celina deu outro parecer:

— E si fossemos todas juntas? Ele não se poderia zangar...

(Continua na pág. 58)

Ilustração de **ABELARDO ZALUAR**
Selecionado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA



A esquerda: Nancy Saunders "novata" da Columbia Pictures, num "tailleur" bege claro, de gabardine, com casaco largo, solto: Os grandes bolsos são enfeitados com "pequenos botões" dourados. Cinto de couro enfeitado com os mesmos botões. Blusa de seda branca, com gola esportiva. Bolsa muito elegante, de couro de porco, natural, com pespontos marrons. A direita: Duas-peças, muito interessante, desenhando especialmente para moças de estatura mediana. A jaqueta é branca, com "basque" preta. Botões decorativos. Viez preto na parte branca da jaqueta. Sugestão de Gloria Henry da Columbia Pictures.

ESPORTIVOS



SYVERSON



"MISS SIMPSON!"

BOM HUMOR



DICK STRIPP

— Sinto muito, mas estão todas ocupadas.



TOM HENDERSON

— Senta-se aqui, Benedito... Ainda cabe mais um...



GUNDBERG

— Repara só essa pequena brincadeira... Não fiz senão trocar os letreiros das portas...



DON TOBIN

— Agora ela esta rindo! Tire depressa!

MUSICA

A VOLTA DE WILLIAM STEINBERG

— A QUINTA SINFONIA DE PROKOFIEFF E A MISTURA FILOSÓFICA —
 COMO ATRAPALHAR UMA ORQUESTRA — A VIDA DE SCHUMAN NO CINEMA

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

mas das principais obras de Strawinski, Prokofieff e até de Schonberg.

Szenkar cumpriu sua promessa e o expressivo sucesso da "Quinta Sinfonia", de Prokofieff, constituiu uma prova de que o seu esforço persistente já frutificou.

Por outro lado, devemos observar que a partitura que ele trouxe dos Estados Unidos, essa "Quinta Sinfonia" do compositor russo, é uma obra que poderia ser severamente criticada, porque se, ali, temos aquela indomável vitalidade e aquele extraordinário vigor que se tornou uma das principais características da personalidade do compositor, aquela segurança e soberana indiferença ao escândalo dos espíritos conservadores que fez com que ele cometesse as maiores audácias com ar de quem estira a língua para o público, revelam-se insuficientes para justificar os quatro tempos da sinfonia que tem suas pretensões filosóficas, também. Porém, a censura mais séria que se pode fazer é o entrecchoque desses contrastes que dá a impressão de uma obra irregular, que ora toma um rumo, ora segue por outro, sem uma unidade estrutural, indispensável, aliás, para que o seu autor pudesse desenvolver as contradições que há em seu pensamento musical, sem ferir a necessidade básica de formar um padrão consciente, de planejar, de ante-mão, a disposição dos elementos dentro da obra, para que eles não ficassem, como ficam, a brigar uns com os outros, numa disputa sem sentido. Aliás, o que isso nos revela é que se, por um lado Prokofieff mostra desejos de abandonar a sua posição anterior de puro desafio musical lançado ao rosto do público, por outro lado, o sentido filosófico que ele quer emprestar à sua obra ainda é vago e indefinido. Incapaz, portanto, de dominar essa contradição que é dele, compositor, vai deixar que sua obra a reflita, demonstrando a perturbação e a indecisão que criam a luta no espírito do músico.

A execução que Szenkar deu à obra não fugiu a sua norma habitual. É mais pelo tremendo entusiasmo do regente, do que pela execução precisa e nítida, que vive e se impõe a sua interpretação. Os detalhes se dissolvem num tumulto e, deste, emerge Szenkar, frenético, cabalos em pé. Isso, aliado à inquietação da obra de Prokofieff criou um efeito arrasador sobre o público e uma ilusão de força, onde havia somente agitação.

WILLIAM STEINBERG

Steinberg esboça, com sua técnica serena e sóbria de

William Steinberg, em companhia de seu filho, Arthur



Estudando uma partitura

A vai bastante adiantada a temporada de concertos sinfônicos que a Orquestra Sinfônica Brasileira vem oferecendo aos seus sócios, com repertório e regentes variados. Oliviero de Fabritiis, que aqui esteve, ano passado, regendo algumas óperas, com o Carro de Tespis subiu ao estrado, tomou a batuta e nos deu, com exuberância mímica, algumas interpretações dignas dos aplausos que recebeu. Horenstein, antecedido, em sua visita, por uma publicidade espetacular, confirmou, em parte, os superlativos acumulados nos cartazes. Com a exceção daquele concerto de Rachmaninoff em que ele acompanhou, com hesitação, a execução magnífica do solista Malczinski, revelou-se um maestro impetuoso e, a maior parte das vezes, seguro. Kleiber veio, logo a seguir, com programas ótimos a que só mesmo a sua extraordinária capacidade de galvanizar as partituras emprestou interesse. A volta do vienense realizou-se, entretanto, nas mesmas condições de incógnito entusiasmo do público e dos músicos, reiterada, em mais uma manifestação soberba, a consagração de há dois anos.

SZENKAR E PROKOFIEFF

Quando o maestro Szenkar iniciou, na Orquestra Sinfônica Brasileira, o seu movimento em favor da música moderna, tivemos oportunidade de entrevistá-lo, para a Revista da Semana. Ele nos explicou, então, a sua terapêutica homeopática para curar a prevenção que tinha notado, em nosso público, contra os compositores contemporâneos, de uma maneira geral. Declarou-nos o diretor artístico da O. S. B. que iria introduzindo, em seus programas, algu-



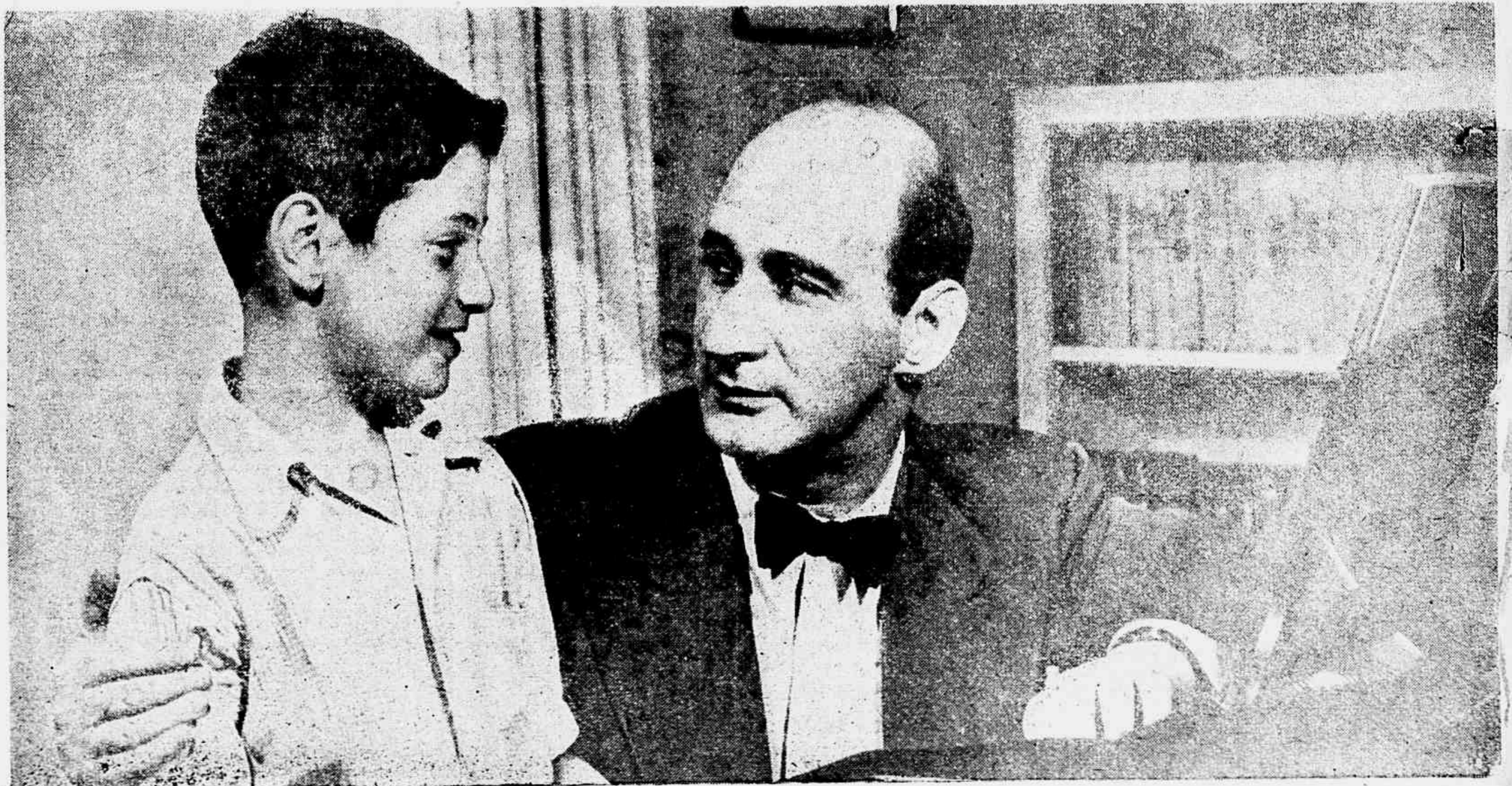
Para descansar, um cigarro.

regência, um contraste interessante com o romantismo de Szenkar. Em sua primeira visita, ano passado, criou, desde logo, uma reputação de tranquila erudição, escrupulosa honestidade, bom gosto e sobretudo muito tato no trato com os músicos, o que lhe valeu, de parte da orquestra, um esforço de colaboração que Horenstein, por exemplo, não conseguiu.

Steinberg, que deverá suceder a Szenkar, na série de regentes que tomarão a batuta, frente à O. S. B., este ano, tem estado bastante ocupado. Desde que aqui esteve, há alguns meses, suas atividades, nos Estados Unidos, que se limitavam à Orquestra de Buffalo, se ampliaram, tendo sido ele contratado, especialmente, para reger diferentes orquestras, entre as quais alguns dos principais conjuntos sinfônicos do país. Até Hollywood o disputou, para a filmagem do acompanhamento musical de um dos filmes da Metro, que narra a vida de Schuman, tendo como estrela Katherine Hepburn.

A parte musical desse filme, excepcionalmente importante, inclui o "Concerto para piano e orquestra", de Schuman, o "Concerto para piano e orquestra" de Liszt, a "Primeira Sinfonia" de Brahms e o "Fausto" de Schuman, para orquestra e coro.

Durante a filmagem, aliás, Steinberg teve oportunidade de se convencer que errar deliberadamente é muito mais difícil do que acertar sempre. Tendo que dirigir o estabelecimento de uma confusão tremenda, na orquestra, na cena da loucura de Schuman, ele encontrou mais dificuldades em atrapalhar os músicos do que em conduzi-los de acordo com a partitura.



**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULAR

**Na Arte como na
Vida, a beleza das
pernas femininas
empolga**



Que seria de Izadora Duncan, a célebre bailarina que empolgou o mundo, se as suas pernas não fossem perfeitas? Que seria igualmente das outras mulheres, se suas pernas não fossem belas? O maior inimigo da beleza das pernas femininas são as varizes. Para conservar a beleza das pernas, a mulher deve, portanto combater as varizes usando Hemo-Virtus. Com o uso de Hemo-Virtus, na dose de três colheres ao dia, as pernas ficam livres das varizes, voltando ao seu estado normal e readquirindo a perfeição estética. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorroidários, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba conjuntamente o líquido, para debelar, tanto varizes como hemorróidas. Não encontrando nas farmácias, escreva ao Depositário, Caixa Postal, 1874, São Paulo.

D. MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 238 - Fone: 23-0430

O baú de minha avó

(Continuação da pág. 35)

nessa época, e acho que nem ele guardava lembranças muito nítidas do pai, porque os últimos cinco anos havia passado num internato de padres, numa cidade distante, assistindo missas, engolando latim e emagrecendo a olhos vistos com o mau passado do colégio. Esses retalhos de conversa alheia, que haviam adormecido no meu subconsciente, iam se reavivando e se rearticulando, na minha memória, em função daquele baú.

Um dia, dona Rosa, costureira célebre e mulher do coletor estadual, foi visitar minha avó. Tinham sido amigas quando mocinhas. Eram amigas ainda. Ambas na casa dos sessenta, gostavam ainda de trocar confidências, de discutir a vida dos outros, numa permuta incessante de indiscreções e de casos escandalosos. Quando as duas estavam juntas, eu logo dava um jeito para bisbilhotar. Fingia um ar inocente e distraído, entretinham-me aparentemente em fabricar uma gaiola ou uma arapuca, mas ficava de longe, ouvido alerta, à cata de alguma palavra, de alguma frase que pudesse desvendar o mistério do baú.

— Não é por falar mal, dona Chiquinha... mas seu Jonas vai acabar dando um tiro na mulher. Quando ele sai para a loja, o sargento Evaristo, instrutor do Tiro de Guerra, salta o muro da casa dele... Para que, eu não sei... Mas imagino. Ele já foi visto duas vezes pela comadre Nicota, da janela do sobrado...

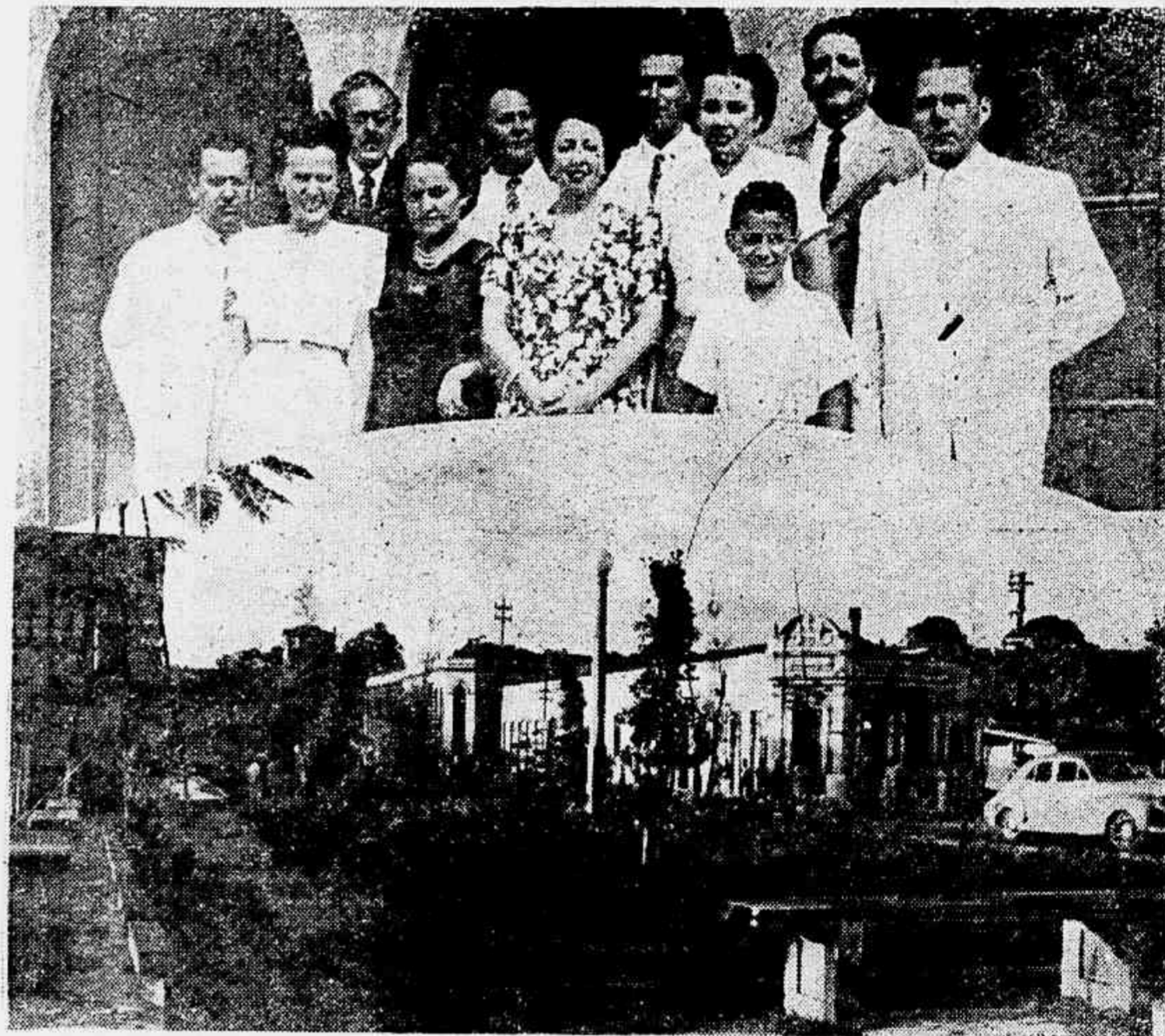
— Não diga, Rosinha!

— Pois é, comadre... E' o que dizem...

Uma noite, falaram da Mimos? Sobreira. Era a moça mais bonita da cidade. Tinha uma pele de pêssego. Corada que era até por demais, sem uso de pintura alguma. Um cromo, dizia dona Rosa.

— Pois onde já se viu uma coisa dessas? O brutamontes do pai resolveu casar a pequena à força com um fazendeiro de Piracuruca, que conheceu na fazenda de gado que tem lá pro Piauí. A moça está morrendo de amores por seu Clóvis, o flautista do cinema. Rapaz distinto, Chiquinha. E de futuro. Dizem que vai ser nomeado tabelião pelo governo. O pai tem prestígio, você bem sabe. Depois, já passou o tempo em que os pais arrumam o casamento dos filhos, sem estes serem ouvidos nem cheirados... Casamento, assim não traz felicidade a ninguém... Casamento assim só pode fazer uma mulher desgraçada...

— Está enganada, Rosinha. Veja o meu caso... Eu só conheci seu Elisiário no dia do casamento. Estava marcado para as 2 horas e ele chegou as 2 e 10, o cavalo banhado de suor, quase morto de cansaço. Foi se apeando e dizendo: "Acho que ainda cheguei a tempo. Pois então vamos lá com isso". Eu olhei para ele e tive raiva. Tive raiva, sim. Nunca havia visto aquele homem em minha vida, — e ia me ligar a ele para sempre. Fora meu pai quem arrumara aquilo, numa viagem a Santa Quitéria. Ficava hospedado na casa da família dele, achava que era bom moço, e não posso saber como resolveu as coisas, mas a verdade é que quando regressou, meu casamento estava marcado para daí a seis meses. Eu quase morri de desgosto. Levei duas semanas chorando e emagreci cinco quilos. Na ocasião, eu estava apaixonada por seu Lauro, o primeiro caixeiro de seu Damião. Inventava pretextos para ir comprar coisas lá na loja. Eram lenços, eram fitas, eram rendas, eram latas de pó de arroz. Ele parecia compreender que não era só para comprar rendas que eu lá ia. Porque me olhava com um olhar terno, profundo, apaixonado, que me fazia corar e ficar confusa. Um dia, quebrou a sua discreção habitual, para me fazer um galanteio: "Vossa excelência está hoje encantadora". Fez uma pausa, cofiou a ponta do bigode — tinha uns bigodes lindos, retorcidos embora nunca usasse brilhantina, — e ajuntou: "Hoje e sempre. Aliás, é a mais linda das nossas freguesas". Foi o homem mais delicado que eu conheci. Usava uns colarinhos impecáveis, de celulóide, sempre duros, brilhantes, e tinha uma



Ao alto: Um aspecto tomado por ocasião da visita do Governador do Departamento de Pando (Bolívia) Dr. Juan Chacon. Foto feita após o almoço que o governador do Guaporé, Ten. Cel. Joaquim Rondon e Senhora ofereceram ao governador Chacon e sua comitiva governamental. Da esquerda para a direita: Dr. Loysa, Juiz de Direito de Colija (Bolívia); Senhora Cap. Moacyr Gaya; Dr. Miguel Ortiz Ortuste, consul da Bolívia em Guajará Mirim; Sra. D. Juan Chacon; Dr. Juan Chacon, governador de Pando; Senhora Ten. Cel. Joaquim Rondon; Cap. Moacyr Gaya, comandante da Guarda Territorial; Senhora D. Rafael Indaburo; filho do Consul Indaburo; Dr. Rafael Indaburo, consul da Bolívia em Porto Velho. Ten. Cel. Joaquim Rondon, Governador do Guaporé. Em baixo: Aspecto da parte central da Cidade de Porto Velho, capital do Território do Guaporé, vendo-se a praça General Rondon e o edifício dos Correios e Telégrafos.

dentadura postiça muito bem feita. Foi o primeiro rapaz daqui que usou uma dentadura postiça. Espírito progressista ele era. E quando sorria, o sorriso era... bem, sem exagerar posso dizer que era lindo... Depois desse dia, nunca mais nos falamos. No domingo, quando saiu "O Clarim", havia uns versos dele, intitulados "Miosótis", com uma dedicatória assim: A encantadora F. M. por quem suspiro os mais sentidos ais". F. M. — era eu. Mas não pude sequer agradecer. Meu pai me comunicou, na sexta-feira, que eu estava noiva de seu Elisiário...

— Enfim, tudo passou, não foi?

— Felizmente. Foi Deus quem me deu forças... Porque a minha vontade era não obedecer meu pai, sair de casa, andar pelo mundo, morrer à mingua, num canto qualquer. Mas fui educada na escola da obediência. E obedeci. Mas a princípio odiei seu Elisiário. Quando ele apareceu, pequenino, gordo, tão moreno que até parecia amulatado, tive uma rai-

va mortal. Era por aquele homenzinho que eu ia renunciar ao meu amor por seu Lauro, alto, louro, de olhos azuis, tão bem posto, tão elegante que até parecia um ator ou um deputado... Era de dar raiva mesmo. Mas, enfim, fui aos poucos aceitando a realidade como se apresentava... Até que, quinze dias depois do casamento, houve a tragédia... Você estava fora. Em Sobral, não era?

— Isso mesmo, Chiquinha... Tinha ido fazer meu enxoval. Foi muito triste. Uma queda, não foi?

— Sim, uma queda. Seu Elisiário — verdade é que ele nunca suspeitou nada, — tinha ido comprar um par de sapatos na loja de seu Damião... Seu Lauro ficou perturbado. Não era para menos. Ele devia odiar seu Elisiário com todas as forças do seu coração... Seu Elisiário tinha o pé pequeno. Nas prateleiras de baixo não havia sapatos que servissem... Seu Lauro, mortificado pela humilhação

(Continua na pág. 56)

CORTE E COSTURA



GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última
moda — Carteira de
Identidade — 100 car-
tões de visita — Ser-
viço especial de con-
sultas sobre o curso.

Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais. Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

40

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO



A MÚSICA BRASILEIRA VAI BEM...

Ciro Rímac, esse simpático band-leader cubano que, entre nós, conquistou uma legião de fans e, lá fora, tem sido um grande e desinteressado propagandista da nossa música popular, acaba de estreiar no Beverly Hills, uma das mais populares "boites" da cidade norte-americana de Pittsburgh. Segundo o cronista local, ele consegue prender durante meia hora a atenção dos espectadores. Rímac é o mesmo animador infatigável de sempre — diz o cronista. O seu samba com Estelita e, a seguir, o desafio brasileiro com Charley Boy, um elemento da sua orquestra, comprovam a sua extraordinária vitalidade. Rímac inicia a sua atuação com Minerva, uma danarina meio cigana, meio flamenga, cujos trejeitos e habilidade se assemelham aos da celebre Carmen Amaya. Entretanto, a atração número um de Rímac ainda é Alzira Camargo, um belíssimo tipo de mulher (é, ainda, o cronista quem fala) e quando ela interpreta uma das canções brasileiras do seu repertório, toda a sala parece pegar fogo. Como vêm, apesar dos prazeres, a música do Brasil parece que não vai muito mal... lá por fora.

F. CORREIA DA SILVA

ABOLIÇÃO

Samba de Orestes Barbosa e Wilson Baptista

Gravado por Nelson Gonçalves.

Nos troncos, nas algemas, nos laços
Com seus braços
Ochidos nas torturas infernais,
O negro que foi triste e foi escravo,
E um bravo
A gemer, a gemer e a plantar cana-
viis.

Mas um dia nasceu um negro
Terói que foi luar e foi vulcão,
E flores pelos camirhos,
Arrabou os pelourinhos,
Patrão nos deu a abolição.
O negro que tirou a sua raça
Da desgraça,
Cutardo nas trincheiras de papel;
O negro que ficou na nossa história
Com esta glória;
Que vive na saudade de Isabel.

ME LLAMAN "EL SOLITARIO"

Tango de Enrique Cadícamo e Francisco Lomulo.

El baile estaba animado
Por el cuarteto Calaza...
Apenas hube llegado
Ahí nomás fui presentado
Por el patrón de la casa...
Después, al rato, dijeron:
"Que cante el cantor del barrio...!"
En abnico se abrieron
Y como tanto in i tieron
Yo les canté: El Solitario...
...Un tango que empieza así:

II

Me llaman "El Solitario"
Cuando me ven por Corrientes
Pero que sabe la gente
Que mi amor es un calvario...
Me llaman "El Solitario"
Y no saben que es por "ella"...
Porque ya perdí las huellas de su
amor
Y hoy pensando en ella, voy...

I (BIS)

Y de aquele baile animado
Por un cuarteto de orquesta,
Sali a la calle angustiado,
Con el corazón rodeado
Por una sombra funesta...
Al que lo signe un desvelo
No le divierten las fiestas...
El que ha perdido un anhelo
Ya no puede hallar consuelo
Y lo enri tece una orquesta...
...Y solitario ha de andar...

MY PRETTY GIRL

Fox de Ray Johnson e Del Porter

My pretty, girl, my pretty girl,
I'm always dreamin' of you.
My pretty girl, my pretty girl,
My darling how I love you.
Promise me you will never leave me.
Promise me, you will never grieve me.
Promise me you will not deceive me.
Oh, my pretty girl.
Please give me just one kiss
One sweet kiss you won't miss.
For your kiss brings such bliss.
To my lovely heart
My pretty girl, my pretty girl
I'm always dreaming of you.
My pretty girl, my pretty girl,
My darling how I love you.
Promise me you will never leave me.
Promise me you will never grieve me.
Promise me you will not deceive me.
Oh! my pretty girl.

SIN MOTIVO

Bolero de Gabriel Ruiz

Sin motivo te alejas y me dejas...
Sin motivo te olvidas de mi amor...
No te importa el llanto de mis ojos...
No te importa mi pena y mi dolor...
Pero yo que te quiero con el alma
En mi triste soledad sabré esperar...
Sin motivo te fuiste de mi lado
Y también sin motivo volverás...

MARINA

Samba Canção de Dorival Caymmi

Gravação de Francisco Alves

Marina, morena Marina você se
pintou
Marina você faça tudo mas faça
um favor
Não pinte esse rosto que eu gosto,
que eu gosto
E que é só meu
Marina você já é bonita com que
Deus lhe deu
Me aborreci me zanguei já não posso
falar
E quando eu me zango, Marina, não
sei perdoar
Eu já desculpei muita coisa
Você não arranjava outro igual
Desculpe Marina morena
Mas eu estou de mal
De mal com você... de mal com
você...

"Para Fiar e Tecer o Melhor Linho..."

Embarcaram os Huguenotes para a Irlanda...



COUBE ao linho grande importância em um dos maiores movimentos migratórios da história. Em 1698, o huguenote Grommelin aceitou o convite de Guilherme III no sentido de trazer os seus tecelões holandeses e flamengos para a Irlanda afim de "Fiar e tecer o Melhor Linho". A caravana de Grommelin estabeleceu-se em Lisburn, aí fundando um dos maiores centros produtores de linho do Norte da Irlanda.

A princípio uma indústria doméstica, o linho, com o advento do vapor e da eletricidade, transformou-se em uma indústria de âmbito mundial. As tradições de perfeição transferidas de geração à geração sempre foram a mais preciosa herança do Irish Linen Guild. "Alvo como Linho Irlandês" é hoje em dia um sinônimo de qualidade em todo o mundo, e outra razão porque dizemos com toda sinceridade



Exija Linho Irlandês!

The Irish Linen Guild.
BELFAST

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos!
diz
Beverly Simmons

famosa estrelinha da Universal Pictures Co., Inc. que aparece em "BUCK PRIVATES COME HOME"

Graças ao seu gosto agradável, seu aroma suave e persistente, e porque basta um centímetro para produzir espuma abundante, fresca e penetrante; e ainda por sua inigualável pureza — Kolynos é o creme dental n.º 1. Porisso, todos os que o usam afirmam que Kolynos...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos... não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



A REELEIÇÃO DO DR. JOÃO DAUDT D' OLIVEIRA PARA A PRESIDENCIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL — Obteve grande repercussão no seio das classes produtoras de todo o país a reeleição, pela terceira vez consecutiva, do Dr. João Daudt d' Oliveira para a presidência da Associação Comercial do Rio de Janeiro, prestigiosa entidade representativa de nossas classes econômicas. A gravura acima mostra o dr. João Daudt d'Oliveira na ocasião que proferia seu discurso de posse, na memorável solenidade realizada, em 6 do corrente, no Palácio do Comércio. Ao lado do orador, vê-se o dr. Rodrigo Otavio Filho membro da Academia Brasileira de Letras, que saudou o presidente empossado.

O ECLIPSE

(Continuação da pág. 25)

em pleno meio do céu, sem núvens...

Já não se via claramente o mercado, a cadeia, o bilhar. A paisagem acinzentava-se, as casas brancas tomavam uma cor esquisita, verde-amarelada, e as pessoas tinham as fisionomias lívidas, de cadáver. Um silêncio pesado amor-

talhou o mundo, como em Junqueiro. Uma frieza vinda das entranhas da terra, vinda do meu pavor — sei lá! — me penetrava o corpo.

Uma pasta escura toldava-me a visão sensivelmente. Os pássaros voavam desordenadamente, urubús passeavam baixo, apressados. As galinhas vinham tristes aninhar-se num canto do muro.

(Continua na pag. 57)

NA PRÓXIMA SEMANA, FINALMENTE...

estará em suas mãos o NÚMERO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO da mais antiga publicação ilustrada do Rio de Janeiro, a

REVISTA DA SEMANA

CONTENDO:

- 20 páginas de modas, com desenhos e fotos exclusivos.
- Colaboração especial de Viriato Correia, Luis Edmundo, Ondina Ferreira, Lucia Benedetti, R. Magalhães Júnior, Escragnolle Doria, Roberto Lyra Filho.
- Contos de Guy de Maupassant, A. Coêlho, Euclides Marques de Andrade, Eduardo de Campos, Machado de Assis, etc..
- Reportagens de Ney Machado, Nelson Vainer, Raymond Mauffrais, John Clay, Mary-Evans Jones, George Vago, etc.
- Ilustrações de Armando Pacheco, Orlando Mattos, Armando Moura.

Reserve desde já um exemplar com o seu jornal. PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR\$ 5,00.

A VIDA DE AUGUSTO

(Co tinaução da pag. 21)

uma águia, que estava empoleirada sôbre uma tenda, alçou o vôo e foi cravar o bico no peito dum corvo. Este veio cair morto no chão, perto de Otávio e de Antônio. Os adivinhos viram no fato um preságio. Aqueles dois homens desmedidamente ambiciosos se desaviriam, e a águia havia de vencer o corvo. Mas qual dos dois seria a águia — o homem sorridente, ou o menino carrancudo?

Em breve se deu a ruptura. Os exércitos se dividiram; irrompeu a guerra civil, e milhares de soldados marcharam ao encontro de uma morte ingloriosa, para maior glória de dois homens. Antônio foi derrotado na batalha de A'ccio. Cleópatra, a rainha do Egito, tendo perdido um campeão em Antônio, tentou agora atrair Otávio com os seus encantos. Seus olhos tinham ainda aquela expressão pensativa e dominadora, que cativara as fôrças em declínio de César e a sádica sensualidade de Marco Antônio. Mas, sempre frustrada na sua ambição, achava-se fatigada. Tivera a esperança de governar Roma por meio dos dois homens que seduzira. Mas não pudera seduzir a fortuna. Ficava agora sozinha com três filhos, um de César, dois de Antônio — e tinha quase quarenta anos. Ainda que fôsse mais moça, provavelmente não teria conseguido despertar a paixão de Otávio. Parecia ser coisa que ultrapassava a capacidade dum ser humano, pois Otávio era destituído de tôda paixão e de tôda afeição. E também de piedade. Decidira trazer Cleópatra a Roma — não, porém, como amante, mas como escrava. Queria levá-la como prisioneira na marcha triunfal pelas ruas da cidade. Por isso, prometeu-lhe a sua proteção e nada mais.

Mas a rainha frustrou-lhe o almejado triunfo. Preferiu a picada dum aaspide à proteção de Otávio. Este, encolhendo os ombros estreitos, entrou na cidade natal de Cleópatra, abençoou os habitantes e prometeu-lhes anistia; retirou-se então á sua tenda e expediu ordens secretas para um morticínio geral.

IV

Antes de regressar a Roma, Otávio visitou a tumba de Alexandre. Com grande pompa o ambicioso conquistador vivo marchou até o jazigo do ambicioso conquistador morto, enquanto os soldados, apoiados nas lanças, o observavam em respeitoso e imponente silêncio. Olhou solenemente para dentro do ataúde. Momentoso encontro entre os olhos frios, escrutadores, e o crânio frio e sem vista. Dois super-homens nascidos para dominar em vida — e para apodrecer na morte. Otávio curvou-se e ergueu nas mãos o crânio para olhá-lo mais de perto. "Bah", murmurou com repugnância um soldado, desviando o olhar.

V

Durante séculos Roma fôra uma república de homens livres. Os italianos tinham orgulho do seu senado, e eram ciosos do direito de voto. As diversas tribus da península itálica, ao serem conquistadas pelas armas de Roma, tinham adquirido a cidadania romana sob a proteção da república. Pode-se dizer que tinham sido submetidas pela espada assim como um filho é sujeitado pela vara do pai severo, mas não intolerante. Uma vez incorporada a península itálica, entretanto, Roma começou a lançar olhares cobiçosos para o outro lado do mar. Veio a guerra mercantil contra Cartago. O pequeno Estado africano foi arrasado e os habitantes vendidos como escravos. Roma cometera um erro terrível, e a história ia aprender essa lição fundamental: um Estado que escraviza outros não pode continuar livre. Cartago foi o início duma trajetória sangrenta que atravessou o mundo todo. O exército tornara-se o instrumento do Estado romano. Chefes inescrupulosos tinham provocado uma série de guerras civis, com vistas sôbre a ditadura. Um a um, lutaram, foram vencidos e morreram. E eis que, mais uma vez, aqui vinha um deles entrando em Roma à frente dum exército — um simples rapazinho. Os senadores achavam-se em sessão no Monte Capitolino. Durante os penosos dias das guerras civis, tinham-se mantido assim, sem ousar decidir-se por qualquer dos partidos. Ao entrar no senado, Otávio puxou da espada. Com êsse gesto, o experimento democrático estava terminado. Aquele moço macilento, com os seus olhos penetrantes e a sua palidez doentia, tinha uma aptidão natural para presidir às cenas finais da enfermidade, do desespero e da morte. Quando era menino, pronunciara a oração fúnebre ante o cadáver da mãe. Durante a adolescência presenciara os funerais de estadistas mortos nas guerras políticas de Roma. E agora presidia, com a eficiência e a correção de sempre, às exéquias da república.

Fez o que pôde para amortecer o golpe vibrado à nação. Conservou a forma da antiga constituição e concedeu ao senado licença para continuar suas estereis sessões. Era um moço notavelmente piedoso. A república foi devidamente enterrada, encomendada e remetida ao céu, enquanto Otávio se dispunha a governar a terra. Fez-se ditador vitalício e distribuiu largas somas de dinheiro para fazer calar o povo. Aqueles que recusaram calar-se foram mortos. Pouco a pouco, foi assumindo as insígnias da realeza, até que por fim o senado lhe enviou uma delegação, pedindo que tão excelso príncipe tomasse o título de Augusto. Ele corou e respondeu que nunca mais ousassem falar em tal cousa. Não queria blasfemar contra os deuses arrogando-se tão sublime título, disse-lhes êle; e mandou-os passear. Mas, tendo sempre em mente êsse parentesco com os deuses, edificou-lhes vastos e deslumbrantes templos. E, por uma simples associação de idéias, passou a usar calçado de tacão alto com o fim de acrescentar algumas polegadas à sua exígua estatura.

Era um homem cauteloso. Sempre que possível, tratava de levar vantagem em sua partida com o destino. Tinha o bom senso de perceber que, embora o seu regime estivesse apoiado na força militar, o



REQUINTE

SEUS MÓVEIS REQUEREM
OS MESMOS CUIDADOS
QUE SÃO DISPENSADOS
À SUA BELEZA...



Cabelos juvenis, sedosos e brilhantes?
use

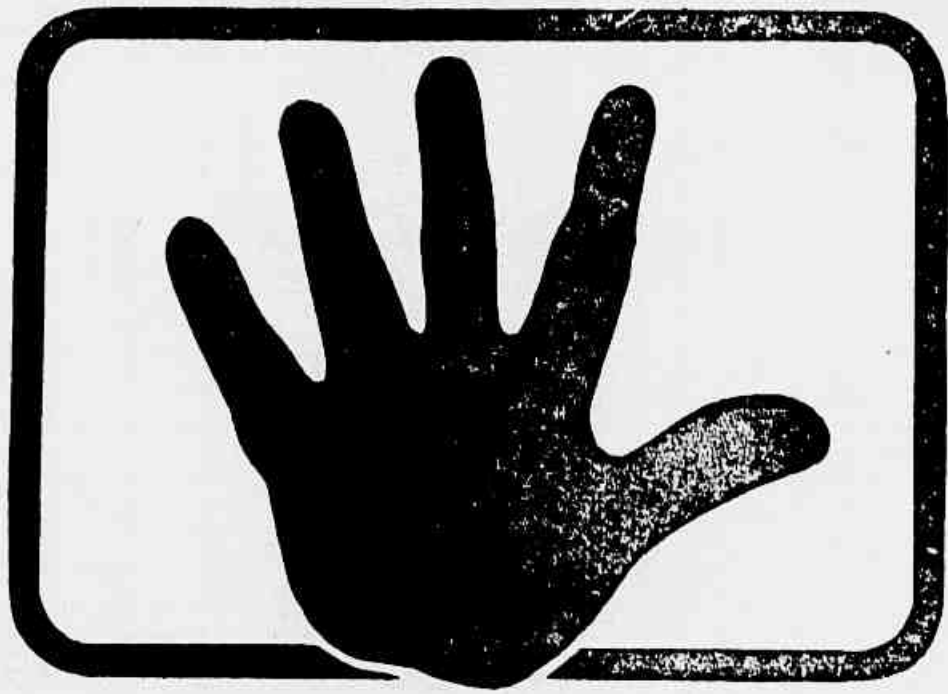
BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO!

Não contém goma, nem
amido, nem álcool e nem sabão.



LYTOPHAN



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

povo, cansado da guerra, desejava a paz acima de tudo. Governou Roma durante quarenta e um anos, e durante a maior parte dêsse tempo o exército não marchou senão em uniforme de parada. Paz para o povo significava paz para Otávio. E êste era um homem de paz — um homem escrupuloso. O povo amava-o — pelo menos, assim lhe diziam. E' verdade que era um pouco desleixado no vestir. Mas que olhos magníficos! Parecia muito orgulhoso dêles e nunca se cansava de olhar intencionalmente o semblante de qualquer pessoa a quem se dirigisse, como se quisesse magnetizá-la e subjugá-la. Mas só os olhos eram eloquentes nele. O resto era insignificante. Que rei desenxabido! dizia o povo. Um bom governante, apenas um pouco descuidado quanto ao modo de pentear-se. Que modelo de virtude, de circunspeção e de reserva!

Mas gradualmente a Roma pagã estava sendo submetida a uma piedosa ablução. A cidade presenciava o espetáculo de um homem comum assumindo as prerrogativas dum deus olímpico. Quando Otávio recebeu o cargo de sumo pontífice e censor da moral pública, ficou apenas a poucos passos do céu. Frio como um bloco de mármore, insensível como uma formação glaciária, começou a apresentar-se ao povo como uma estátua familiar, mas distante. E o povo, não podendo tratá-lo como homem, pedia para adorá-lo como deus.

Por algum tempo, continuou afetando modesta relutância a ser divinizado. Uma vez, quando assistia a um drama no teatro romano, fez-se uma referência à sua divindade e o auditório aplaudiu ruidosamente. Ele se levantou, increpou a multidão tumultuosa e retirou-se do teatro. Mas a idéia da sua natureza divina não o deixava. No íntimo, tinha-se na conta de um deus.

Estranha personagem para o papel dum deus! Ainda vivia frugalmente, dormia em duro catre no palácio e vestia roupas singelas, feitas por sua irmã. Afinal de contas, era filho dum padeiro africano — dum simples e prudente ratinhador, traficante manhoso e bom conhecedor do seu ofício. Mas se as honras divinas podiam ser conferidas a Vulcano, o ferreiro, porque não concedê-las também a Otávio, o filho do padeiro? Consentiu por fim em adotar o nome de Augusto — "O Glorificado".

Foi assim que o filho do padeiro, olhando-se no espelho um dia, se encontrou face a face com um deus. Em breve surgiu a lenda de que êle fôra visto caminhando com uma auréola irisada ao redor da cabeça. Muitos sonharam — assim diziam êles — que o próprio Júpiter lhe depositara na fronte o ósculo divino.

E, muito naturalmente, começou a adquirir, junto com as honras dos deuses pagãos, alguns dos seus costumes dissolutos. Abandonando a abstinência dos primeiros tempos, enviou agentes secretos a tôdas as regiões do império com o fim de trazer-lhe donzelas para o leito real. Também, à medida que Augusto crescia em estatura a seus próprios olhos, se desenvolvia nele uma perturbadora inclinação para o adultério. Os seus amigos mais íntimos explicavam que êle recorria a essas práticas devassas, não com o fim de satisfazer a sua luxúria pessoal, mas para descobrir, por meio das mulheres, as maquinações dos seus inimigos. Tiveram, porém, muito trabalho ao procurar explicar o seguinte episódio: Durante um banquete oficial, assaltado por súbito capricho, apoderou-se da mulher dum dos seus oficiais de gabinete e forçou-a a entrar no seu quarto. Alguns minutos mais tarde trouxe-a de volta ao marido, trêmula e desgrenhada, a tempo de prosseguir o jantar.

Escolhia os seus funcionários pela habilidade em ajudá-lo, com eficiência e discrição, nas suas aventuras lascivas, pois não era aconselhável alarmar o povo com excessiva publicidade em tôrno do assunto. Com o correr do tempo, adquiriu outro vício — a paixão pelo jôgo. E sempre apostava tremendas quantias. Bebia com moderação, porém, e, o que é mais importante, nunca permitia que os divertimentos privados lhe prejudicassem a reputação. Sua toga era tão simples como a dos cidadãos comuns. Seu método de educar o povo era igualmente simples. Queimava todos os livros que versassem sôbre a liberdade. Só protegia os poetas que entoassem loas a Augusto e ao Império. Era o árbitro supremo do bom gosto e o supremo juiz do Estado. De fato, sua sentença tinha o caráter sagrado dum julgamento final. Como todos os juristas astutos, empenhava-se em eliminar o crime evitando-o — principalmente o crime, real ou suposto, contra a sua sagrada pessoa. Uma vez um senador se lhe aproximou no palácio; não sabendo se o homem tencionava cumprimentá-lo ou assaltá-lo, Augusto, pelas dúvidas, ordenou que lhe arrancassem os olhos e depois mandou matá-lo. A versão oficial da desapareição do senador dizia que êste fôra banido do país, que violenta tempestade lhe fizera naufragar o navio e que êle fôra capturado e morto por salteadores. Noutra ocasião, dirigiu tão furibundo olhar a um senador que o pobre homem foi atirar-se do alto dum rochedo.

Entretanto, o imperador nunca deixava de anunciar em público as suas boas intenções. "Oxalá me seja concedida a ventura de assentar a nação sôbre bases sólidas e firmes!" gostava de exclamar. Sólidas e firmes para êle próprio, entenda-se. Exteriormente era afável, exceto nas frequentes ocasiões em que estava atacado de disenteria. A ironia do caso estava em que, com tôda a sua ambição divina, tinha um corpo nada mais que humano. E enfermiço, por sinal. Há ocasiões em que a divindade assume estranha aparência exterior. Seu rosto era picado de bexigas. A sarna atormentava-o constantemente. Tinha o quadril esquerdo fraco e sofria de inoportuna moléstia da bexiga, que muitas vezes lhe causava grande embaraço quando falava em público. Perpetuamente endefluxado, via-se obrigado a dar a maior parte das suas ordens fungando. Por causa da enfermidade da pele, nunca tomava banho. Talvez se conservasse apartado dos homens mais devido a essa falta de asseio que a qualquer atributo divino. Quem sabe quais são as forças interiores que constituem a personalidade real dum homem? A história nem sequer começa a investigar os obscuros mistérios fisiológicos que impulsionam as personagens mais importantes do seu drama.

a paz acima de tudo. Governou durante a maior parte desse tempo uniforme de parada. Paz para o este era um homem de paz — um — pelo menos, assim lhe diziam. do no vestir. Mas que olhos magre e nunca se cansava de olhar intenssoa a quem se dirigisse, como se Mas só os olhos eram eloquentes e rei desenxabido! dizia o povo. uco descuidado quanto ao modo e, de circunspeção e e reservatã estava sendo submetida a uma o espetáculo de um homem comum is olimpico. Quando Otávio receor da moral pública, ficou apenas um bloco de mármore, insensível ou a apresentar-se ao povo como E o povo, não podendo tratá-lo mo deus.

etando modesta relutância a ser a a um drama no teatro romano, e e o auditório aplaudiu ruidosa- multidão tumultuosa e retirou-se a divina não o deixava. No inti- pel dum deus! Ainda vivia frugal- cio e vestia roupas singelas, feitas ho dum padeiro africano — dum ante manhoso e bom conhecedor nas podiam ser conferidas a Vul- las também a Otávio, o filho do ar o nome de Augusto — "O Glo-

olhando-se no espelho um dia, se m breve surgiu a lenda de que ele éola irisada ao redor da cabeça. — que o próprio Júpiter lhe depo-

a adquirir, junto com as honras ostumes dissolutos. Abandonando enviou agentes secretos a tôdas zer-lhe donzelas para o leito real. ca em estatura a seus próprios adora inclinação para o adultério. am que ele recorria a essas práti- sfazer a sua luxúria pessoal, mas s, as maquinações dos seus inimi- ao procurar explicar o seguinte il, assaltado por súbito capricho, oficiais de gabinete e forçou -a a mais tarde trouxe-a de volta ao po de prosseguir o jantar.

la habilidade em ajudá-lo, com ras lascivas, pois não era conse- publicidade em tôrno do assunto. tro vício — a paixão pelo jogo. s. Bebia com moderação, porém, permitia que os divertimentos pri- Sua toga era tão simples como de educar o povo era igualmente ue versassem sobre a liberdade. as a Augusto e ao Império. Era premo juiz do Estado. De fato, o dum julgamento final. Como e em eliminar o crime evitando-o isto, contra a sua sagrada pessoa. ou no palácio; não sabendo se o assaltá-lo, Augusto, pelas dúvidas, s e depois mandou matá-lo. A or dizia que este fôra banido do naufragar o navio e que ele fôra tra ocasião, dirigiu tão furibundo foi atirar-se do alto dum rochedo. deixava de anunciar em público a concedida a ventura de assen- es!" gostava de exclamar. Sólidas Exteriormente era afável, exceto atacado de disenteria. A ironia ambição divina, tinha um corpo por sinal. Há ocasiões em que a exterior. Seu rosto era picado nstantemente. Tinha o quadril moléstia da bexiga, que muitas ando falava em público. Perpe- a dar a maior parte das suas midade da pele, nunca tomava dos homens mais devido a essa o divino. Quem sabe quais são personalidade real dum homem? tigar os obscuros mistérios fisio- mais importantes do seu drama.

11ª EXPOSIÇÃO ÁGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA

Num ambiente de grande expectativa e animação sem precedentes, será hoje inaugurada a 11.ª Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina, o tradicional certame que anualmente reúne destacados pecuaristas da Zona da Mata mineira, numa demonstração do elevado grau de aperfeiçoamento atingido na criação de afamadas raças leiteiras, que fazem a riqueza daquela extensa e riquíssima região.

Juntamente com a Exposição serão inauguradas novas e importantes instalações recém-construídas, formando um conjunto que, além da entrada monumental com que dotará o recinto da Exposição, contém dependências para os serviços de secretaria, alojamentos para hospedagem das comissões julgadoras, portaria, um salão para reuniões, varanda para assistência aos desfiles de animais e dependências para serviços sociais, realização que em muito contribuirá para o maior sucesso das exposições leopoldinenses.

Por outro lado, a visita anunciada do governador Milton Soares Campos a Leopoldina, na semana da Exposição, assim como de outras personalidades ilustres do nosso mundo social, político e administrativo, e dos meios pecuaristas nacionais, vem despertando vivo interesse em torno do certame.

As notícias que nos chegam trazem a certeza de que a 11.ª Exposição alcançará êxito invulgar na parte destinada aos animais de raças puras, dado o entusiasmo reinante entre os grandes criadores locais na apresentação dos seus produtos. Certamente veremos em animados e difíceis cotegos os plantéis dos acreditados pecuaristas José Ribeiro dos Pels, Herdeiros de Marco Aurélio Monteiro de Barros, Antenor Ribeiro dos Reis, Erico e Francisco Ribeiro Junqueira, Antônio Ribeiro dos Reis, Ormeu Junqueira Botelho, Bastos & Filhos, Quirino Junqueira de Andrade, José Pedro Ribeiro Junqueira, José Newton Reis Junqueira, Alvaro Botelho Junqueira, Paulo Botelho Junqueira, Romão Evangelista dos Reis e outros, que fizeram a grandeza da Exposição Agro-Pecuária de Leopoldina.

Está, assim, previsto um enorme sucesso para a 11.ª Exposição, cujo transcurso marcará mais uma brilhante etapa na sua trajetória iniciada tão auspiciosamente em 1937 e que tantos benefícios tem prestado ao grande parque agro-pecuária que é a Zona da Mata.

No caso de Augusto, os romanos não compreenderam o caráter do homem. E, por não o compreenderem, fizeram dele um deus.

VI

E assim se pavoneava ele no palco da vida, como um ser divino, ao passo que, atrás dos bastidores, na intimidade do seu vestiário, a irmã o enrolava num corpete de flanela e os escravos lhe coçavam as costas. Os poetas e historiadores da época, Vergílio, Horácio, Tito Lívio, fechavam os olhos às suas deficiências e exageravam a majestade do imperador. E ele, em toda a sua vida pública, manteve essa ficção de exagerada majestade. Não permitia que ninguém risse na sua presença. Não era, de fato, coisa para rir que tão insignificante valetudinário tivesse poder de vida e de morte sobre as três quartas partes da humanidade.

Por fim, Augusto tomou o caminho de todos os fracos mortais. Um dia, quando falava aos soldados no Campo de Marte — lugar destinado às paradas militares em Roma — um raio caiu numa parte da estátua erigida em sua honra. A primeira letra da inscrição, *Oclavius*, foi destruída, de modo que o nome ficou começando com a letra C. Como esta letra, em algarismos romanos, representa o número 100, os adivinhos interpretaram o acontecimento como um preságio de que Augusto viveria apenas cem dias. Dentro deste período voltou-lhe o antigo e conhecido ataque de disenteria. Achava-se em meio dum viagem pelos seus domínios do Adriático quando o saltou a doença. Aí jazia na carruagem fitando sombriamente o tóldo, enquanto os criados o carregavam de volta a Roma. Não lhe era estranho este modo de viajar. Sempre fizera as suas jornadas de noite. Era uma hora ideal para viajar, já que ele não podia dormir. Tinha medo de ficar deitado no escuro. Tinha vivido uma boa parte da vida assim, estendido de costas, olhando a superfície lisa dum tóldo ou a abóbada azul do céu. E assim, pouco se importou com este novo acesso, ainda mesmo quando os médicos declararam que ele estava muito fraco para viajar e ordenaram aos criados que o transferissem para uma cama imóvel. Pela última vez pôs de parte o chapéu de abas largas que lhe servira de proteção contra o sol, nas viagens. Nunca mais necessitaria dele. Chamou os escravos e cortesãos para junto do leito e fitou-os com firmeza. Seus olhos estavam ainda brilhantes.

— Acham — perguntou ansiosamente — que desempenhei bem o meu papel? Neste caso, aplaudam-me que vou morrer.

O aplauso veio; ruidoso e insincero. Mas Augusto já não podia ouvi-lo.

Do livro "Vidas de estadistas famosos"

Eis a nova maravilha



Um rádio portátil que dispensa a substituição de baterias!

— O primeiro e unico automaticamente recarregável!

A mais notável característica do novo rádio portátil G. E. de 5 válvulas para recepção em ondas médias, é a extrema facilidade de carregar automaticamente seu próprio acumulador sem que seja preciso substituí-lo. Equipado com todos os aperfeiçoamentos G. E., inclusive o famoso alto-falante "Dynamower", este modelo lhe oferece entretenimento durante 20 horas consecutivas sem recarregar. No lar, basta ligá-lo a uma tomada de corrente para que o seu acumulador se carregue automaticamente sem qualquer interrupção do programa que se esteja ouvindo.

O RÁDIO EM MALETA INTEIRAMENTE DE ALUMÍNIO. VÁ VER E OUVIR HOJE MESMO O NOVO RÁDIO PORTÁTIL G. E.

GENERAL ELECTRIC

ASSEGURE O SEU FUTURO estudando CONTABILIDADE



Torne-se um perito em Contabilidade pelo método moderno e completo que o habilitará APENAS EM 25 SEMANAS. Mensalidades SUAVÍSSIMAS. Graças ao nosso especial sistema de trabalhos práticos, V.S. poderá ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após iniciá-los. O programa do nosso Curso de contabilidade consta de:

Escrituração mercantil, Aritmética comercial, Direito Comercial, Correspondência, Ortografia oficial, Psicologia Comercial aplicada. Cada aluno fará a escrituração completa de uma casa comercial.

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO:

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CAIXA POSTAL 5058 - SÃO PAULO

368

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto: "Como ganhar dinheiro com trabalhos de Contabilidade"

NOME _____

RUA _____ No. _____

CIDADE _____

ESTADO _____

Contra dores

ASPIRINA

O remedio da confiança

de ter de aten para tirar um cima. Na hora o equilibrio, e bou perdendo lar. Ficou co Fratura, viram mento externo, podia ter sido tado de seu morrido foi q engasgado. Th — Virgem, C

— Passel dois Chorando escon não visse. Mas lhe soprou aos é que eu tinha, não seria melho tal para ver u dita: homem n Elisário não p possível para n te... Nunca hi — só de seu L

— Foi muito t — Agora eu n contou, quando dentadura desaj

— Sim. Desap arrancou da ga explicar como f seu Lauro foi aquela dentadu zera um sacrifico pital e botá-la.

Não falei com Achei melhor n esse segredo. Co eu me sentia r com o fato de s ra outro homem não era meu av teria sido a vida siário, o homem embora de mod causar a morte e sacrificio, não te não devia ter fe para vencer a su rido, — e para da que oito filhos, e em comum. Doi- seu neto, não era por ela, por ter em vez de sangui nhas velas. Um com esta pergunt

— Vovô, podia senhora foi feliz

— Foi muito fel homem. Gostava

— E a senhora — Deixe de ser dar das suas ga

— Responda, vo bém gostava dele

— Tive oito filh coisa, senão que e sim. Não digo qu gostava. Quer sa baú, não é? Pois avô... As últimas rio usou em vida seus suspensórios, camisas, o seu rel guardado naquele tenho de estender a naftalina, senão tudo...

— Mas para que

CABELOSO
L
Pr

O BAÚ DE MINHA AVÔ

(Continuação da pág. 50)

de ter de atende-lo, subiu numa escada, para tirar uma caixa de sapatos lá de cima. Na hora de puxar a caixa, perdeu o equilíbrio, estatelou-se no chão e acabou perdendo os sentidos. Não podia falar. Ficou com a cara congestionada. Fratura, viram logo que não era. Ferimento externo, não havia. Que é que podia ter sido? Ninguém atinava. Coltado de seu Lauro. Só depois de ter morrido foi que se descobriu. Estava engasgado. Tinha engulido a dentadura!

— Virgem, Chiquinha!...

— Passel dois dias inteiros chorando.. Chorando escondido, para que seu Elisário não visse. Mas parece que alguma coisa lhe soprou aos ouvidos. Perguntava que é que eu tinha, se não me sentia bem, se não seria melhor que me levasse à capital para ver um médico... Verdade seja dita: homem mais atencioso do que seu Elisário não podia haver... Mas era impossível para mim dissimular inteiramente... Nunca havia gostado de ninguém, — só de seu Lauro...

— Foi muito triste, foi...
— Agora eu me lembro... Meu pai me contou, quando cheguei de Sobral. E a dentadura desapareceu, não foi?

— Sim. Desapareceu. O médico que a arrancou da garganta dêle nunca soube explicar como foi... Mas a verdade é que seu Lauro foi enterrado sem ela... E aquela dentadura era o luxo dêle... Fizera um sacrifício enorme para ir à capital e botá-la...

Não falei com os outros sobre o caso. Achei melhor não dividir com ninguém esse segredo. Como neto de seu Elisário, eu me sentia mais ou menos ofendido com o fato de saber que minha avô amara outro homem, — e que esse homem não era meu avô. E imaginei o que não teria sido a vida dela, ao lado de seu Elisário, o homem que, afinal de contas, embora de modo involuntário, ajudara a causar a morte de seu Lauro. Quanto de sacrifício, não teria havido naquilo! Que não devia ter feito aquela pobre mulher para vencer a sua repugnância pelo marido, — e para dar-lhe, afinal, nada menos que oito filhos, em quatorze anos de vida em comum. Doi-me a idéia de que, sendo seu neto, não era, talvez, o neto desejado por ela, por ter sangue de seu Elisário, em vez de sangue de seu Lauro nas minhas veias. Um dia, de sopetão, saí-me com esta pergunta:

— Vovó, podia me dizer uma coisa? A senhora foi feliz com o vovô?

— Fui muito feliz. Seu avô era um bom homem. Gostava muito de mim...

— E a senhora também gostava dêle?
— Deixe de ser perguntador... Vá cuidar das suas gaiolas!

— Responda, vovó... A senhora também gostava dêle?

— Tive oito filhos. Isso prova outra coisa, senão que eu gostava dêle? Gostava, sim. Não digo que o amasse muito, mas gostava. Quer saber o que há naquele baú, não é? Pois são as roupas do seu avô... As últimas roupas que seu Elisário usou em vida... Os seus cintos, os seus suspensórios, os seus coletes, as suas camisas, o seu relógio de ouro... Está tudo guardado naquele baú. Todos os anos, tenho de estender tudo ao sol e de mudar a naftalina, senão as traças acabam com tudo...

— Mas para que a senhora quer isso?

Está tudo fechado a chave... A senhora nem vê...

— Quando quero, vejo... Vou lá. Abro o baú. Tiro essas coisas queridas para fora. Contemplo-as. E' como se estivesse vivendo a minha mocidade de novo. Naquele baú, está guardado o meu passadinho... Venha comigo. O dia hoje está bonito. Há muito sol. Vamos estender lá fora, numas cadeiras, as roupas do seu avô...

Fui ajudar a minha avô na sua piedosa tarefa. Eram enorme, as calças de meu avô. Ele devia ter morrido obeso, com o coração envolvido pela gordura opressiva. Estavam ali o seu revolver, a sua chibata de cavaleiro, o seu punhal de homem valente, símbolos da sua autoridade de sertanejo. Estavam ali as suas roupas de finas casemiras inglesas e de brim H. J., usados só pelos homens ricos. Aos poucos, o baú foi sendo esvasiado e o seu conteúdo levado para fóra, para o sol escaldante que se derramava sobre o quintal. Estávamos quase atingindo o fundo do baú, quando minhas

mãos tocaram um embrulho esquisito, que desfiz destratamente, num impulso de viva curiosidade, aproveitando a ausência da velha. Era um número antigo do "Clarim", em que havia uma poesia de Lauro de Araujo intitulada "Miosótis". O velho jornal provinciano, amarelecido e amassado, servia de embrulho a uma dentadura postiça. Refiz o embrulho e deixei-o discretamente onde estava. E nunca mais voltei a falar no baú, — o baú misterioso em que estava dormindo o romântico passado de vovó...

da do raio nessa casa. Veio Franklin e provou que o para-raio era mais eficaz que o ninho e a cotação das cegonhas declinou ainda mais. Encontramos somente na Casa da Moeda duas cegonhas de bronze, com os longos bicos jorrando água; em outros jardins e em outros prédios não as vimos. Realmente, isso é perda de "cartaz".

E aqui termina a nossa peregrinação pelos jardins e ruas da cidade, reunindo documentação sobre o "zoo" inanimado. Vimos, nessa rápida viagem urbana que alguns logradouros públicos estão sendo remodelados... e diminuídos, como a praça Saenz Peña, por exemplo, para que os ônibus ganhem mais espaço. Mas vimos, também, que o estado de muitos dos nossos parques e jardins é de abandono e de decadência. De tal decadência que os bichos talvez só não fujam deles por serem de pedra ou metal... Temos um novo prefeito, — o general Mendes de Moraes. Que êle não demore a fazer alguma coisa para melhorar os nossos tristes logradouros públicos.

JARDIM ZOOLOGICO

(Continuação da pág. 19)

essas e outras que o pobre palmipede anda perdendo a fama. Até 1850, mais ou menos, a cegonha gosava ainda de outro prestígio: acreditava o povo da Europa Central que o ninho da cegonha no telhado de uma residência evitava a cai-

O Vigor e a Perfeição do Corpo Humano

SI V. É DÉBIL E MAGRA, TOME CUIDADO COM AS GLÂNDULAS DESPROVIDAS DE IODO!

A magreza, a debilidade, o sangue pobre, o esgotamento nervoso, são, quase sempre, resultados de insuficiência de Iodo nas glândulas.

Os regimens de super-alimentação, os alimentos ricos em amidos e gorduras, de nada valem para certas pessoas que, apesar de terem ótimo apetite, continuam magras, esgotadas e abatidas...

Com a descoberta de VIKELP, você poderá aproveitar devidamente os alimentos ingeridos, transformando-os em músculos e carnes rijas.

VIKELP é um concentrado de sais minerais, que proporcionam a quantidade de Iodo natural, necessária às suas glândulas, em forma concentrada e, portanto, fácil de tomar. Além disso, com VIKELP você terá diariamente, o suprimento de ferro, cobre e fosfato de cálcio, bem como da vitamina B-1, uma das mais importantes para o organismo.

VIKELP restaura as forças e energias, acalma os nervos e estimula as glândulas digestivas, produtoras de suco gástrico, indispensável para a perfeita digestão de gorduras e amiláceos - fatores de peso, na alimentação.

Comece a tomar, ainda hoje, VIKELP. Dentro de pouco tempo você terá ganho novas forças.

Sentirá nova disposição para a vida e o prazer de ostentar um corpo forte e uma aparência sadia.

VIKELP é acessível a todos e acha-se à venda nas boas farmácias e drogarias.

Comprimidos

VIKELP



Standard

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

O ECLIPSE

Continuação da pag 52

Já não se olhava tanto para o sol, feito uma nesga de "crescente", fininho. Impressionava era a tranquilidade, tomando conta de tudo...

Em todas as janelas e portas—rostos esverdeados pelo efeito de luz, perquiridores, acovardados. Os homens fortes e os velhos, concentrados, pareciam rezar, submeter-se a um duro castigo. O céu carregava-se de trevas densas, estrelas começavam a piscar dentro daquela noite boreal. O silêncio tornava-se mais pesado, privando a respiração como se a cúpula do céu baixasse, baixasse...

Eu pensava mil coisas ao mesmo tempo. Doia-me a idéia de que iria morrer sem conhecer os segredos da vida, sem andar terras longinhas, falando francês... Pronto! os lobishomens nunca mais correriam 7 províncias... Ninguém daria jeito á catástrofe. Nem os padres, nem as rezas fortes de São Cipriano e dos macumbeiros. Nem que minha mãe rezasse o *Magnificat* como quando as chuvas de vento não queriam passar. Todos morreriam sem absolvição...

Aí foi que me lembrei de mãe Teresa. E meti-me correndo pelas trevas a dentro, vendo as estrelas brilhando no céu. A velha estava fora, no terreiro varrido que dava para o quintal. Quase não enxerguei o vulto delgado, murcho, envolto no manto marron, a fumaça do cachimbo confundida com a fumaça dos cabelos.

Não se divisava bem a plantação do quintal, onde a negra semeava o milho e outros legumes. Mal se viam as flôres amarelas do algodão, na ponta dos galhos secos. Mãe Teresa não dizia nada, resmungava, fazia uns gestos cabalísticos, chupitando o cachimbo.

Notei-lhe, também, a submissão ante o fenômeno, ante a onipotência dos deuses. Quis vol-

tar, mas que escuridão!... Talvez não conseguisse chegar à casa. Era esperar ali mesmo...

— O —

Minutos depois, inesperadamente, um jorro de luz varou o infinito, como poderoso holofote, cortando o espaço imenso. Assustei-me, mas não despreguei os olhos do clarão. Depois, olhei para mãe Teresa, que se benzeu, riu e pronunciou estas palavras:

— O zelação! ô zelação!

Clareava repentinamente. Na atmosfera pairou por um momento uma tênue claridade, um suave dilúculo de alvorada. Já a velha se tinha levantado,

indo até as proximidades das plantações, com seu passo cangueiro, ajudado pelo bastão. Virada para o plantio, gritou com suas forças de nonagenária: — Acorda, algodão! ô algodão, acorda!

Aquilo era profundamente misterioso. Uma alegria indescritível desafogou-me, invadiu-me todo—e me achei no dever de acompanhá-la. — Acorda, algodão!!! ...e o sol reapareceu.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

**P'RA MIM,
isto é um banquete completo!**



**Ah!... é um banquete com
Malzbier da Brahma**

É indubitável!... Quando Malzbier da Brahma aparece à mesa, o prazer da refeição é redobrado... sugere até um banquete!... E mais ainda: redobra também o seu valor nutritivo. Porque Malzbier da Brahma é rica em malte. Por isso, completa e equilibra qualquer refeição. E sua presença à mesa torna-se indispensável quando há necessidade de compensar a falta de um ou outro alimento. Ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, Malzbier da Brahma é, por excelência, a saborosa cerveja do lar.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vis, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

COMPLETA E
EQUILIBRA

Suas refeições



BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

O RETRATO

(Continuação da pág. 46)

Aprovada unanimemente a idéia (com abstenção do voto de Iolanda), lá fomos nós, corredores afóra, alvoroçadas, rumo à sala de reunião dos professores. Antes de sair, ainda olhei, distarçadamente, para o fundo da classe. Lá continuava, alheia, a figura esbelta da mascadora de "chiclet". Ela é bem bonita" — confessei a mim mesma, contrafeita — "Acho que muito mais do que eu".

O professor Camargo nos recebeu um tanto admirado.

— Comissão? — perguntou, endireitando os olhos e esperando que alguém tomasse a palavra. Todas, porém, começaram a falar e a gesticular ao mesmo tempo, numa balburdia.

Achei que, como autora da obra de arte, devia liderar o grupo. Todas se calaram, quando pedi silêncio.

— Viemos convidá-lo para visitar nossa classe, por uns instantes. Temos, lá, uma surpresa para o senhor.

O rosto do professor se iluminou e a curiosidade se acendeu nos olhos dos outros que lá estavam, aguardando o próximo sinal para o início de suas aulas.

— Os senhores podem vir também — ajuntei, fazendo uma cortesia, que julgava de muito bom efeito.

Voltámos em procissão, pelo mesmo caminho. Desta vez, com um pouco menos de barulho e um pouco mais de compostura, em atenção aos lentes que escoltávamos. Vários alunos de outras séries seguiam também, curiosos, atrás de nós.

Ao chegarmos em frente à porta — que uma de nós

fechára, previamente, para causar melhor efeito — varámos todos, expectantes

O professor se adiantou, com seus colegas, e eu abri a porta estreita, com um gesto meio teatral. Mas minhas mãos estavam frias.

— Pronto, professor. Póde olhar agora.

Afastei-me para um lado e fiquei de olhos espetados no rosto do mestre, para não perder nenhum dos sinais de sua admiração. Ela, porém, foi maior do que eu espe-

nei a vêr o desenho. O côro das exclamações das colégas abafou o meu "ah!" aflito e compreensivo.

Entreolhámo-nos, estupefactas.

O retrato continuava, intacto, no quadro negro. Mas, abaixo dele, em letras de fôrma, caprichadas, garrafais, alguém havia escrito, maldosamente, mas com muito espírito:

"SEM QUEIXO... E SEM CORAÇÃO".

Olhei depressa para o lugar de Iolanda: vazio.

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:

Tratar com

JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217

FONE — 6-6718

BEATRIZ COSTA DIZ ADEUS À SUA CARREIRA ARTÍSTICA!

(Continuação da pág. 25)

tunada em minha carreira e posso dizer que nela, pelo meu esforço e pela generosidade do público, não conheci fracassos. Mas tudo cansa. Trabalhei muito e, agora, creio que faço jús a um pouco de sossego e de felicidade, coisas que não são possíveis com a agitação dos bastidores, o sobressalto das estréias, as responsabilidades dos negócios, etc. Eu e meu marido nos entendemos muito bem e faço questão de acentuar que me afastei das atividades artísticas voluntariamente, — e não por imposição dele. Deixo uma vaga aberta, sem nenhuma máguia, para que alguma artista jovem e ambiciosa, talvez de mais talento do que eu, venha preenchê-la junto ao público, a cujo aplauso sempre fui grata, mas que nunca desejei monopolizar.

Depois de ter visitado o Egito e a Palestina, o casal Gregorian ira também à Finlândia, à Suécia, à Itália, à Espanha e à Inglaterra, não estando fora das cogitações um pulo aos Estados Unidos. O marido de Beatriz Costa pretende escrever suas impressões de viagem, tendo projetado um livro, "Roteiro lírico das aldeias portuguesas", como uma homenagem à terra de sua esposa.

CANCER 1ª instalação de radioterapia à super-voltagem (400.000 volts) nos Estados de S. Paulo, Rio, Dist. Federal e Estados do Sul.

DRS. FORTES e AZZI

R. B. Itapetininga, 139 — Fone 4-0394 — São Paulo

cava e todos que espichavam o pescoço sobre o ombro dele, para vêr também, me pareciam estar representando um papel já ensaiado, em que era necessário aparentar um espanto exagerado.

O professor Camargo continuava de olhos fitos lá dentro e não se voltou para perguntar, com voz rouca:

— Quem foi que fez isto?

As colegas, lá atrás, cantaram meu nome e eu também me apresentei, com uma pontinha irreprimível de orgulho na voz:

— Fui eu, professor!

Ele, então, me olhou, perplexo, e os outros fizeram o mesmo, como si fossem todos movidos pela mesma móla. Achei aquilo muito estranho.

— A... a... senhó...ra? — gaguejou, com incredulidade.

— Fui, sim, professor. Porque? Não está gostando? Não tive intenção de ofendê-lo. Pelo contrário...

Tornou a olhar-me de alto a baixo, sem nada dizer, com uma expressão de que jamais me esquecerei — tal o abalo que senti, naquêle instante — e se afastou, com solenidade, levando no rosto crispado, o tom vermelho mais intenso que jamais lhe vi na face rubicunda. Os outros o seguiram, antes que pudessemos compreender a situação.

Um frio desagradável me correu pela espinha e me amoleceu as pernas, quando entrei, enfim, na sala e tor-

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acôrdo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas conseqüências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.

Numeros atrasados desta revista no Pará

pedir a

Albano H. Martins & Cia.

Travessa Campos Sales, 85 - Belem



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

H
A
L
L



MOBILIARIOS – TAPEÇARIAS – DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS GRATIS



65 .. RUA DA CARIOCA .. 67 .. RIO



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

